

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
EMBRAPA MANDIOCA E FRUTICULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RECURSOS GENÉTICOS
VEGETAIS**

**SOLANACEAE JUSS NO PARQUE NACIONAL DE BOA
NOVA, BAHIA, BRASIL**

Rodrigo José Araújo De Jesus

CRUZ DAS ALMAS- BAHIA

MARÇO DE 2024

SOLANACEAE JUSS NO PARQUE NACIONAL DE BOA NOVA, BAHIA, BRASIL

RODRIGO JOSÉ ARAÚJO DE JESUS

Bacharel em Biologia

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2023

Dissertação apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Recursos Genéticos Vegetais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Recursos Genéticos Vegetais.

Orientadora: Profa. Dra Lidyanne Yuriko Saleme Aona

Coorientador: Prof. Dr. Leandro Lacerda Giacomini

CRUZ DAS ALMAS, BAHIA

MARÇO DE 2024

FICHA CATALOGRÁFICA

J58s	<p>Jesus, Rodrigo José Araújo de. Solanaceae do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil: Solanaceae nas diferentes fitofisionomias do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil / Rodrigo José Araújo de Jesus. Cruz das Almas, BA, 2024. 100f.; il.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas, Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais.</p> <p>Orientadora: Prof. Dra. Lidyanne Yuriko Saleme Aona. Coorientador: Prof. Dr. Leandro Lacerda Giacomin.</p> <p>1.Botânica – Solenacea. 2.Botânica – Biologia vegetal. 3.Classificação – Análise. I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas. II.Título.</p> <p>CDD: 580</p>
------	---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
EMBRAPA MANDIOCA E FRUTICULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RECURSOS GENÉTICOS
VEGETAIS**

**SOLANACEAE NO PARQUE NACIONAL DE BOA NOVA, BAHIA,
BRASIL**

Comissão Examinadora da Defesa de Dissertação de

Rodrigo José Araújo de Jesus

Aprovado em 01 março de 2024

LIDYANNE YURIKO SALEME AONA
PINHEIRO:02800848626

Assinado de forma digital por
LIDYANNE YURIKO SALEME AONA
PINHEIRO:02800848626
Dados: 2024.08.28 16:22:33 -03'00'

Prof^a Dr^a Lidyanne Yuriko Saleme Aona
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Orientadora



Documento assinado digitalmente
VALERIA DA SILVA SAMPAIO
Data: 28/08/2024 20:37:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Valéria da Silva Sampaio
Universidade Regional do Cariri



Documento assinado digitalmente
PATRICIA LUZ RIBEIRO
Data: 29/08/2024 09:40:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Patrícia Luz Ribeiro
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que sob muito sol, fez com que eu
chegasse até aqui, na sombra.

Aos meus estudantes, para que nunca percam a capacidade de sonhar.

AGRADECIMENTOS

Em mais um passo dado da jornada, gostaria de agradecer, sobretudo, a Deus, por me permitir vivenciar tantas coisas incríveis e superar tantos obstáculos ao longo desse período.

Minha família é composta por pessoas fortes e gigantes, especialmente as mulheres e matriarcas, com suas histórias admiráveis e inspiradoras. À minha mãe, Maria das Graças, por sempre confiar em mim e me incentivar, por todos os acalantos quando eu mais precisei e por toda torcida. Agradeço também à minha outra mãe, Jucélia, por participar de minha criação e me incentivar. À minha irmã, Barbara, por partilhar a vida comigo. À minha tia, Juliana minha primeira referência de vida acadêmica e de valorização da educação. Ao conhecer sua história e perceber que caminhava diariamente 8 km para ir a outro município cursar sua graduação eu pude perceber que por mais que a caminhada fosse difícil eu conseguiria. Agradeço à minha avó Antônia, mulher forte que criou seus filhos com muita luta, matriarca da família, por todo apoio, carinho e ensinamento a mim demonstrado. À minha tia avó Maria, por todo carinho, cuidado e incentivo desde minha infância até os dias atuais. Agradeço imensamente a meu Pai, Roque José, que incansavelmente me demonstra amor das mais variadas formas e me inspira sempre a ser uma pessoa melhor, meu porto seguro.

Ao meu padrinho, Renato, por estar sempre ao meu lado e não medir esforços em me ajudar e me incentivar.

À minha querida orientadora, Dra. Lidyanne Aona, por me acolher, incentivar e formar desde a graduação, sou muito grato por tudo, principalmente por ouvir minhas avalanches repentinas de ideias, por me inspirar, me ouvir quando eu preciso e por acreditar em mim.

Ao meu coorientador, Dr. Leandro Giacomin, por toda paciência, todos os ensinamentos e toda parceria firmada ao longo desse tempo. Agradeço o privilégio de aprender com você e por ser uma inspiração para mim.

Aos amigos, que tornam a minha caminhada mais leve e prazerosa. Agradeço aqueles que me acompanham e me incentivam nas minhas jornadas, em especial Joilson, Adriele Nonato, Adriele Conceição, Mayana Rocha, Renan, Rodrigo, João Vitor, Tiago, Larissa, Taís, Janaína, Luiz Otávio, Ana Paula, Fernanda, Jaci e Mateus, Carolina, Emanuelle Cassiële e Jouzeany. E aos amigos que o PPGRGV me deu, sem dúvidas a turma mais unida da história desse programa. Agradeço em especial a Luana, Juliana, Tiago e Pablo, que tornaram minha caminhada mais feliz.

A toda equipe HURB, pelos momentos maravilhosos ao longo desses anos (e dos próximos que virão rs), grato pelos ensinamentos partilhados.

À CAPES, pela concessão da bolsa e pelo fomento à pesquisa e educação nesse país.

Ao programa de Pós-graduação em Recursos Genéticos Vegetais, por todos os momentos vivenciados e por todas as construções que me foram permitidas enquanto representante discente. Agradeço em especial ao Dr. Everton Hilo, por todo cuidado e atenção, a Dra. Manuela Oliveira e Dra. Andrea Vita pela amizade construída.

Ao Dr. Grênivel Costa, pela companhia no laboratório com muitos conselhos e risadas. Ao Dr. Marcus Vinicius, pelo incentivo, pela criação do mapa e pela companhia ao longo da jornada.

Aos curadores dos herbários CEPEC, HUEFS, HUESB, UESC e ALCB, pela recepção e auxílio, em especial à Rogersia, Dra. Maria Guadalupe, Dr. Jomar Jardim, Elaine e Dra. Teo Nunes.

Ao ICMBio por todo apoio nas expedições de campo em Boa Nova, em especial aos brigadistas Tiago Rocha Reis da Silva, Ademario Paulo dos Santos (Careca) e Marcos Santiago dos Santos, por toda hospitalidade e disponibilidade.

Aos membros da banca, por aceitarem contribuir para este momento importante, Dra. Valéria Sampaio e Dra. Patrícia Luz Ribeiro.

Agradeço à Educação pública, da qual sou fruto, em especial à Edésia gomes (*in memoriam*), minha professora de alfabetização e vizinha que me ensinou tanto ao longo de sua vida. Agradeço à Professora Elisete Borges, que me ensinou a falar de Ciências com os olhos brilhando de paixão pela vida em todos os sentidos e por todo incentivo e cuidado até hoje. Agradeço aos estudantes que já passaram por mim ao longo desses 10 anos no chão da sala de aula, sobretudo daqueles que me enchem de alegria e estão cursando Biologia e afins cativados por mim.

Sigo feliz, confiante e sorridente, na certeza de que sou o sonho mais bonito de meus ancestrais e a continuação de muitas conquistas para meu povo.

EPÍGRAFE

Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada —
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser...

Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)

RESUMO

O Parque Nacional de Boa Nova (PNBN) é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral destinada à preservação da vida selvagem e das espécies endêmicas da região, além de proteger uma área de transição importante entre os domínios da Caatinga e Mata Atlântica. É possível observar na área de estudo as fitofisionomias Floresta Ombrófila Densa Submontana, Floresta Decidual, Floresta Estacional Semidecidual com Lianas e Vegetação Sobre Afloramento Rochoso. Dentre as famílias ocorrentes no PNBN destaca-se Solanaceae, que possui distribuição subcosmopolita, com aproximadamente 97 gêneros e 2700 espécies, apresentando maior endemismo e diversidade nos neotrópicos. Esta família tem espécies de importância global na agricultura e possui relevância ornamental e farmacológica, além de algumas espécies serem usadas como sistemas de modelo biológico. Nesse sentido, o presente trabalho visa realizar o levantamento de espécies de Solanaceae nas diferentes fitofisionomias do PNBN, fornecendo breves descrições, chave de identificação, discussão e ilustrações das espécies. Foram realizadas cerca de 30 expedições de campo entre agosto de 2012 e abril de 2023, coletando material botânico que foi herborizado e depositado no Herbário do Recôncavo da Bahia (HURB). O levantamento contou com consultas a diversas coleções dos herbários HURB, CEPEC, HUESB-JQ, HUEFS, UESC e ALCB. O estudo identificou 35 espécies de Solanaceae e oito gêneros no PNBN, sendo a maioria encontrada na Floresta Ombrófila Densa Submontana. Destaca-se a presença das espécies *Solanum megalonyx* Sendtn. e *S. stipulaceum* Willd. ex Roem & Schult em todas as fitofisionomias do PNBN. *Solanum confertiflorum* Stehmann & Tabosa e *Dyssochroma jardimii* (in prep.) são as únicas espécies endêmicas da Bahia nesse estudo. Das 35 espécies em estudo, aproximadamente 49% são endêmicas do Brasil. Uma possível nova espécie de *Solanum* foi identificada no PNBN, e outras duas espécies, *Solanum bahianum* S.Knapp e *S. restingae* S.Knapp foram classificadas como ameaçadas de extinção. As espécies do PNBN representam ca. 26% da diversidade de Solanaceae para o estado da Bahia e ca. 19% para o Nordeste. Em suma, este levantamento não somente forneceu informações valiosas sobre a diversidade de Solanaceae na região de estudo. Esses dados são essenciais, não apenas contribuindo para a manutenção dos ecossistemas e das funções ecológicas essenciais, mas também valoriza o patrimônio natural do estado e da região, servindo como base para futuras pesquisas e para o desenvolvimento de estratégias de manejo, sobretudo da flora local.

Palavras-chave: Unidades de Conservação; *Solanum*; biodiversidade, florística; endemismo.

ABSTRACT

The Boa Nova National Park (PNBN) is a Full Protection Conservation Unit aimed at preserving wildlife and endemic species of the region, as well as protecting an important transition area between the Caatinga and Atlantic Forest domains. In the study area, the following phytophysognomies can be observed: Submontane Dense Ombrophilous Forest, Deciduous Forest, Semi-deciduous Seasonal Forest with Lianas, and Vegetation on Rocky Outcrops. Among the families present in PNBN, Solanaceae stands out, with a subcosmopolitan distribution, approximately 97 genera and 2,700 species, showing greater endemism and diversity in the Neotropics. This family includes species of global importance in agriculture, as well as having ornamental and pharmacological relevance, with some species being used as biological model systems. In this context, the present work aims to survey Solanaceae species in the different phytophysognomies of PNBN, providing brief descriptions, an identification key, discussions, and illustrations of the species. About 30 field expeditions were carried out between August 2012 and April 2023, collecting botanical material that was processed and deposited in the Herbário of Recôncavo da Bahia (HURB). The survey also included consultations with various collections from the HURB, CEPEC, HUESB-JQ, HUEFS, UESC, and ALCB herbaria. The study identified 35 Solanaceae species and eight genera in PNBN, most of which were found in the Submontane Dense Ombrophilous Forest. The presence of *Solanum megalonyx* Sendtn. and *S. stipulaceum* Willd. ex Roem & Schult. in all phytophysognomies of PNBN is noteworthy. *Solanum confertiflorum* Stehmann & Tabosa and *Dyssochroma jardimii* (in prep.) are the only species endemic to Bahia in this study. Of the 35 species studied, approximately 49% are endemic to Brazil. A potential new species of *Solanum* was identified in PNBN, and two other species, *Solanum bahianum* S. Knapp and *S. restingae* S. Knapp, were classified as endangered. The species in PNBN represent around 26% of the diversity of Solanaceae in the state of Bahia and around 19% for the Northeast region. In summary, this survey not only provided valuable information on the diversity of Solanaceae in the study area but also offered essential data that contribute to the maintenance of ecosystems and essential ecological functions. It highlights the natural heritage of the state and the region, serving as a foundation for future research and the development of management strategies, particularly for the local flora.

Keywords: Conservation Units; *Solanum*; Biodiversity.

LISTA DE ABREVIATURAS / FIGURAS / QUADROS ou TABELAS

CI	Conservação Internacional
FATSS	Florestas e Arbustais Tropicais Sazonalmente Secos
FED	Floresta Estacional Decidual
FESLI	Floresta Estacional Semidecidual com Lianas
FODS	Floresta Ombrófila Densa Submontana
MMA	Ministério do Meio Ambiente
PNBN	Parque Nacional de Boa Nova
REVIS	Refúgio de Vida Silvestre
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UC	Unidades de Conservação
VESAR	Vegetação Sobre Afloramento Rochoso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
2.1 Mata Atlântica	14
2.2 Caatinga.....	16
2.3 O Parque Nacional de Boa Nova	17
2.4 Solanaceae	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21
Solanaceae nas diferentes fitofisionomias do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil.....	28
Material and methods.....	31
Results and Discussion.....	32
Chave de identificação para as espécies de Solanaceae do Parque Nacional de Boa Nova....	38
1.1 <i>Athenaea fasciculata</i>	41
1.2 <i>Athenaea hunzikeriana</i>	42
1.3 <i>Athenaea pogogena</i>	43
2.1 <i>Brugmansia suaveolens</i>	44
3.1 <i>Brunfelsia hydrangeiformis</i>	45
3.2 <i>Brunfelsia uniflora</i>	46
4.1 <i>Cestrum axillare</i>	47
4.2 <i>Cestrum bracteatum</i>	48
4.3 <i>Cestrum intermedium</i>	48
4.4 <i>Cestrum salzmännii</i>	49
4.5 <i>Cestrum schlechtendalii</i>	50
5. 1 <i>Dyssochroma jardimii</i>	51
6.1 <i>Lycianthes pauciflora</i>	52
7.1 <i>Physalis angulata</i>	53
7.2 <i>Physalis pubescens</i>	54
8.1 <i>Solanum acerifolium</i>	55
8.2 <i>Solanum agrarium</i>	56
8.3 <i>Solanum asterophorum</i>	57
8.4 <i>Solanum bahianum</i>	58
8.5 <i>Solanum confertiflorum</i>	58
8.6 <i>Solanum depauperatum</i>	59
8.7 <i>Solanum didymum</i>	60
8.8 <i>Solanum megalonyx</i>	61
8.9 <i>Solanum melissarum</i>	62
8.10 <i>Solanum palinacanthum</i>	63
8.11 <i>Solanum paniculatum</i>	64
8.12 <i>Solanum polytrichum</i>	64
8.13 <i>Solanum reflexiflorum</i>	66
8.14 <i>Solanum restingae</i>	66
8. 15 <i>Solanum stipulaceum</i>	67
8.16 <i>Solanum sycocarpum</i>	68
8.17 <i>Solanum swartzianum</i>	69
8.18 <i>Solanum viarum</i>	70
8.19 <i>Solanum</i> sp. 1	71
Conclusions.....	71
References.....	72

1. INTRODUÇÃO

As Unidades de Conservação (UC) são definidas pela Lei nº 9.985, de julho de 2000, como uma área territorial e seus recursos ambientais, com características naturais relevantes, incluindo as águas jurisdicionais. Destaca-se a necessidade das UCs em proteger áreas naturais com características específicas e preservar a fauna, a flora, os rios e mares, promovendo o equilíbrio na natureza (BRASIL, 2000a).

No ano de 2000, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) classificou estas áreas em Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável, sendo a primeira subdividida em cinco categorias, com normas bastante restritas e mais direcionadas à pesquisa e conservação da biodiversidade. Já as Unidades de Uso Sustentável apresentam sete categorias principalmente direcionadas para visitação e atividades educativas, além do uso sustentável de seus recursos (BRASIL, 2000a).

Em um país megadiverso, onde a economia é intrinsecamente ligada à natureza, é crucial que o valor ambiental preservado por essas áreas seja devidamente reconhecido, permitindo que tais áreas sejam percebidas tanto pela sociedade quanto pelas autoridades públicas como elementos impulsionadores do desenvolvimento socioeconômico, ao mesmo tempo em que desempenham um papel fundamental na conservação da biodiversidade (YOUNG; MEDEIROS, 2018).

Há aproximadamente 41 Unidades de conservação no estado da Bahia, classificadas entre unidades de proteção integral ou de uso Sustentável. Dentre estas unidades está o Parque Nacional de Boa Nova (PNBN), que foi criado decreto de 11 de junho de 2010, para servir de Refúgio de Vida Silvestre, abrigando, inclusive espécies endêmicas, além de proteger uma importante área de transição na região (BRASIL, 2022; BAHIA, 2024). O PNBN é classificado enquanto uma Unidade de Proteção Integral (BRASIL, 2010).

A criação do PNBN se deu pela motivação de proteger integralmente e regenerar os ecossistemas naturais da transição entre Mata Atlântica e Caatinga, especialmente a Mata-de-Cipó, garantir a manutenção de populações viáveis de espécies de aves e mamíferos ameaçadas de extinção, especialmente o gravatazeiro (*Rhopornis ardesiacus*, Aves: *Thamnophilidae*),

bem como manter e recuperar mananciais e cursos d'água e possibilitar o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, recreação em contato com a natureza e turismo ecológico, além de possibilitar o desenvolvimento de pesquisa científica (BRASIL, 2022). O PNBN é bastante marcado pela transição de dois importantes domínios fitogeográficos, a Mata Atlântica e a Caatinga (BRASIL, 2010).

Junto com o PNBN, foi criado o Refúgio de Vida Silvestre (REVIS), que também tem por objetivo proporcionar conectividade entre as áreas do Parque. Em conjunto, as duas áreas somam mais de 27 mil ha de áreas protegidas (BRASIL, 2010).

Desta forma, este trabalho visa levantar as espécies de Solanaceae nas Fitofisionomias do Parque Nacional de Boa Nova, para compreender as informações sobre a diversidade e distribuição desta família em diferentes ambientes. No capítulo a seguir, é apresentado um levantamento florístico de Solanaceae nas diferentes fitofisionomias do PNBN.

Ao longo do texto é apresentado um tratamento taxonômico para as espécies, com comentários, chave de identificação e ilustrações de sua morfologia, bem como um mapa caracterizando a área de estudo e suas fitofisionomias. O tratamento taxonômico permitiu evidenciar uma nova espécie do gênero *Solanum* L. para a ciência que ocorre na área de estudo.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Mata Atlântica

A Mata Atlântica é um ecossistema com elevados índices de biodiversidade e endemismo em termos de florestas tropicais (MYERS *et al.*, 2000). Entretanto, apesar de elevada biodiversidade e endemismo, a sua conservação está criticamente ameaçada, motivo este que fez com que a organização não-governamental Conservação Internacional (CI) incluísse este domínio fitogeográfico entre um dos cinco primeiros biomas na lista de *hotspots* (LAMOUREX, 2005.).

A Mata Atlântica é composta por variadas fitofisionomias com elevada diversidade vegetal, incluindo as florestas de planície e de altitude, as matas costeiras e de interior, as ilhas oceânicas, as encaves e brejos interioranos no Nordeste e os ecossistemas associados, como as restingas, os manguezais e os campos de altitude, tendo grande influência pela costa, relevo, tipos de solo e regimes pluviais, fornecendo assim informações que caracterizam unidades biogeográficas básicas em toda sua região (BRASIL, 2000b; CONAMA, 2002; TABARELLI; MELO; LIRA, 2006; ARAUJO; CRUZ; VICENS, 2007).

Originalmente, o domínio fitogeográfico ocupava uma faixa 1.306.421 km², se estendendo pela faixa costeira do Ceará ao Rio Grande do Sul, fazendo divisa com o leste do Paraguai e Nordeste da Argentina, compreendendo 17 estados do território brasileiro (CAMPANILI, PROCHNOW, 2006; SANTOS *et al.*, 2015).

Atualmente, o Brasil possui cerca de 29% de sua cobertura vegetal do domínio Mata Atlântica em diferentes estágios de regeneração (BRASIL, 2024). Isto se deve à ação antrópica que degradou a Mata Atlântica, sobretudo na região Nordeste, onde as atividades eram intensas, seja pelo extrativismo do pau-brasil ou pelo plantio de cana de açúcar e expansão pecuária. Estima-se que a cobertura vegetal da região Nordeste possua maior parte da remanescente de Floresta Atlântica na Bahia, revelando elevada riqueza (TABARELLI; MELO; LIRA, 2006; THOMAS *et al.*, 2009).

É na Mata Atlântica do Nordeste que ocorrem quatro dos cinco centros de endemismo do domínio. Dois destes centros localizam-se ao norte do Rio São Francisco: Centro de Endemismo Pernambuco e os Brejos Nordestinos, (sendo possível observar no Centro Brejos Nordestinos as ilhas de floresta estacional encravadas no semiárido); outros dois abrangem pequenas porções nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo: os Centros de Endemismo de Diamantina e da Bahia, este último centro é uma das áreas mais ricas em florestas tropicais do mundo (TABARELLI; MELO; LIRA, 2006).

Dentre as formações florestais nativas da Mata Atlântica estão as florestas Ombrófila Densa, Ombrófila Mista, também denominada de Mata de Araucárias, Ombrófila Aberta; Estacional Semidecidual e Estacional Decidual (BRASIL, 2024).

Dessa forma, a Mata Atlântica é um ecossistema que oferece ampla gama de serviços essenciais, que vão desde a produção, regulação e abastecimento de água até a regulação climática e a proteção contra desastres naturais, além de proporcionar a fertilidade e proteção do solo e proporcionar paisagens cênicas. Com cerca de 20 mil espécies vegetais e aproximadamente 2 mil espécies de fauna, sendo 850 espécies de aves, 370 espécies de anfíbios, 200 espécies de répteis, 270 espécies de mamíferos e 350 espécies de peixes. A Mata Atlântica possui 8,5% de sua área está protegida por Unidades de Conservação ao longo de 17 estados brasileiros (BRASIL, 2024).

2.2 Caatinga

O domínio fitogeográfico da Caatinga ocupa uma área de aproximadamente 844.453 km², cerca de 11 % do território nacional, abrangendo todos os estados da região Nordeste e o norte de Minas Gerais (MMA, 2022). A flora da Caatinga é predominantemente constituída por árvores de baixo porte e arbustos com ramificações abundantes, frequentemente armados com espinhos ou acúleos, geralmente apresentam folhas pequenas, intercalados com plantas suculentas, especialmente cactos (FERNANDES; QUEIROZ, 2018). Além disso, há um estrato herbáceo composto por plantas anuais, bromélias terrestres e cactos rasteiros (FERNANDES; QUEIROZ, 2018).

A vegetação característica da Caatinga está incluída em um bioma global chamado Florestas e Arbustais Tropicais Sazonalmente Secos (abreviação em inglês FATSS), a Caatinga destaca-se por abrigar a maior diversidade de espécies entre os núcleos de FATSS no Novo Mundo (FERNANDES; QUEIROZ, 2018).

Embora vastas áreas da Caatinga permaneçam inexploradas ou com poucos registros de coleta, nota-se considerável riqueza em sua biodiversidade e baseado no conhecimento, é possível afirmar que ocorrem, pelo menos, 3.150 espécies distribuídas em 950 gêneros e 152 famílias de angiospermas, além das 178 espécies de mamíferos, 591 de aves, 177 de répteis, 79 de anfíbios, 241 de peixes e 221 de abelhas (FERNANDES; QUEIROZ, 2018; MMA, 2022).

A Caatinga apresenta terrenos cristalinos praticamente impermeáveis e terrenos sedimentares bem adaptados à reserva de água subterrânea (ALVES;

ARAÚJO; NASCIMENTO, 2009). Os solos, em sua maioria, são pouco desenvolvidos, pedregosos, ricos em minerais e com pouca espessura, além da baixa capacidade de reter água, o que limita a produção primária da região (ALVES; ARAÚJO; NASCIMENTO, 2009).

A cobertura vegetal é composta por formações xerófilas, consideravelmente diversificadas por fatores climáticos, edáficos, topográficos, e antrópicos, ocorrendo também as florestas dos relevos, que são florestas perenifólias e subperenifólias ocorrentes em brejos de altitude e encostas expostas aos fluxos úmidos de ar e de florestas semdecíduas (ALVES; ARAÚJO; NASCIMENTO, 2009).

A vegetação da Caatinga é composta por espécies lenhosas (caducifólias) e herbáceas (anuais), com numerosas famílias, como Fabaceae, Euphorbiaceae e Cactaceae, tornando a paisagem da região com formação predominante de espécies lenhosas, arbustos e árvores de pequeno porte (ARAÚJO FILHO; CARVALHO, 1997).

A Caatinga possui duas estações bem definidas: a seca e a chuvosa, sendo fortemente sazonal, devido às suas condições meteorológicas, como alta radiação solar, temperatura anual elevada relativamente estável, precipitações relativamente baixas e irregularidades ao longo do ano (SILVA *et al.*, 2017; FERNANDES; QUEIROZ, 2018).

Durante a estação chuvosa, a paisagem revela uma exuberância, com árvores e arbustos ostentando folhas novas e flores abundantes, um cenário que contrasta intensamente com a aparência xerófila da estação seca, quando as plantas ficam despojadas de folhagem e quase não se percebe sinal de vida (FERNANDES; QUEIROZ, 2018).

2.3 O Parque Nacional de Boa Nova

Nos domínios fitogeográficos presentes no PNBN existem diferentes fitofisionomias, que se destacam por suas características peculiares, tanto por formação vegetacional, quanto por ocorrência de espécies.

A Floresta Estacional Semidecidual com Lianas é comumente conhecida como Mata de Cipó, caracterizada por uma formação florestal de porte relativamente baixo, seu dossel possui aproximadamente 12 metros de altura,

com composição florística com muitas espécies de cipós e lianas (SANTOS *et al.*, 2007; BRASIL, 2010).

Em locais de maiores altitudes, é possível observar os Afloramentos Rochosos, que são conhecidos como Lajedos e apresentam uma extensão de rocha exposta em meio às formações de Caatinga e Mata Atlântica (BARBOSA, 2021).

As diferentes formações do PNBN chamam a atenção de turistas e moradores, sobretudo porque ocorrem muitos visitantes florais, como os Beijaflores. Além disso, das aproximadamente 450 espécies de aves, o gravatazeiro (*Rhopornis ardesiacus*, Aves: Tamnophilidae) é endêmico da mata de cipó (NUNES, 2019).

É possível observar algumas ações antrópicas que perturbam a vegetação do PNBN, mesmo após sua criação, atividades, como a de pecuária, resultam em incêndios que tem sido recorrente em algumas áreas do parque. Entretanto, a vegetação local não é adaptada ao fogo, o que pode trazer consequências à biodiversidade local. Tal fato pode decorrer da possível falta de conscientização de moradores da área que ainda não reconhecem a importância desta Unidade de Conservação. De acordo com relatos de moradores da região, há algumas décadas, algumas áreas foram utilizadas por mineradoras para extrair granito. Dessa forma, realizar levantamentos florísticos e divulgá-los tanto para a comunidade científica quanto para os moradores da região de estudo pode ser uma ferramenta importante para promover a conscientização sobre esses ecossistemas.

É possível observar um aumento no número de pesquisas botânicas no PNBN nos últimos anos (AMORIM *et al.*, 2014; BRANDÃO, 2014; WILMOT-DEAR *et al.*, 2014; VITÓRIO, 2016; RÊGO; AZEVEDO, 2017; FONSECA *et al.*, 2020, SIMÕES *et al.*, 2020; BARBOSA, 2021; SAMPAIO, 2023).

Merecem destaque, dois trabalhos realizados no PNBN, que promoveram um levantamento florístico nas diferentes fitofisionomias da região. No trabalho preliminar de Vitória (2016), foram citadas cerca de 446 espécies, distribuídas em 95 famílias, destacando registro de oito espécies de Solanaceae. Já no estudo de Sampaio (2023), foram citadas 1006 espécies, distribuídas em 115 famílias e 489 gêneros sendo 9 espécies endêmicas para o parque, com destaque para 28 espécies de Solanaceae.

2.4 Solanaceae

A família Solanaceae possui distribuição subcosmopolita, abrigando 97 gêneros e aproximadamente 2700 espécies, sendo mais diversa nos trópicos, onde ocorre maior número de endemismo (HUNZIKER, 2001; KNAPP *et al.*, 2004; KNAPP, 2010).

A América do Sul já vinha sendo apontada como provável centro de origem da família, compreendendo considerável riqueza em espécies (D'ARCY, 1991) e foi confirmada com estudos biogeográficos e com dados moleculares, apontando a distribuição ancestral da família na América do Sul antes de se estender aos demais continentes (DUPIN *et al.*, 2016).

Atualmente, a família é aceita como pertencente à ordem Solanales, bem como as demais famílias Convolvulaceae, Hydroleaceae, Montiniaceae e Sphenocleaceae (APG IV, 2016). Entretanto, as questões taxonômicas da família ainda são complexas e não foram completamente esclarecidas (GIACOMIN, 2010). Embora fatores como complexidade morfológica e distribuição das espécies tenham dificultado a compreensão taxonômica de alguns gêneros, abordagens moleculares estão se mostrando úteis para elucidar sua estrutura filogenética geral (WEESE; BOHS, 2007).

Esta família apresenta características como, hábitos que variam bastante, desde pequenas ervas anuais até árvores (KNAPP *et al.*, 2004). Suas folhas são alternas e espiraladas, frequentemente em pares no mesmo lado do caule, simples, às vezes lobadas ou até compostas pinadas, inteiras a cerradas, com venação peninérvia; estípulas ausentes, caules com floema interno; inflorescência geralmente não escorpioide, flores com disco nectarífero às vezes reduzidas a uma única flor; as flores são geralmente vistosas, dioicas, actinomorfas, em alguns casos, ligeiramente zigomorfas, corola actinomorfa ou zigomorfa, rotada, estrelada, tubular, infundibuliforme ou hipocrateriforme, (BARBOZA, *et al.*, 2016).

Os 10 gêneros mais numerosos da família são: *Solanum*, *Cestrum* L., *Nolana* L. f., *Jaltomata* Schtdl., *Lycianthes* (Dunal) Hassl., *Deprea* Raf., *Nicotiana* L., *Lochroma* Benth., *Lycium*, e *Capsicum* L. Entre os gêneros, destaca-se *Solanum*, que possui 1.246 espécies, sendo o maior e mais diverso gênero

de Solanaceae, ocupando o sexto lugar em número de espécies em uma escala de ocorrência continental (BOHS; OMSTEAD, 1997; ULLOA *et al.*, 2017, HILGENHOFF *et al.* 2023).

No Brasil, a família está bem representada e inclui 36 gêneros e 506 espécies, sendo 236 destas endêmicas (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2020). O gênero *Solanum* é representado por de 291 espécies, sendo 143 endêmicas (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2020). A família apresenta diferentes meios de dispersão, o que favorece a ampla distribuição nos ambientes, destacando-se as espécies que são pioneiras e colonizadoras de vegetação secundária em áreas antropizadas (ALBUQUERQUE, 2001).

Solanum pode ser facilmente distinguido dos demais gêneros pelas anteras poricidas, uma característica que é compartilhada apenas com o gênero *Lycianthes* (BOHS, 2005). Alguns representantes deste gênero e *Solanum* podem ocorrer em variadas fitofisionomias, sejam elas campestres ou florestais (MENTZ; OLIVEIRA, 2004; SOARES; MENTZ 2006, HILGENHOFF *et al.* 2023).

Dentre as famílias de angiospermas, Solanaceae é muito utilizada pelos seres humanos (KNAPP *et al.*, 2004). Muitas de suas espécies são interessantes para a agricultura em decorrência de seus frutos, como o tomate (*Solanum lycopersicum* L.), o pimentão (*Capsicum frutescens* L.), pimentas (*Capsicum* spp.), o jiló (*Solanum aethiopicum* L.) e a berinjela (*Solanum melongena* L.), além da batata (*Solanum tuberosum* L.), de grande uso (KNAPP, 2004; SOUZA; LORENZI, 2012). Possui também grande relevância ornamental, como o manacá-de-cheiro (*Brunfelsia uniflora* Pohl D.Don) e a petúnia (*Petunia x hybrida* Regel). Espécies desta família possuem potencial farmacológico, tais como a beladona (*Atropa beladona* L.), pelo grande acúmulo de alcaloides, saia-branca ou trombeira (*Brugmansia* spp.) e o estramônio (*Datura stramonium* L.) (SOUZA; LORENZI, 2012). Além do potencial alimentício, ornamental e farmacológico, várias espécies pertencentes à família Solanaceae são importantes, devido a uma série de espécies que são usadas como sistemas de modelo biológicos, como *Nicotiana tabacum* L. (GIACOMIN, 2010; SÄRKINEN, 2013).

Nos últimos anos, foram publicados alguns trabalhos com ênfase em Solanaceae para o estado da Bahia, e destes, cinco foram dedicados à florística Silva *et al.* (2003a), que estudaram o gênero *Cestrum* nas regiões higrófilas do estado, Moraes *et al.* (2009), que levantaram as espécies de Solanaceae em

formações de inselbergues da Bahia, Moura & Simões (2021), que realizaram levantamento florístico em um município da Bahia e Jesus (2021) que levantou as Solanaceae na flora aquática e palustre do Recôncavo Baiano. Outros estudos destacam a descoberta de novas espécies ou de novas ocorrências no estado (AGRA, 1999; SILVA *et al.* 2003b; SILVA; SANTOS, 2005; GIACOMIN; STEHMANN, 2011; STEHMANN *et al.*, 2020). Além disso, três estudos abordaram a biologia reprodutiva ou o melhoramento de espécies de Solanaceae (NASCIMENTO *et al.*, 2003; BARRETO *et al.*, 2006; BARROSO *et al.*, 2018).

A perda de qualquer espécie, especialmente as endêmicas e ameaçadas, pode ter ramificações profundas e interconectadas, afetando a funcionalidade dos ecossistemas. Nesse contexto, a preservação da biodiversidade local transcende fronteiras geográficas, tornando-se uma questão de interesse e responsabilidade compartilhados em prol da saúde e equilíbrio do nosso planeta (CARDINALE, *et al.* 2012; DIRZO, 2014.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, M. F. A New Species of *Solanum* subgenus *Leptostemonum* (Solanaceae) from Chapada da Diamantina, Bahia, Brazil. **Novon**, p. 292-295, 1999.

ALBUQUERQUE, L. B. **Polinização e dispersão de sementes em Solanáceas neotropicais**. Tese de Doutorado. 203 p. 2001. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ALVES, J. J. A.; ARAÚJO, M. A.; NASCIMENTO, S. S. Degradação da Caatinga: uma investigação ecogeográfica. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 22, n. 3, p. 126-135, 2009.

AMORIM, A. M.; JARDIM, J. G.; GOLDENBERG, R. *Physeterostemon gomesii* (Melastomataceae): the fourth species of this endemic genus in Bahia, Brazil. **Phytotaxa**, Auckland, v. 175, n. 1, p. 45-50, 2014.

APG, ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP *et al.* An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants:

APG IV. **Botanical journal of the Linnean Society**, London, v. 181, n. 1, p. 1-20, 2016.

ARAUJO, M. H. S.; CRUZ, C. B. M.; VICENS, R. S. **Levantamento da cobertura vegetal nativa do bioma Mata Atlântica**. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia, 2007.

ARAUJO FILHO, J. A.; DE CARVALHO, F. C. **Desenvolvimento sustentado da caatinga**. Sobral: EMBRAPA-CNPQ, 1997. (EMBRAPA-CNPQ. Circular Técnica, 13).

BARBOSA, C. M. M. **Composição e Similaridade Florística entre Afloramentos Rochosos nas Unidades de Conservação de Boa Nova, Bahia, Brasil**. 2021. 112p. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Itapetinga, 2021.

BARRETO, L. S.; OLIVEIRA, F. F.; CASTRO, M. S. Abelhas visitantes florais de *Solanum lycocarpum* St. Hil. (Solanaceae) no Morro do Pai Inácio, Palmeiras, Bahia, Brasil. **SITIENTIBUS série Ciências Biológicas**, v. 6, n. 4, p. 267-271, 2006.

BARROSO, N. S. et al. Physalis development according to the growing season in the semi-arid region of the Bahia state, Brazil. **Pesquisa Agropecuária Tropical**, v. 48, p. 429-435, 2018.

BOHS, L.; OLMSTEAD, R. G. Phylogenetic relationships in *Solanum* (Solanaceae) based on ndhF sequences. **Systematic Botany**, St. Louis, p. 5-17, 1997.

BOHS, L. Major clades in *Solanum* based on ndhF sequence data. **Monographs in Systematic Botany**, Columbus, v. 104, p. 27, 2005.

BRANDÃO, G. S. **Composição Florística de Trepadeiras do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil**. 2014. 115p. Dissertação (Mestrado. Em Genética, Biodiversidade e Conservação) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2014.

BAHIA, Secretaria Estadual de Meio Ambiente. Unidades de Conservação. **SEAMA**. Disponível em: <http://www.meioambiente.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=254>. Acesso em: 23 Jan. 2024.

BARBOZA, G. E. et al. *Solanaceae*. In: **KADEREIT, J. W.; BITTRICH, V.** (org.). *The Families and Genera of Vascular Plants*. Cham: Springer, 2016. v. 14, p. 295-357. doi.org/10.1007/978-3-319-28534-4_29

BRASIL. Decreto de 11 de junho de 2010. Dispõe sobre a ampliação do Parque Nacional do Pau Brasil, no Estado da Bahia, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2010.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos**: Conservation International do Brasil, Fundação SOS Mata Atlântica, Fundação Biodiversitas, Instituto de Pesquisas Ecológicas, Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, SEMAD/Instituto Estadual de Florestas-MG. Brasília: MMA/SBF, 2000. 40p.

BRASIL. Lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2000a.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **GOV.com.br**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/ecossistemas/biomas/mata-atlantica>. Acesso em: 23 Nov. 2023.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Parque Nacional de Boa Nova. **ICMBio**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/mata-atlantica/lista-de-ucs/parna-de-boa-nova>. Acesso em: 30 Abril 2022.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. O que são as Unidades de Conservação. Ministério do Meio Ambiente, <https://antigo.mma.gov.br/informma/item/15713-o-que-s%C3%A3o-as-unidades-de-conserva%C3%A7%C3%A3o.html>. Acesso em 05 de janeiro de 2024

CARDINALE, B. J. DUFFY, J. E., GONZALEZ, A.; HOOPER, D. U., PERRINGS, C. P. V.; NARWANI, A.; MACE, G.M.; TILMAN, D.; WARDLE, D. A.; KINZIG, A. P.; GRETCHEN C. DAILY, LOREAU, M.; GRACE, J.B.; LARIGAUDERIE, A.; SRIVASTAVA, D. S. & NAEEM S. Biodiversity loss and its impact on humanity. **Nature**, v. 486, n. 7401, p. 59-67, 2012.

CAMPANILI, M.; PROCHNOW, M. **Mata Atlântica: uma rede pela floresta**. Brasília: Rede de ONGs da Mata Atlântica. 2006. p.322.

CONAMA, Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resoluções do Conama**: Resoluções vigentes publicadas entre setembro de 1984 e janeiro de 2012. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2002. p. 1126.

DIRZO, R.; YOUNG, H. S.; GALETTI, M.; CEBALLOS, G.; ISAAC, N. J. B. COLLEN, B. Defaunation in the Anthropocene. **Science**, v. 345, n. 6195, p. 401-406, 2014.

D'ARCY, WILLIAM G. The Solanaceae since 1976, with a review of its biogeography. *In*: HAWKES, J. G.; LESTER, R. N.; NEE, M.; ESTRADA, R. N. (eds.). **Solanaceae III: Taxonomy, Chemistry, Evolution**. Kew: Royal Botanic Garden. 1991. p. 75-138.

DUPIN, J.; MATZKE, N. J.; SÄRKINEN, T.; KNAPP, S.; OLMSTEAD, R. G.; BOHS, L.; SMITH, S. D. Bayesian estimation of the global biogeographical history of the Solanaceae. **Journal of Biogeography**, New Jersey, v. 44, n. 4, p. 887-899, 2017.

FERNANDES, M. F.; QUEIROZ, L. P. Vegetação e flora da Caatinga. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 70, n. 4, p. 51-56, 2018.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Solanaceae. REFLORA. 2020. (continuamente atualizado). Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 28 Out. 2023.

FONSECA, W. O.; ZAPPI, D.; JARDIM, J.; AONA, L. Y. S. A família Rubiaceae no Parque Nacional de Boa Nova, Estado da Bahia, Brasil. **Hoehnea**, São Paulo, v. 47, 2020.

GIACOMIN, L. L. **Estudos taxonômicos e filogenéticos de *Solanum* sect. *Gonatotrichum* Bitter (Solanoideae, Solanaceae) no Brasil**. 2010. 132p. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

GIACOMIN, L. L.; STEHMANN, J. R. A new heterandrous species of *Solanum* section *Gonatotrichum* Bitter (Solanaceae) from Bahia, Brazil. **PhytoKeys**, n. 7, p. 1, 2011.

JESUS, R. J. A. Solanaceae da Flora Aquática e Palustre do Recôncavo da Bahia. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas. 2021.

KNAPP, S., L. BOHS, M. N; SPOONER, D. M. Solanaceae a model for linking genomics with biodiversity. **Comparative and Functional Genomics**, London, v.5, n. 3, p. 285-291, 2004.

KNAPP, S. On 'various contrivances': pollination, phylogeny and flower form in the Solanaceae. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, London, v. 365, n. 1539, p. 449-460, 2010.

LAMOUREX, J.; FONSECA, G. A. B. **Hotspots revisited: Earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions**. CEMEX, Agrupación Sierra Madre, 2005.

MENTZ, L. A.; OLIVEIRA, P. L. O Gênero *Solanum* (Solanaceae) na Região Sul do Brasil. **Pesquisas**, Botânica. v. 54, p.1-327, 2004.

MMA. **Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos**. Secretaria de Biodiversidade e Florestas (SBF), Ministério do Meio Ambiente (MMA). Brasília, 2000. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/epanb/item/7724-workshop-mata-/atl%C3%A2ntica-e-campos-sulinos-pampas.html>. Acesso em 17/02/2024

MMA. Ministério do Meio Ambiente. Mata Atlântica. 2022. Disponível em: https://antigo.mma.gov.br/biomas/mata-atl%C3%A2ntica_emdesenvolvimento. Acesso em: 14 de maio 2022.

MORAES, A. O. et al. A família Solanaceae nos “Inselbergues” do semi-árido da Bahia, Brasil. **Iheringia, Série Botânica.**, v. 64, n. 2, p. 109-122, 2009.

MOURA, J. N.; CAIRES, C. S. A família Solanaceae Juss. no município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Paubrasilia**, v. 4, p. e0049, 2021.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G. A. B.; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, London, v. 403: 853-858, 2000.

NUNES, C. S. **Territórios da conservação: preservação e conflitos nas unidades de conservação de Boa Nova-Estado da Bahia/Brasil**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

RÊGO, H. T. do; AZEVEDO, C. O. de. Sinopse das Orchidaceae do Parque Nacional de Boa Nova, BA, Brasil. **Hoehnea**, São Paulo, v. 44, p. 70-89, 2017.

SÄRKINEN, T.; BOHS, L.; OLMSTEAD, R. G.; KNAPP, S. A phylogenetic framework for evolutionary study of the nightshades (Solanaceae): a dated 1000-tip tree. **BMC Evolutionary Biology**, London, v.13, n.1, p.214, 2013.

SAMPAIO, M. R. **Florística das diferentes fitofisionomias do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas. 2023.

SANTOS, C. P. F. dos. (coord.). **Mapa de Vegetação Nativa na Área de Aplicação da Lei Nº 11.428/2006-Lei da Mata Atlântica (ano base 2009)**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2015.

SANTOS, A. F.; NOVAES, A. B.; SANTOS, I. F.; LONGUINHOS, M. A. A. **Memórias do II Simpósio sobre Reflorestamento na Região Sudoeste da Bahia**. 1. ed. Colombo: Embrapa Florestas, 2007.

HUNZIKER, A. T. Genera Solanacearum, the genera of Solanaceae illustrated, arranged according to a new system¹ ed. Instituto Multidisciplinario de Biologia Vegetal, Córdoba, 2001.

SIMÕES, S. S.; ZAPPI, D. C.; AONA, L. YURIKO S. A família Cactaceae no Parque Nacional de Boa Nova, Estado da Bahia, Brasil. **Hoehnea**, São Paulo, v. 47, 2020.

SILVA, S. N.; CARVALHO, A. M. V.; SANTOS, F. A. R. *Cestrum* L. (Solanaceae) da mata higrófila do Estado da Bahia, Brasil. **Acta Scientiarum. Biological Sciences**, v. 25, n. 1, p. 157-166, 2003a.

SILVA, S. N.; CARVALHO, A. M. V.; SANTOS, F. A. R. Morfologia polínica de doze espécies de *Cestrum* L. (Solanaceae) da mata higrófila na Bahia, Brasil. **Acta Scientiarum. Biological Sciences**, v. 25, n. 2, p. 439-443, 2003b.

SILVA, S. N.; SANTOS, F. A. R. Novos registros do táxon *Cestrum* L. (Solanaceae) para o Estado da Bahia-Brasil. **Acta Scientiarum. Biological Sciences**, v. 27, n. 1, p. 29-35, 2005.

SILVA, J. M. C. D.; BARBOSA, L. C. F.; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. **The Caatinga: understanding the challenges**. Springer, London, 2017. p.3-19.

SOARES, E. L. C.; MENTZ, L. A. As espécies de *Solanum* subgênero *Bassovia* seção *Pachyphylla* (= *Cyphomandra* Mart. ex Sendtn. - Solanaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Pesquisas Botânica**, São Leopoldo, v.57, p.231-254, 2006.

STEHMANN, J. R.; OLIVEIRA, D. M. G.; TABOSA, F. R. *Solanum confertiflorum* (Solanaceae), a New Species from Brazil for the *Cyphomandra* Clade. **Systematic Botany**, v. 45, n. 4, p. 931-936, 2020.

TABARELLI, M.; MELO, M. D. V. C.; LIRA, O. C. A Mata Atlântica do Nordeste. In: CAMPANILI, M.; PROCHNOW, M. **Mata Atlântica Uma Rede pela Floresta**. Brasília: Rede de ONGs da Mata Atlântica. 2006. p.149-164.

THOMAS, W. W.; JARDIM, J. G; FIASCHI, P.; NETO, E. M.; AMORIM, A. M. Composição florística e estrutura do componente arbóreo de uma área transicional de Floresta Atlântica no sul da Bahia, Brasil. **Brazilian Journal of Botany**, São Paulo. v. 32, n.1, p.65-78, jan.-mar. 2009.

ULLOA, C. U.; ACEVEDO-RODRÍGUEZ, P.; BECK, S.; BELGRANO, M. J.; BERNAL, R.; BERRY, P. E.; BRAKO, L.; CELIS, M.; DAVIDSE, G.; FORZZA, R. C.; GRADSTEIN, S. R.; HOKCHE, O.; LEÓN, B.; LEÓN-YÁNEZ, S.; MAGILL, R. E.; NEILL, D. A.; NEE, M.; RAVEN, P. H.; STIMMEL, H.; FORTE, M. T.; VILLASEÑOR, J. L.; ZARUCCHI, J. L.; ZULOAGA, F. O.; JØRGENSEN, P. M. An integrated assessment of the vascular plant species of the Americas. **Science**, Washington, D.C. v. 358, n. 6370, p. 1614-1617, 2017.

VITÓRIO, C. D. P. **Levantamento florístico em diferentes fisionomias do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2016.

WILMOT-DEAR, C. M.; FRIIS, I.; MONRO, A. K. *Pouzolzia saxophila* sp. nov. (Urticaceae tribe Boehmerieae) from Bahia, Brazil. **Nordic Journal of Botany**, Estocolmo, v. 33, n. 3, p. 354-357, 2014.

YOUNG, C. E. F.; MEDEIROS, R. (org.). **Quanto vale o verde:** a importância econômica das unidades de conservação brasileiras. Rio de Janeiro: Conservação Internacional, 2018. 181 p.

WEESE, T. L.; BOHS, L. A three-gene phylogeny of the genus *Solanum* (Solanaceae). **Systematic botany**, v. 32, n. 2, p. 445-463, 2007.

CAPÍTULO 1

Solanaceae nas diferentes fitofisionomias do Parque Nacional de Boa Nova,
Bahia, Brasil

Solanaceae in different Phytophysiognomies of Boa Nova National Park, Bahia, Brazil

RODRIGO JOSÉ ARAÚJO DE JESUS^{1,3}, LEANDRO LACERDA GIACOMIN^{2,4},
LIDYANNE YURIKO SALEME AONA^{1,5}

UFRB- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de Ciências Agrárias,
Ambientais e Biológicas. Programa de Pós-graduação em Recursos Genéticos Vegetais

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Rodrigo José Araújo de Jesus: rodrigo.araujo55@gmail.com <http://orcid.org/0000-0001-9526-4989>

Leandro Lacerda Giacomini: giacomini.leandro@gmail.com <http://orcid.org/0000-0001-8862-4042>

Lidyanne Yuriiko Saleme Aona: aona@ufrb.edu.br <https://orcid.org/0000-0001-8477-5791>

Abstract: Boa Nova National Park (PNBN) features various phytophysiognomies, such as Submontane Ombrophilous Dense Forest, Deciduous Seasonal Forest, Semi-deciduous Seasonal Forest with Lianas, and Rocky Outcrops Vegetation. This study aimed to survey Solanaceae species in the PNBN, through collections conducted between August 2012 and April 2023 and consultations with herbaria HURB, ALCB, HUEFS, HUESB-Jequié, UESC, and CEPEC. A total of 35 species and eight genera of Solanaceae were identified, with highest occurrence in the Submontane Ombrophilous Dense Forest. *Solanum megalonyx* Sendtn. and *S. stipulaceum* Willd. ex Roem. & Schult. are present across all phytophysiognomies, while two species are exclusive to the Semi-deciduous Seasonal Forest with Lianas. Approximately 49% of the species are endemic to Brazil. *Solanum bahianum* S.Knapp and *S. restingae* S.Knapp are classified as endangered. A new species of *Solanum* was found, and two species were classified as endangered. This survey contributes to the knowledge and conservation of local flora.

Keywords: Conservation Units, Floristic Survey, Biodiversity.

Introduction

O Parque Nacional de Boa Nova (PNBN) situa-se no estado da Bahia, perfazendo uma área de 12.065 hectares, que compreende uma zona de transição entre dois importantes domínios fitogeográficos, a Mata Atlântica e a Caatinga (Brasil 2022). Sua localização é entre o nordeste do Planalto da Conquista, no Estado da Bahia, entre os municípios de Boa Nova, Manoel Vitorino e Dário Meira (Morsello 2005).

O PNBN foi criado em junho de 2010 para servir de refúgio da vida silvestre, para abrigar, inclusive espécies endêmicas, além da de proteger uma importante área na transição entre a Caatinga e a Mata Atlântica (Brasil, 2022).

Dentre os domínios fitogeográficos do PNBN, ocorrem as fitofisionomias Floresta Estacional Semidecidual (conhecida localmente como Mata de Cipó), Vegetação Sobre Afloramento Rochoso e Floresta Ombrófila Densa, sendo a Mata de cipó um tipo particular de vegetação da região em destaque (Brasil 2010). Dada a considerável representatividade de Solanaceae para o PNBN (Sampaio, 2023), é importante compreender, portanto, se existe uma sobreposição significativa de espécies de Solanaceae nestas diferentes fitofisionomias, além de observar quais destas espécies são restritas a uma ou duas fitofisionomias, para assim, melhor visualizar a diversidade entre essas unidades.

O estudo de Sampaio (2023) permitiu observar considerável número de espécies de Solanaceae ocorrentes no PNBN. Solanaceae é uma família que possui distribuição subcosmopolita, abrigando 97 gêneros e aproximadamente 2700 espécies, sendo mais diversa nos trópicos, onde ocorre maior número de endemismo (Hunziker 2001, Knapp *et al.* 2004, Knapp 2010). O Brasil e o Chile apresentam os maiores números de espécies endêmicas de Solanaceae, enquanto que na Bolívia há grande número de ocorrência destas espécies (PALCHETTI *et al.* 2020). Está entre as 12 famílias mais diversas nas Américas (Ulloa *et al.* 2017). O número de espécies desta família na América do Sul é de cerca de 1611, sendo 1595 nativas e 16 introduzidas, além de 62 gêneros, sendo apenas um destes (*Datura L.*) introduzido (PALCHETTI *et al.* 2020).

Esta família apresenta plantas de importância econômica, como a batata (*Solanum tuberosum L.*), o tomate (*Solanum lycopersicum L.*) e da berinjela (*Solanum melongena L.*), são fontes de alcaloides e drogas, como a beladona (*Atropa beladonna L.*) e a datura (*Datura stramonium L.*) e potencial ornamental, como o manacá-de-cheiro (*Brunfelsia uniflora Pohl D.Don*), além de serem utilizados como modelos de pesquisa científica, como *Nicotiana tabacum L.* Embora muitos dos grupos ou gêneros economicamente importantes tenham recebido muita atenção, grande parte da família ainda é pouco conhecida do ponto de vista sistemático (Bohs 1989, Särkinen 2013).

Dentre os gêneros, destaca-se *Solanum L.* por possuir 1.246 espécies (Hilgenhoff *et al.* 2023), sendo o maior e mais diverso gênero de Solanaceae, ocupando o sexto lugar em número de espécies a uma escala continental (Ulloa *et al.* 2017, Bohs & Omstead 1997). Espécies de Solanaceae são extremamente diversas, apresentam hábitos que

variam de árvores a pequenas ervas anuais e ocorrem habitats que vão desde desertos até as áreas tropicais mais úmidas (Knapp *et al.* 2004).

Levando-se em consideração que as informações nos bancos de dados de acesso amplo sobre biodiversidade mostram lacunas para algumas regiões do estado da Bahia (Moura & Caires 2021) e, principalmente para o PNBN, juntamente com a importância da família,

Esse trabalho propõe um levantamento de espécies de Solanaceae no Parque Nacional de Boa Nova, com o intuito de aprimorar as informações sobre a distribuição dessa família no PNBN e compreender a ocorrência das espécies nas fitofisionomias da área de estudo. A pesquisa trabalho foi realizado estabelecendo breves descrições, discussão das espécies e ilustrações das principais espécies ocorrentes no PNBN.

Material and methods

O PNBN está localizado entre os municípios de Boa Nova, Manoel Vitorino e Dário Meira, esta região é marcada por dois domínios, a Mata Atlântica e a Caatinga. Este parque localiza-se no Estado da Bahia com uma extensão de 12.065 hectares. A altitude do PNBN varia entre 440 e 1.111m acima do nível do mar, com temperatura média anual de 23 °C, máxima de 26 °C e a mínima de 14 °C (Rêgo 2017), sendo possível observar ao longo dos percursos, paisagens compostas de montanhas e cursos d'água (Brasil 2020).

Existem diferentes variações climáticas mais frequentes da região, a primeira é de um clima quente e úmido, no qual não há uma estação seca predominante. Essa região abrange a encosta oeste do município, onde são encontradas florestas, apresenta temperaturas médias de 23°C, e precipitação anual de 1.500 mm. A outra também com clima quente e úmido, com uma estação seca durante o inverno, que se localiza na parte mais alta do município. As temperaturas médias são de 20°C, com precipitação anual ligeiramente menor, em torno de 1.000 mm. Por fim, a terceira variação apresenta um clima semiárido, localizada na encosta oeste, com vegetação de Caatinga e temperaturas médias mais altas, com 26°C, enquanto a precipitação anual é significativamente menor, abaixo de 700 mm. Essas transições climáticas ocorrem em uma distância de menos de 30 km, da parte leste para a oeste do município (SIMÕES, 2019).

A região do parque possui diferentes fitofisionomias (figuras 1 a 3), como Floresta Ombrófila Densa Submontana, Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional

Semidecidual e Vegetação Sobre Afloramento Rochoso (Brasil 2010, Fonseca *et al.* 2020, Simões 2020).

Para a coleta do material botânico, ocorreram 30 expedições de campo entre agosto de 2012 e abril de 2023, por meio de caminhadas aleatórias na região de estudo. O material botânico foi devidamente prensado e organizado para, posteriormente, ter seu processo de herborização finalizado no Herbário do Recôncavo da Bahia (HURB) e em momento subsequente, ser depositado no acervo (Mori *et al.* 1989). Foram registradas imagens do material coletado ainda em campo, além de observações como tipo de solo, vegetação, coloração das partes vegetativas e reprodutivas e informações ecológicas. A classificação da vegetação seguiu os parâmetros do IBGE (IBGE, 2024).

Nos estudos morfológicos, foram analisadas as coleções dos herbários HURB, CEPEC, HUESB-JQ, HUEFS, UESC e ALCB (acrônimos segundo Thiers 2024).

Para auxiliar na identificação e descrição do material em estudo, a literatura específica foi consultada para maior embasamento (Plowman 1998, Moraes 2009, Silva 2009, Soares *et al.* 2009, Feliciano 2011, Silva 2018, Sampaio *et al.* 2019, Rodrigues *et al.*, 2021), levando informações importantes, como habitat, floração e frutificação, unidade de dispersão, filotaxia, indumento, inflorescência, fruto, hábito de crescimento levando-se em consideração as características e especificidades de cada gênero. A morfologia dos tricomas nas espécies foi classificada com base na obra de Mentz MENTZ *et al.*, (2000).

O mapa da área de estudo foi criado unindo informações do decreto que delimita as áreas do PNB, além dos shapefiles disponibilizados pelo site do ICMBio (<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/mata-atlantica/lista-de-ucs/parna-de-boa-nova>) e IBGE (<https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/vegetacao.html>).

Results and Discussion

A família Solanaceae no Parque Nacional de Boa Nova está representada com 35 espécies e oito gêneros. As espécies ocorrem em diferentes ambientes dos domínios fitogeográficos da Mata Atlântica e Caatinga, incluindo as fitofisionomias de Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual com lianas, Floresta Ombrófila Densa Submontana e Vegetação Sobre Afloramento Rochoso.

Foram analisadas, aproximadamente, 70 amostras nos herbários consultados. Foram feitas consultas a plataformas virtuais como o Flora e Funga do Brasil (<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do?lingua=pt>) e Specieslink (<https://specieslink.net/search/>). Os status de conservação das espécies foram obtidos por consulta às plataformas Trópicos e CNCFlora.

A maioria das espécies (30 spp.) ocorrem na fitofisionomia de Floresta Ombrófila Densa Submontana, enquanto que na Vegetação Sobre Afloramento Rochoso ocorrem seis espécies. Na Floresta Estacional Semidecidual com lianas, ocorrem quatro espécies e na Floresta Estacional Decidual ocorrem duas espécies (Figura 4).

O gênero mais rico foi *Solanum.*, com 19 espécies, seguido de *Cestrum* L., com cinco espécies e *Athenaea* Sendtn., com três espécies. Os gêneros *Brunfelsia* L. e *Physalis* L. com duas espécies. Os gêneros *Brugmansia* Pers., *Lycianthes* (Dunal) Hassl. e *Dyssochroma* Miers apresentam apenas uma única espécie na área de estudo (Figura 5).

Na Floresta Ombrófila Densa Submontana, ocorrem 26 espécies exclusivas, e duas espécies estão restritas à Floresta Estacional Semidecidual com lianas, além de duas espécies para a Floresta Estacional Decidual. Apenas uma espécie ocorre exclusivamente na Vegetação Sobre Afloramento Rochoso. Não foram encontrados registros e *Solanum confertiflorum* Stehmann & Tabosa (figura 9) e *Dyssochroma jardimii* (in prep.) (Figura 8) são as únicas espécies endêmica da Bahia no presente estudo. Uma possível nova espécie é descrita para o gênero *Solanum* para o PNBN.

Ao avaliar os status de conservação de acordo com as categorias da IUCN, a maior parte das espécies são classificadas como pouco preocupantes (LC), outras espécies, como *Solanum bahianum* S.Knapp e *S. restingae* S.Knapp, são classificados como ameaçadas de extinção, na categoria Em Perigo (EN).

- Tratamento taxonômico

Solanaceae Juss.

Lianas, ervas, subarbustos, arbustos ou árvores, inermes ou aculeadas. Folhas simples, inteiras, lobadas, dentadas, pecioladas ou subsésseis, com presença de pseudoestípulas. Inflorescências cimosas, uni ou plurifloras, pedunculadas ou pedúnculo ausente. Flores pentâmeras, diclamídeas, heteroclamídeas, monóclinas, pediceladas, subsésseis ou sésseis. Cálice gamossépalo, campanulado, inflado ou levemente zigomorfo, total, parcialmente ou não acrescente na antese. Corola gamopétala, actinomorfa ou levemente

zigomorfa. Androceu dímero ou pentâmero, estames epipétalos e alternipétalos; estames 4, 5 ou 2, anteras com deiscência longitudinal, poricida ou tardiamente longitudinal, ovário súpero, bicarpelar; estigma capitado, subcapitado, bilobado e clavado; rudimentos seminais geralmente numerosos, de placentação axial; disco nectarífero presente ou não. Fruto baga ou cápsula.

Espécie / status de conservação	Forma de vida	Substrato	Origem	Endemismo Brasil	Endemismo ecológico	Domínios fitogeográficos	Fitofisionomia
<i>Athenaea</i>							
<i>Athenaea fasciculata</i> (LC)	Arbusto	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga	Mata Atlântica	FODS
<i>Athenaea hunzikeriana</i> (DD)	subarbusto	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Floresta Ombrófila Densa	Mata Atlântica	FODS
<i>Athenaea pogogena</i> (LC)	arbusto, árvore	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga	Mata Atlântica	FODS
<i>Brugmansia</i>							
<i>Brugmansia suaveolens</i> (NE)	arbusto	terrícola	naturalizada	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	FODS
<i>Brunfelsia</i>							
<i>Brunfelsia hydrangeiformis</i> (NE)	arbusto	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)	Mata Atlântica	FODS
<i>Brunfelsia uniflora</i> (NE)	arbusto	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	FODS
<i>Cestrum</i>							
<i>Cestrum axillare</i> (LC)	árvore	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica, Campo Limpo, Cerrado (lato sensu), Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista, Restinga	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	FODS
<i>Cestrum bracteatum</i> (NE)	arbusto	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Floresta Ciliar ou Galeria, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista	Mata Atlântica	FODS
<i>Cestrum intermedium</i> (NE)	arbusto, árvore	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica, Cerrado (lato sensu), Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista	Mata Atlântica	FODS
<i>Cestrum schlechtendalii</i> (NE)	arbusto, árvore	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica, Campo de Altitude, Campo Limpo, Cerrado (lato sensu), Floresta Ciliar ou Galeria, Floresta de Terra Firme, Floresta de Várzea, Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	FODS, VESAR

<i>Cestrum salzmannii</i> (NE)	arbusto, arvore	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga	Cerrado, Mata Atlântica	FODS
<i>Dissochroma</i>							
<i>Dissochroma jardimi</i> (DD)	liana	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Floresta Estacional Decidual	Mata Atlântica	FESLI
<i>Lycianthes</i>							
<i>Lycianthes pauciflora</i> (NE)	Liana, volúvel, trepadeira	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)	Amazônia, Mata Atlântica	FODS
<i>Physalis</i>							
<i>Physalis angulata</i> (NE)	erva	terrícola	naturalizada	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica		FODS
<i>Physalis pubescens</i> (NE)	erva	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	FODS
<i>Solanum</i>							
<i>Solanum Acerifolium</i> (NE)	Subarbusto	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)	Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica	FODS
<i>Solanum agrarium</i> (NE)	erva, subarbusto	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Área Antrópica, Caatinga (stricto sensu), Campo Rupestre, Cerrado (lato sensu), Floresta Estacional Decidual	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	VESAR
<i>Solanum asterophorum</i> (NE)	arbusto	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)	Mata Atlântica	FODS
<i>Solanum bahianum</i> (EN)	arbusto	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)	Mata Atlântica	FODS
<i>Solanum confertiflorum</i> (VU)	arbusto, árvore	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Floresta Estacional Decidual, Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos	Caatinga	FESLI
<i>Solanum depauperatum</i> (NE)	arbusto, liana	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Área Antrópica, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga	Mata Atlântica	FESLI
<i>Solanum didymum</i> (NE)	arbusto	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica, Cerrado (lato sensu), Floresta de Terra Firme, Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	FODS
<i>Solanum megalonyx</i> (NE).	arbusto	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Caatinga (stricto sensu), Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)	Amazônia, Caatinga, Cerrado	FED, FESLI
<i>Solanum melissarum</i> (LC)	arbusto, árvore	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)	Mata Atlântica	FODS

<i>Solanum palinacanthum</i> (NE)	arbusto	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica, Cerrado (lato sensu), Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	FODS
<i>Solanum paniculatum</i> (NE)	arbusto	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	FODS
<i>Solanum polytrichum</i> (NE).	arbusto	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga	Caatinga, Mata Atlântica	FODS
<i>Solanum reflexiflorum</i> (NE)	arbusto	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)	Mata Atlântica	FODS
<i>Solanum restingae</i> (EN)	arbusto	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Restinga	Mata Atlântica	FODS
<i>Solanum stipulaceum</i> (NE)	arbusto, árvore	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Caatinga (stricto sensu), Cerrado (lato sensu), Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	FODS, FED, FESLI
<i>Solanum sycocarpum</i> (LC)	arbusto	terrícola	nativa	endêmica do Brasil	Restinga	Mata Atlântica	FODS
<i>Solanum swartzianum</i> (NE)	árvore	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica, Campo de Altitude, Campo Rupestre, Floresta Ciliar ou Galeria, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Vegetação Sobre Afloramentos Rochoso	Cerrado, Mata Atlântica	FODS
<i>Solanum viarum</i> (NE)	arbusto	terrícola	nativa	não é endêmica do Brasil	Área Antrópica	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	FODS
<i>Solanum</i> sp1 (DD)	liana	terrícola	nativa	---	--	Mata Atlântica	
<i>Solanum</i> sp2 (DD)	arbusto	terrícola	nativa	----	---	Caatinga, Mata Atlântica	FED, FESLI

QUADRO 01. Informações de hábito de crescimento, endemismo, ocorrência e status de conservação das espécies de Solanaceae ocorrentes no Parque Nacional de Boa Nova. São mostradas também as fitofisionomias. FODS: Floresta Ombrófila Densa Submontana; FED: Floresta Estacional Decidual; FESLI: Floresta Estacional Semidecidual com Liana; VESAR: Vegetação Sobre Afloramento Rochoso

Chave de identificação para as espécies de Solanaceae do Parque Nacional de Boa Nova

1. Plantas inermes

2. Plantas com cálice truncado (lacínias ausentes), com 10 apêndices subapicais emergindo **6.1 *Lycianthes pauciflora***

2'. Plantas com cálice tipicamente lobado, com 5 lacínias claramente perceptíveis, ainda que reduzidas, apêndices ausentes

3. Árvore escandente; lâmina foliar com nervuras bem pronunciadas; cálice campuliforme **4.1 *Cestrum axillare***

3'. Árvore ereta; lâmina foliar com nervuras visivelmente evidentes; cálice tubuloso-cupuliforme ou campanulado

4. Folhas oblongas; inflorescência com brácteas presentes; fruto ovoide **4.2 *Cestrum bracteatum***

4'. Folhas elípticas a oblongo-lanceoladas; inflorescência com brácteas ausentes; fruto elipsoide

5. Folha membranácea, lanceolada; 3-15 flora **4.3 *Cestrum intermedium***

5'. Folha coriácea; até 6-flora

6. Face abaxial da folha com superfície foliar brilhante **4.4 *Cestrum salzmanii***

6'. Face abaxial da folha com superfície foliar opaca

7. Margem foliar lobada

8. Corola levemente pubescente, com anel de tricomas amarronzados na porção interna; anteras azuis **7.1 *Physalis angulata***

8'. Corola densamente pubescente, corola com anel de tricomas esbranquiçados na porção de inserção dos filetes; anteras lilases a azul, **7.2 *Physalis pubescens***

7'. Margem foliar inteira

9. Pseudoestípulas presentes, corola lilás ou azul **8.15 *Solanum stipulaceum***

9' Pseudoestípulas ausentes, corola esverdeada, alva, creme, roxo ou acastanhada

10. Ramos com indumento

11. Tubo da corola medindo de 16 a 20 cm, cápsula fusiforme
..... **2.1 *Brugmansia suaveolens***

11'. Tubo da corola menor que 15 cm, cápsula ovoide a baga

12. Indumento tomentoso com tricomas peltados
..... **8.17 *Solanum swartzianum***

12'. Indumento pubescente a tomentoso

13. Corola com nervuras ramificadas, cálice frutífero ampliado
..... **8.7 *Solanum didymum***

13'. Corola com nervuras ausentes a maculadas, cálice frutífero de outros tipos

14. Cálice espatáceo, com manchas roxas presentes; corola campanulada **5.1 *Dyssochroma jardinii***

14'. Cálice de outros tipos com manchas ausentes; corola estrelada a rotácea

15. Cálice cônico; ovário globoso; anteras lanceoladas; sementes marrom-escuro **8.4 *Solanum bahianum***

15'. Cálice campanulado, ovário subgloboso; anteras oblongas; sementes de outras cores

16. Flores com máculas verde escuro na base e púrpuras no ápice, pericarpo vináceo na maturação
..... **1.3 *Athenaea pogogena***

16'. Flores com máculas verde e roxa, pericarpo amarelo na maturação **1.2 *Athenaea hunzikeriana***

10'. Ramos glabros a glabrescentes

17. Ramos de cor bege acinzentados, filetes não evidentes
..... **8.5 *Solanum confertiflorum***

17'. Ramos verdes a vináceos, filetes completa ou parcialmente evidentes

18. Inflorescência em monocásio, cimoso-fasciculiformes
..... **4.5 *Cestrum schlechtendalii***

- 18'. Inflorescência em dicásio
19. Caule lenhoso, glabro **8.16 *Solanum sycocarpum***
- 19'. Caule herbáceo, glabrescente a pubescente
20. Ramos cilíndricos; ovário pubescente; pedúnculo longo com ca. 20 cm compr. **8.19 *Solanum sp. 1***
- 20'. Ramos tortuosos; ovário glabro; pedúnculo menor que 10 cm compr.
21. Corola estrelada branca, ovário globoso; anteras lanceoladas **8.14 *Solanum restingae***
- 21'. Corola rotáceo-estrelada, tubulosa ou hipocrateriforme; ovário ovoide, subgloboso ou oblongo; anteras de outros tipos
22. Estigma bífido
23. Inflorescência simples de até uma flor, fruto globoso, lâmina com ca. 10 cm compr. **3.2 *Brunfelsia uniflora***
- 23'. Inflorescência séssil de até 50 flores, fruto ovoide, lâmina com ca. 30 cm compr. **3.1 *Brunfelsia hydrangeiformis***
- 22'. Estigma capitado a bilobado
24. Anteras oblongas, esverdeadas, sementes ovoide-reniformes **1.1 *Athenaea fasciculata***
- 24'. Anteras lanceoladas, arroxeadas, sementes reniformes **8.9 *Solanum melissarum***

1'. Plantas aculeadas

25. Cálice frutífero não aculeado
26. Epicarpo velutino **8.6 *Solanum depauperatum***
- 26' Epicarpo glabro a pubescente
27. Lâmina foliar com acúleos ausentes **8.11 *Solanum paniculatum***
- 27'. Lâmina foliar com acúleos presentes
28. Acúleos recurvos em lâminas ferrugíneas **8.8 *Solanum megalonyx***
- 28'. Acúleos cônicos em lâminas verdes **8.3 *Solanum asterophorum***
25. Cálice frutífero aculeado

29. Flores com antera branca **8.18 *Solanum viarum***
- 29'. Flores com anteras verdes a púrpuras
30. Fruto variegado
31. Inflorescência de 1-3-flora; frutos glabros **8.2 *Solanum agrarium***
- 31'. Inflorescência com 1 flor; frutos glabrescentes, pubescentes
32. Folhas com nervação bastante evidente, branca; tricomas glandulares unisseriados, corola roxa **8.10 *Solanum palinacanthum***
- 32'. Folhas com nervação visível, violácea; tricomas glandulares e simples; corola alva **8.1 *Solanum acerifolium***
- 30'. Fruto não variegado
33. Ramos hirsutos, acúleos da folha 2-4 mm compr.; cálice frutífero totalmente acrescente; corola com ca. 3 cm diâmetro **8.12 *Solanum polytrichum***
- 33'. Ramos tomentosos, acúleos da folha 4-6 mm compr.; cálice frutífero parcialmente acrescente; corola com 2 cm de diâmetro **8.13 *Solanum reflexiflorum***

1. *Athenaea* Sendtn., Fl. Bras. (Martius) 10: 133 (1846).

1.1 *Athenaea fasciculata* (Vell.) I.M.C.Rodrigues & Stehmann, Taxon 68(4): 841 (2019).
Figura 6, a-b.

Árvore, ereta, inerme, caule com pontuações negras, ramos jovens cilíndricos, glabros. **Folhas** concolores; lâmina 5,8-11 x 2-5 cm, membranácea, ambas as faces glabras, com pontuações negras presentes, ápice acuminado, base aguda, margem inteira; pecíolo 0,4-1,5 cm compr., cilíndrico, glabro. **Inflorescência** em fascículo, axilar, 3-14-flora, pedicelo 2-8 mm compr., pedicelo ereto. Flores com cálice campanulado, ca. 3 mm diâm., sépalas soldadas até mais da metade da base, tubo ca. 3 mm compr., lacínias denteadas, ca. 1 mm compr., corola rotáceo-estrelada, alva a amarelo esverdeada, com manchas verdes na base, ca. 2 cm diâm., pétalas soldadas na base, lobos da corola triangulares, estames 5, filetes 2 mm compr., anteras 2 mm compr., oblongas, deiscência longitudinal; ovário subgloboso, glabro, estilete 5 mm compr., estigma bilobado. **Fruto** baga, globoso, ca. 2 cm diâm., cálice frutífero não acrescente, cálice frutífero ca. 7 mm diâm., epicarpo verde, glabro. **Sementes** ca. 2 mm diâm., ovoide-reniformes, amarelo-acastanhadas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mata Atlântica, 24 september 2012, fl. *G.S. Silva & G.S. Brandão 145 (HURB)*; Trilha do Charme, 14°24'53"S, 40°7'57"W, 27 october 2017, fl *G. Costa et al. 3019 (HURB)*; Trilha da Porangaba, 27 october 2017, fl *G. Costa et al. 3611 (HURB)*; 24 september 2012, fl, *G.S. Silva et al. 145 (HUESB)*; 24 december 2014, fl, *F.M. Ferreira 1675 (SPF)*; Faz. Cotermaia, 18 may 2001, fl, *W.W. Thomas 12496 (CEPEC)*; Faz. Farofa (Dr. Mauro), Estrada entre Boa Nova e Dário Meira, 14°25'13"S 40°7'22"W, 24 october 2007, fl *F.M. Ferreira et al. 1675 (MBML)*.

Comments:— *Athenaea fasciculata* difere das demais espécies do gênero por suas folhas glabras e membranáceas, inflorescência em fascículo, corola com manchas verdes na base e o estigma bilobado (vs. estigma capitado em *A. hunzikeriana* (1.2) e capitado ou bilobulado em *A. pogogena* (1.3)). Esta espécie pertencia antes ao gênero *Aureliana* e por se tratar de um homônimo posterior, todos os táxons foram recombinaados no gênero *Athenaea* (RODRIGUES, 2019). No Brasil, está distribuída em todo o Sudeste e no Estado da Bahia (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022). Na área de estudo, *A. fasciculata* ocorre exclusivamente na Floresta Ombrófila Densa Submontana, em interior de mata, com umidade consideravelmente aparente.

1.2 *Athenaea hunzikeriana* I.M.C.Rodrigues & Stehmann, PhytoKeys 178: 8, figs. 3-5 (2021).

Arbusto, ereto, inerme, caule e ramos arredondados, tricomas simples unisseriados.

Folhas concolores; lâmina 8-15 x 3-5 cm, subcoriácea, ambas as faces densamente pubescentes, tricomas eglandulares, ápice agudo, base atenuada a aguda, margem inteira; pecíolo ca. 8 cm compr., cilíndrico, pubescente. **Inflorescência** axilar, 10-15 flora, pedicelo ca. 0,6-2 cm compr., pubescente, geralmente ereto. Flores com cálice campanulado, ca. 3 mm diâm., pubescente, sépalas soldadas em ¼ da base, tubo ca. 2 mm compr., lobos 1,6-2,7 mm compr.; corola estrelada, branca, com manchas verdes e roxas na porção adaxial, ca. 2 cm diâm., pétalas soldadas em ¼ da base, lobos da corola elíptico-lanceoladas, estames 5, filetes ca. 1 mm compr., anteras até 1 cm compr., oblongas, creme-amareladas, deiscência longitudinal; ovário subgloboso, tricomas glandulares, rodeado por um nectário verde-amarelado, estilete ca. 8 mm compr., estigma capitado. **Fruto** baga, subgloboso, ca. 1 cm diâm., cálice frutífero não

acrescente, cálice frutífero ca. 5 mm diâm., pubescentes, epicarpo verde jovem e vermelho-vinho a vermelho-púrpura na maturação, densamente pubescente com tricomas eglandulares simples, unisseriados. **Sementes** ca. 4 mm diâm., achatadas-reniformes, castanho-amareladas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Faz. Farofa (Dr. Mauro) estrada para Dário Meira, ca. 9,5 km de Boa Nova, entra em ramal à direita e anda mais 2 km, 14°42'27,8"S 40°12'27"8W, 24 October 2007, fl. *F.M. Ferreira 1641* (CEPEC- paratype).

Comments:— *Athenaea hunzikeriana* apresenta semelhança com *A. pogogena* (1.3), mas são distintas por suas folhas subcoriáceas (vs. folhas membranáceas a cartáceas em *A. pogogena*), corola com manchas verde e roxa a porção adaxial (vs. flores com maculas verde escuro na base e púrpura em direção ao ápice em *A. pogogena*), fruto subgloboso, de coloração vinácea (vs. fruto cônico a ovoide, epicarpo amarelo na maturação em *A. pogogena*). Além destas características, *A. hunzikeriana* apresenta epicarpo, cálice e pedicelo densamente pubescentes. Essa espécie é endêmica do Brasil, ocorre nos estados da Bahia e Minas Gerais, costuma ocorrer em remanescente de floresta atlântica bem preservados (RODRIGUES *et al.* 2021). Na área de estudo, a espécie foi encontrada em interior de mata, na fitofisionomia de Floresta Ombrófila Densa Submontana. Apesar de ser uma espécie rara em função dos poucos registros, *A. hunzikeriana* não foi associado a uma categoria de ameaça, podendo ser considerada “Dados Deficientes” (DD). Além de ocorrer no PNB, ocorre em uma RPPN de Santa Maria do Salto (MG) (Rodrigues *et al.* 2021).

1.3 *Athenaea pogogena* Sendtn. Fl. Bras. (Martius) 10: 135 (1846).

Figura 6, c-e.

Arbusto, ereto, inerme, caule e ramos cilíndricos, tomentosos, tricomas hisurtos.

Folhas discolores; lâmina 3,5-13,5 x 2-9 cm, membranácea a cartácea, ambas as faces pubescentes, tricomas tectores e glandulares, ápice acumulado, base subcordada, margem levemente sinuada; pecíolo 0,5-1 cm compr., cilíndrico, densamente pubescente. **Inflorescência** axilar, 3-7 flora, pedicelo até ca. 1,5 cm compr., ereto. Flores com cálice densamente pubescente, 3 mm diâm., sépalas completamente soldadas, tubo ca. 2 mm compr., lobos desiguais ca 1 mm compr., corola estrelada, branca, com máculas verde-escuro na base e púrpura em direção ao ápice, ca. 2 cm diâm., pétalas soldadas em 1/3 da base, lobos da corola lanceoladas, tricomas tectores e

glandulares, estames 5, filetes ca. 3 mm compr., anteras ca. 5 mm compr., oblongas, amarelo-pálidas, deiscência longitudinal; ovário subgloboso, tricomas glandulares, estilete ca. 9 mm compr., estigma capitado ou bilobulado. **Fruto** baga, cônico a ovoide, ca. 1 cm diâm., cálice frutífero levemente acrescente, cálice frutífero ca. 2 cm diâm., tricomas iguais ao do cálice, epicarpo verde jovem e verde amarelado na maturação, pubescente, totalmente ou somente a porção apical glanduloso-piloso. **Sementes** ca. 2 mm diâm., semicirculares, amarelo-castanhas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, setor Sul, ramal para a Faz. Liberdade, Setor da farofa, 14°24'45"S, 40°07'11"W, 7-I-2013, 7 january 2013, fl. *L.Y.S. Aona et al. 1953* (HURB).

Comments:— *Athenaea pogogena* pode ser facilmente reconhecida pela pubescência de seus ramos e coloração das máculas em sua corola. As características que a diferencia de *A. hunzickeriana* foram discutias nesta espécie. A espécie não é endêmica do Brasil, ocorrendo na Bahia e no Sudeste do país, ocorre na e no Sudeste (KEW Royal Botanic Gardens 2024). Na área de estudo, *A. pogogena* foi encontrada em Floresta Ombrófila Densa Submontana, no interior da mata, ocorrendo também em áreas antropizadas.

2. *Brugmansia* Blume Bijdr. Natuurk. Wetensch. 2: 422. (1828).

2.1 *Brugmansia suaveolens* (Willd.) Bercht. & J.Presl, Prir. Rostlin Aneb. Rostl. 1: 45 (1823).

Figura 6, f.

Arbusto, ereto, inerme, caule e ramos cilíndricos, glabrescentes. **Folhas** concolores, lâmina 5,5 - 20 x 2 - 9 cm, cartácea, ambas as faces pubescentes a pilosas, tricomas simples, ápice agudo, base assimétrica, margem inteira, pecíolo 6 cm compr., cilíndrico, piloso. **Inflorescência** solitária, terminal, 1-2 flora, pedicelo 5 cm compr., deflexo. Flores com cálice tubuloso, inflado, 3 cm diâm., sépalas soldadas até mais da metade da base, tubo 14 mm compr., lobos 0,5-1 cm compr., inermes, corola infundibuliforme, branco esverdeado, 15 cm diâm., tubo com 20 cm compr., pétalas completamente soldadas, lacínias obtusas, estames 4, filetes ca. 4,7 cm compr., pilosos da metade até a base, tricomas simples, anteras ca. 8 mm compr., alvas, laminares, deiscência longitudinal; ovário fusiforme cilíndrico, glabro, estilete ca. 15 cm compr., estigma oblongo. **Fruto** cápsula, fusiforme, ca. 1,5 cm diâm., ca. 12 cm compr. cálice frutífero

não acrescentado, cálice frutífero ca. 2 cm diâm., glabro, epicarpo verde, glabro. **Sementes** ca. 7 mm diâm., ovoides, acastanhadas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, 14°24'05"S, 40°07'39"W, 24 december 2012, fl, *G.S. Silva et al. 152* (HURB).

Comments:— *Brugmansia suaveolens* é uma espécie utilizada para fins ornamentais devido a sua inflorescência vistosa (a maior, quando comparada com as das demais espécies deste estudo, com tubo chegando a 20 cm compr.). É facilmente reconhecida por seu cálice tubuloso, com corola infundibuliforme e tubo que mede de 16 a 20 cm compr. Além disso, apresenta 4 estames e seu fruto é do tipo cápsula, com formato fusiforme. *Brugmansia suaveolens* é uma espécie introduzida, ocorre em todos os domínios fitogeográficos do Brasil, em todas as regiões do território nacional (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Foi introduzida em diversos países por seu uso ornamental. É possível encontrar nesta planta alcalóides tropânicos, como a hiosciamina e a escopolamina (ALVES, 2003). Na área de estudo, ocorre na fitofisionomia de Floresta Ombrófila Densa Submontana.

3. *Brunfelsia* L., Sp. Pl. 1: 191 (1753).

3.1 *Brunfelsia hydrangeiformis* Prodr. [A. P. de Candolle] 10: 198 (1846)

Figura 6, g-i.

Arbusto, ereto, inerme, caule e ramos cilíndricos, glabros. Folhas concolores, lâmina 30 x 9,5 cm, coriácea, face adaxial glabra, face abaxial esparsamente pubescente, ápice acuminado, base cuneada, margem inteira; pecíolo 1 cm compr., cilíndrico, glabro.

Inflorescência séssil, terminal, até 50-flora, pedicelo ca. 1 cm compr., ereto. Flores com cálice tubular-campanulado, 1,5 cm diâm., pubescente; sépalas soldadas até mais da metade da base, tubo 3,7 cm compr., tricomas glandulares, lacínias com 3-8 mm compr.; corola tubulosa, hipocrateriforme lilás, centro da corola branco, ca. 3 cm diâm., tubo comprimido na base, roxo, lobos da corola arredondados, estames 4, par de estames anteriores 5 mm de compr, par de filetes posteriores com 3 mm compr., anteras ca. 2 mm, compr., oblongas, deiscência longitudinal; ovário ovoides, estilete ca, 3 cm compr., estigma bifido. **Fruto** cápsula, ovoides, ca. 2 cm diâm., cálice frutífero acrescentado, cálice frutífero ca. 3 cm diâm., epicarpo castanho esverdeado. **Sementes** ca. 3 mm diâm., oblongas, castanho escuro.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Trilha do charme, 14°24'53"S, 40°7'57"W, 28 december 2013, fl. *G. Costa et al. 3005* (HURB).

Comments:— *Brunfelsia hydroangeiformis* é visivelmente distinta a *B. uniflora* (3.2) pelo tamanho e textura das folhas (30 x 9,5, coriácea em *B. hydroangeiformis* vs. 3-10,5 x 1-3, cartácea em *B. uniflora*), apresenta inflorescência séssil de até 50-flora (vs. flores solitárias em *B. uniflora*). Ambas as espécies apresentam fruto tipo cápsula (*B. hydroangeiformis* ovoide e *B. uniflora* globosa). Os registros de *B. hydroangeiformis* indicam ocorrência para o estado da Bahia e para o Sudeste (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, a espécie foi encontrada em Floresta Ombrófila Densa Submontana.

3.2 *Brunfelsia uniflora* D.Don, Edinburgh New Philos. J. (Apr.-Oct. 1829) 85.

Figura 6, j-k.

Arbusto, ereto, inerme, caule e ramos cilíndricos, glabros. **Folhas** concolores; lâmina 3-10,5 x 1-3 cm, cartácea, ambas as faces puberulentas, ápice acuminado, base atenuada, margem inteira; pecíolo ca. 3 mm compr., cilíndrico, puberulento.

Inflorescência solitária, terminal, uniflora, pedúnculo ca. 5 mm compr., pedicelo 1-6 mm compr., ereto. Flores com cálice campanulado, ca. 1,5 cm diâm., sépalas soldadas até mais da metade da base, tubo 2 cm compr., lacínia 5mm compr.; corola hipocrateriforme, violeta, ca. 4 cm diâm., pétalas soldadas mais da metade na base, lacínia oblanceolada, estames 4, filetes menores ca. 1,8 cm compr., filetes maiores ca. 2 cm compr., anteras ca. 2 mm compr., orbicular-reniforme, deiscência longitudinal; ovário ovoide, glabro, estilete 1,8 cm compr., estigma bifido. **Fruto** cápsula, globoso, ca. 1,5 cm diâm., cálice frutífero acrescente, persistente, ca. 1,6 cm diâm., glabrescente, epicarpo verde escuro, glabro. **Sementes** ca. 3 mm diâm., elíptica, castanha-escura.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mata Atlântica, 14°19'20"S, 40°13'24"W, 30 october 2017, fl. *L.Y.S. G. Costa et al. 3101* (HURB); Fazenda Sao José entrance 8.8 km E of Boa Nova on road to Dario Meira, 25 october 2001, fl. *W.W. Thomas 12605*(NYBG).

Comments:— As características morfológicas estão descritas sob *Brunfelsia hydrangeiformis*. *Brunfelsia uniflora* não é endêmica do Brasil, entretanto ocorre em todas as regiões, nos domínios fitogeográficos Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata

Atlântica (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022). Na área de estudo, a espécie ocorre na Floresta Ombrófila Densa Submontana, no interior da mata.

4. *Cestrum* L., Gen. Pl., ed. 5 [Linnaeus] (1754).

4.1 *Cestrum axillare* Vell., Fl. Flumin. 101 (1829).

Árvore, escandente, inerme, caule e ramos cilíndricos, glabros. **Folhas** discolores; lâmina 2-11,5 x 1-5 cm, levemente coriácea, ambas as faces glabras; nervura da face abaxial bastante evidente, amarelada, ápice acuminado, base cuneada, margem inteira; pecíolo 1-1,5 cm compr., cilíndrico, glabro. **Inflorescência** em cimeira, axilar ou terminal, ca. 8-flora. Flores com subsésseis, cálice cupuliforme, ca. 10 mm diâm., sépalas soldadas até mais da metade da base, tubo ca. 4 mm compr., lobos ca. 2 mm compr., corola tubular, hipocrateriforme, amarela ou verde-clara, ca. 1,5 cm diâm., pétalas soldadas na base, lobos da corola elíptico-lanceoladas, estames 5, filetes ca. 2 cm compr., anteras ca. 4 mm compr., curto-oblongas, acastanhadas, deiscência longitudinal; ovário ovoide, estilete ca. 1 cm compr., estigma capitado. **Fruto** baga, ovoide, ca. 1 cm diâm., cálice frutífero não acrescentado, cálice frutífero ca. 1 cm diâm., epicarpo verde jovem e roxo-escuro a nigrescente na maturação, glabro. **Sementes** ca. 3 mm diâm., angulosas, marrons.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mara úmida, 14 January 2016, fl and fr, *J.G. Santos et al. 1* (HURB); Em frente à Pocilga. Floresta Ombrófila, 14°24'43"S, 40°08'12"W, 01 April 2023, fl and fr, *R.J.A. Jesus et al. 135* (HURB).

Comments:— Apresenta inflorescência em cimeira, com flores subsésseis. As flores de *C. axillare* possuem cálice tubuloso, campuliforme e corola tubular, hipocrateriforme. *Cestrum axillare* pode ser reconhecida pelo número de flores na inflorescência, podendo ter de 3-14 flores (vs. 6-8 flores em *Cestrum schlechtendalii* e 1-6 flores em *Cestrum salzmannii*), observa-se também as nervuras da face abaxial bem pronunciadas, de cor amarela. A espécie ocorre todas as regiões do Brasil (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022), podendo ocorrer em áreas antropizadas. No PNB, a espécie ocorre em Floresta Ombrófila, em uma área com a vegetação visivelmente perturbada.

4.2 *Cestrum bracteatum* Link & Otto, Icon. Pl. Rar. [Link & Otto] 11, t. 6 (1828).

Arbusto a arvoreta, ereto, inerme, ramos cilíndricos, glabros. **Folhas** concolores; lâmina 6,5-20,7 x 2-5,5 cm, cartácea, com pseudoestípulas na base do pecíolo, ambas as faces glabras, ápice agudo, base cuneada, margem inteira; pecíolo 0,5-1,3 cm compr., cilíndrico, glabro. **Inflorescência** cimoso-paniculiforme, axilar ou terminal, 3-15 flora, pedúnculo 12 cm compr., pedicelo ausente ou com até 2 mm compr. Flores com cálice tubuloso-cupuliforme, 1 cm diâm., sépalas soldadas até mais da metade da base, tubo 5 mm compr., lobos 3 mm compr.; corola tubuloso-hipocrateriforme, branca a creme, ca. 3 cm diâm., pétalas soldadas em $\frac{2}{3}$ da base, lobos da corola oblongo-lanceolados, estames 5, filetes adnatos, porção livre ca. 5 mm compr., anteras ca. 4 mm compr., ovais, deiscência longitudinal; ovário ovado, glabro, estilete ca. 20 mm compr., estigma capitado. **Fruto** baga, ovoide, 4 mm diâm., cálice frutífero não acrescentado, cálice frutífero ca. 2 mm diâm., glabros, epicarpo verde jovem e roxo-escuro a preto na maturação, glabro. **Sementes** ca. 3 mm diâm., angulosas, marrons.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Trilha do Charme, 14°24'53"S, 40°7'57"W, 28 december 2017, fl and fr, *G. Costa et al.* 2990 (HURB); Setor Sul, Fazenda Liberdade, Platô das orquídeas, 14°24'24"S, 40°07'20"W, 05 ptober 2012, fl and fr *L.Y.S. Aona et al.* 1623 (HURB).

Cestrum bracteatum pode ser facilmente reconhecida pela inflorescência cimoso-paniculiforme, cálice tubuloso-campuliforme e da corola tubuloso-hipocrateriforme. Além disso, *C. bracteatum* apresenta brácteas (hipsofilos foliares) nas flores, uma importante característica para sua delimitação. Espécie exclusiva do domínio Mata Atlântica, ocorre nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, a espécie foi encontrada nas fitofisionomias Floresta Ombrófila Densa Submontana, em área mais sombreada e com mais árvores e Vegetação Sobre Afloramento Rochoso, em área mais aberta e ensolarada.

4.3 *Cestrum intermedium* Sendtn., Fl. Bras. (Martius) 10: 221 (1846).

Figura 7, j-k.

Árvore ou arvoreta, inerme, caule e ramos cilíndricos, glabros. **Folhas** concolores, pseudoestípulas presentes; lâmina 3,5-14,5 x 2-5,5 cm, membranácea, ambas as faces glabras, ápice acuminado, base cuneada, margem inteira; pecíolo 0,5-1 cm compr., cilíndrico, glabro. **Inflorescência** cimoso-paniculiformes, axilar e terminal, 3-15 flora, pedúnculo 1-3 cm compr., pedicelo ca. 2 mm compr. Flores subsésseis, cálice

campanulado, ca. 5 mm diâm., sépalas soldadas até $\frac{2}{3}$ do ápice, tubo 4 mm compr., lobos 1 mm compr., corola tubuloso-infundibuliforme, creme-esverdeada, ca. 2 cm diâm., pétalas soldadas em $\frac{2}{3}$ da base, lobos da corola oblongo-lanceoladas, estames 5, porção livre filetes ca. 4 mm compr., anteras ca. 6 mm compr., linear, deiscência longitudinal; ovário ovado, glabro, estigma capitado. **Fruto** baga, elipsoide, ca. 6 mm diâm., cálice frutífero não acrescentado, cálice frutífero ca. 4 mm diâm., glabro, epicarpo verde jovem e roxo-escuro a preto na maturação, glabro. **Sementes** ca. 3 mm diâm., angulosas, marrons.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Distrito de Valentim, 22 km a leste de Boa Nova, 14°26'03"S, 40°04'58"W, 12 april 2022, fr, *L.Y.S. Aona et al. 6305* (HURB).

Comments:— *Cestrum intermedium* pode ser reconhecida pelas folhas lanceoladas, corola tubuloso-infundibuliforme e seu cálice campanulado. É popularmente conhecida por Coreana. Ocorre no domínio Mata Atlântica, com registro para a Bahia, Sudeste e Sul (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *C. intermedium* foi encontrada em fitofisionomia de Floresta Ombrófila Densa Submontana, em um trecho de mata perturbada, onde geralmente há presença de gado e pastagens.

4.4 *Cestrum salzmannii* Dunal, Prodr. [A. P. de Candolle] 13(1): 626 (1852). Figura 7, c-e.

Arbusto, ereto, inerme, caule e ramos cilíndricos, glabros. **Folhas** descolores; lâmina 8,5-14,5 x 3,5-5 cm, coriácea, faces adaxial e abaxial pilosa, superfícies brilhantes, ápice acuminado, base cuneada a assimétrica, margem lobada; pecíolo ca. 1 cm compr., cilíndrico, glabro. **Inflorescência** em cimoso-fasciculiformes, axilar, 1-6 flora, pedúnculo 2-5 mm compr. Flores sésseis a subsésseis, cálice tubuloso-cupuliforme, 3 mm diâm., sépalas soldadas até mais de $\frac{2}{3}$ da base, tubo ca. 3 mm compr., lobos ca. 1 mm compr., corola tubulosa-infundibuliforme, branco-esverdeada, ca. 2,5 cm diâm., pétalas soldadas na base, lobos da corola lanceoladas, estames 5, filetes parcialmente adnatos, porção livre ca. 2,5 mm compr., anteras 5 mm compr., orbiculares, amarelas, deiscência longitudinal; ovário ovoide, glabro, estilete ca. 1 cm compr., estigma capitado. **Fruto** baga, elipsóide, ca. 1,5 cm diâm., cálice frutífero não acrescentado, ca. 1,5 cm diâm., epicarpo verde jovem e roxo-escuro a preto na maturação, glabro. **Sementes** ca. 3 mm diâm., angulosas, marrons.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, setor Sul, ramal para a Faz. Liberdade, Setor da farofa, 14°24'45"S, 40°07'11"W, 7-I-2013, 7 january 2013, fl and fr, *L.Y.S. Aona et al. 1986* (HURB).

Comments:— *Cestrum salzmannii* e *C. schlechtendalii* (4.5) apresentam folhas consideravelmente maiores quando comparadas às demais espécies do gênero. As das folhas de *C. schlechtendalii* são opacas (vs. superfície foliar brilhosa em ambas as faces em *C. salzmannii*) e nas duas espécies as estípulas são ausentes. *Cestrum salzmannii* apresenta um número de flores reduzido, quando comparado a *C. schlechtendalii*. Ocorre em todas as regiões do Brasil, com registro para os domínios Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, a espécie foi encontrada nas fitofisionomias Floresta Ombrófila Densa Submontana, e Campos de Altitude com rochas expostas.

4.5 *Cestrum schlechtendalii* G.Don, Gen. Hist. 4(1): 482 (1837).

Figura 7, f-g.

Arbusto a árvore, ereto, caule e ramos cilíndricos, glabros. **Folhas** discolores; lâmina 15-21 x 6-8 cm, 10-12 pares de nervura secundária, coriácea, ambas faces glabras, ápice acuminado, base cuneada, base levemente repanda; pecíolo 1-2 cm compr., cilíndrico, glabro. **Inflorescência** cimoso-fasciculiforme, axilar ou terminal, 6-8 flora, pedúnculo ca. 2 mm compr., pedicelo 1 mm compr. Flores subsésseis, cálice poculiforme, 3 mm diâm., sépalas soldadas até $\frac{2}{3}$ da base, tubo 2 mm, lobos ca. 1 mm compr.; corola tubuloso-infundibuliforme, branco-esverdeada ou creme-esverdeada, ca. 1,5 cm diâm., pétalas soldadas mais de $\frac{2}{3}$ da base, lobos da corola oblongolanceolados, estames 5, filetes parcialmente adnatos, porção livre ca. 2 mm compr., anteras ca. 4 mm compr., suborbiculares, amarelas deiscência longitudinal; ovário semigloboso, glabro, estilete ca. 1,6 cm compr., estigma capitado. **Fruto** baga, elipsóide, ca. 6 mm diâm., cálice frutífero não acrescente, ca. 2 cm diâm., glabros, epicarpo verde jovem e roxo-escuro a preto na maturação, glabro. **Sementes** ca. 3 mm diâm., angulosas, marrons.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Setor Sul, Fazenda liberdade, trilha do charme, chegando ao platô das orquídeas, 14°24'26"S, 40°07'15"W, 06 january 2013, fl, *L.Y.S. Aona et al. 1887* (HURB); Setor Sul, Fazenda liberdade, Trilha do Charme, Floresta Ombrófila Densa, 14°24'36"S, 40°07'43"W, 06 january 2013 (Fr), *L.Y.S. Aona et al. 2048* (HURB); Valentim, january 2022, fr, *Y.F.*

Gouvêa et al. 476 (BHCB); 27 km west of Dario Meira on road to Boa Nova, 14 october 2000, fr, *W.W. Thomas et al. 12218 (NYBG)*.

Comments:—Espécie apresenta lâmina de tamanho maior, quando comparada a outras espécies do gênero. Muito semelhante a *C. salzmannii* (ver comentários sob *C. salzmannii*). Das espécies em estudos, esta ocorre poucas regiões, nos estados de BA, PB, PE, SE, GO (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Está presente nos domínios de Cerrado e Mata Atlântica. Na área de estudo, é possível observar a espécie em Floresta Ombrófila Densa Submontana e em Vegetação Sobre Afloramento Rochoso.

5. *Dysochroma* Miers, Ann. Mag. Nat. Hist. ser. 2, 4(22): 250 (1849).

5. 1 *Dysochroma jardimii* sp. nov. ined.

Figura 8, a-c.

Epífita ou liana, inerme, caule e ramos cilíndricos, quando jovens densamente pubescentes, tricomas não glandulares, ramos mais velhos glabrescentes. **Folhas** concolores; lâmina 6,2-9,8 x 3,4-4,6 cm, cartácea, face adaxial esparsamente pubescente e face abaxial glabra, nervuras das folhas com tricomas não glandulares concentrados, ápice atenuado a agudo, base cuneada, margem inteira; pecíolo 1-3,2 cm compr., cilíndrico, piloso. **Inflorescência** em cimeira, axilar, pedúnculo ca. 7 mm compr. Flores com cálice espatáceo, ca. 1,5 cm diâm., sépalas soldadas até metade da base, tubo ca. 3 mm compr., lobos ca. 2,8 cm compr.; corola campanulada, esverdeada com listras roxas (ou marrom), porção interna de verde a roxo, ca. 3 cm diâm., tubo ca. 10 cm compr., pétalas soldadas mais de $\frac{2}{3}$ da base, lobos da corola obtusos, estivação imbricada, estames 5, filetes adnatos ca. 20 mm ao longo da corola, anteras ca. 10 mm compr., basifixas, marrons, deiscência longitudinal; ovário cônico, glabro, estilete ca. 11 mm compr., estigma em forma de sela. **Fruto** baga, subglobosa, 2 cm compr., ca. 2,5 cm diâm., cálice frutífero não acrescente, epicarpo verde, glabro. **Sementes** ca. 5 mm diâm., reniformes, marrons.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Fazenda São José a 8,8 km da cidade indo para Dário Meira, 14°24'14"S, 40°9'16"W, 15 december 2017, fl, *L.Y.S. A.M. Amorim & F.M. Ferreira. 7075 (CEPEC)*.

Comments:— *Dyssochroma jardimii* sp. nov. ined. é uma espécie recém-descoberta para a ciência (in prep.) com ocorrência restrita à Bahia, no trabalho de Silva (2024). A espécie pode ser reconhecida por seu indumento densamente pubescente e por seu hábito ou liana, além de apresentar folhas com tricomas não glandulares concentrados nas nervuras. Outra característica que se pode observar em *D. jardimii* é o cálice espatáceo de coloração verde, com margens roxas e corola campanulada com pré-floração imbricada. Na área de estudo, a espécie ocorre em Floresta Estacional Semidecidual com Lianas, em região de borda de mata em área parcialmente antropizada.

6. *Lycianthes* (Dunal) Hassl., *Annuaire Conserv. Jard. Bot. Genève* 20: 180 (-181) (1917), nom. cons.

6.1 *Lycianthes pauciflora* Bitter, *Abh. Naturwiss. Vereine Bremen* 24: 341 (1919).

Figura 8, d-e.

Arbusto, escandente, inerme, caule e ramos cilíndricos, tricomas simples, eglandulares, multicelulares, unisseriados, hialinos. **Folhas** levemente discolores; lâmina 5,5-10 x 4-11 cm, cartácea, face adaxial levemente brilhante, esparsamente tricomas estrelados, face abaxial tomentosa, tricomas estrelados, ápice agudo, base cuneada, margem inteira; pecíolo 0,5-2 cm compr., cilíndrico, pubescente. **Inflorescência** racemosa, fascículo, axilar, 2-5 flora, pedicelo ca. 2 cm compr., ereto na maturidade. Flores sésseis, cálice campanulado, sinuado no ápice, 1,5 cm diâm., sépalas soldadas na metade da base, 10 apêndices emergindo nos 2/3 basais do cálice, tubo ca. 6 mm compr., corola rotácea, branca, ca. 3,5 cm diâm., pétalas soldadas na base, lobos da corola lanceolados, estames 5, filetes ca. 6 mm compr., anteras ca. 5 mm compr., amarelas sagitadas, deiscência poricida; ovário globoso, glabro, estilete ca. 9 mm compr., ligeiramente bilobado. **Fruto** baga, globoso, ca. 2 cm diâm., cálice frutífero acrescente, apêndices evidentes, 1,5 cm diâm., pubescente, tricomas estrelados, epicarpo verde a amarelo-esverdeado jovem e vermelho na maturação, glabro. **Sementes** ca. 3 mm diâm., obovoides, acastanhadas. **Selected material:**— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Distrito de Valentim, a 22 km de Boa Nova, Rua das roseiras, 12°26'03,6"S, 40°04'58,6"W, 12 april 2022, 7 january 2013, fr, *L.Y.S. Aona et al.* 6320 (HURB); Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil, 16 july 2016, fr, *Silva, G.S. et al* 226 (*HUESB*); 11 december 2013,

fl and fr, *A.S. Souza et al. 11 (HUESB)*; 07 february 2013, fr, *G.S. Silva & G.S. Brandão 206 (HUESB)*.

Comments:— *Lycianthes pauciflora* é facilmente reconhecida na área de estudo por seu cálice truncado, com 10 apêndices emergentes subapicais e fruto globoso vermelho na maturação. Possui também hábito escandente e inflorescência racemosa. Apenas o gênero *Lycianthes* possui anteras poricidas como nas espécies do gênero *Solanum*, mas os gêneros podem ser prontamente diferenciados pela presença ou não de lacínias típicas no cálice. Espécie ocorre nas regiões Norte, Centro-oeste, Nordeste e Sudeste, presente nos domínios Amazônia e Mata Atlântica (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, a espécie foi coletada em Floresta Ombrófila Densa Submontana.

7. *Physalis* L., Gen. Pl., ed. 5 [Linnaeus] (1754).

7.1 *Physalis angulata* L., Sp. Pl. 1: 183 (1753).

Erva, ereta, inerme, aule ramificado na base, ramos angulares, glabros. **Folhas** concolores; lâmina 5–8 × 3–5 cm, membranácea, ambas as faces glabras, ápice agudo, base arredondada, margem lobada, pecíolo 0,4–1,9 cm compr. **Inflorescência** solitária, axilar, pedúnculo 3–7 mm compr., pedicelo ca. 5 cm compr., deflexo. Flores com cálice campanulado na floração, ca. 5 mm diâm., sépalas soldadas na base, tubo ca. 0,5 mm compr., lobos ca. 1 cm compr., corola rotado-campanulada, creme, ca. 4 cm diâm., pétalas soldadas em mais de $\frac{2}{3}$ da base, lobos da corola elíptico-lanceoladas, estames 5, filetes ca. 3 mm, anteras ca 2 mm compr., basifixas, azuis, deiscência lateral; ovário levemente ovado, glabro, estilete ca. 3 mm compr., estigma lobado. **Fruto** baga, globoso, ca. 3 cm diâm., cálice frutífero acrescente, cálice frutífero acrescente, ca. 2,5 cm diâm., glabro, inflado; epicarpo esverdeado quando jovem, alaranjado na maturação, glabro. **Sementes** ca. 2 mm compr., ovais, achatadas, marrons.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, 14°24'43,4"S, 40°07'46,5"W, 17 july 2013, fl and fr, *G.S. Silva & G.S. Brandão 241 (HUESB)*.

Comments:— *Physalis angulata* apresenta corola esparsamente pubescente, com anel de tricomas amarronzados na porção de inserção dos filetes (vs. corola amarela, densamente pubescente, com anel de tricomas brancos na porção de inserção dos filetes em *P. pubescens* (ver abaixo). Foi possível observar folhas maiores em *P. angulata* 5-

8x3-5 (vs. 1-6 x 1,5-3,1 em *P. pubescens*). Além disso, o hábito de *P. angulata* é visivelmente ereto e pouco ramificado (vs. mais ramificado em *P. pubescens*). As anteras de *P. agulata* são azuis, enquanto as anteras de *P. pubescens* são levemente lilases. Ocorre em todas as regiões do Brasil, e é comumente vista em áreas antropizadas (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). No PNB, a espécie foi encontrada na fitofisionomia Floresta Ombrófila Densa Submontana, próximo a áreas antropizadas.

7.2 *Physalis pubescens* L., Sp. Pl. [Linnaeus] 1: 183 (1753).

Figura 8, f-j.

Erva a subarbusto, ereto, caule e ramos angulosos, pubescentes, tricomas simples.

Folhas concolores; lâmina 1,6-4,5 x 1,5-3,1 cm, membranácea, ambas as faces velutinas, tricomas simples, ápice acuminado, base levemente truncada, margem lobada; pecíolo 0,2-1,5 cm compr., cilíndrico, pubescente. **Inflorescência** solitária, axilar, pedicelo 0,3-0,5 cm compr., deflexo. Flores com cálice campanulado, piloso, ca. 5 mm diâm., sépalas soldadas em mais da metade da base, tubo 4 mm compr., lobos 1 mm compr., corola campanulada, amarela, 2,5 cm diâm., pétalas inteiramente soldadas, lacínias lanceoladas, estames 5, filetes ca. 3 mm compr., anteras ca. 4 mm compr., oblongas, levemente lilases, deiscência longitudinal; ovário globoso, glabro, estilete ca. 5 mm compr., estigma capitado. **Fruto** baga, globoso, 2 cm diâm., cálice frutífero acrescente, cálice frutífero ca. 4 cm diâm., inflado, piloso; epicarpo verde jovem e amarelo na maturação, glabro. **Sementes** 2 mm diâm., reniformes, cremes.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, setor Sul, Caminho para a cachoeira 7 de setembro, 14°27'39"S, 40°06'29"W, 02 abril 2023, fl and fr, *R.J.A. Jesus et al. 143* (HURB).

Comments:— A espécie apresenta corola amarela densamente pubescente (ver demais comentários em *P. agulata*). *Physalis pubescens* ocorre em todas as regiões do Brasil, com ampla plasticidade de ambientes (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Esta espécie foi encontrada em fitofisionomia de Floresta Ombrófila Densa Submontana, em área completamente aberta, antropizada.

8. *Solanum* L., Gen. Pl., ed. 5 [Linnaeus] (1754).

8.1 *Solanum acerifolium* Humb. & Bonpl. ex Dunal, Solan. Syn. 41. (1816).

Arbusto, ereto, aculeado; caule e ramos cilíndricos, puberulento, tricomas glandulares e simples, acúleos 1,0-1,5 cm compr., aciculares, arroxeados a marrons. **Folhas** concolores, acúleos da folha ca. 2 cm compr., cônicos, roxos; lâmina 3,5 x 10 cm, cartácea, nervuras da lâmina bem pronunciadas, roxas, face adaxial hirsuta, tricomas simples glandulares, face abaxial puberulenta, tricomas glandulares, ápice agudo, base truncada, margem inteira a lobada; pecíolo 2-6 cm compr., cilíndrico. **Inflorescência** extra-axilar, 2-5-flora, pubescente, tricomas simples glandulares e eglandulares, acúleos 2,0-3,0 mm compr.; pedúnculo ca. 4 cm compr., pedicelo ca. 3 cm compr., deflexo. **Flores** com cálice campanulado, ca. 4 mm diâm., sépalas soldadas até a metade, tubo 1 mm compr., lobos ca 2 mm compr.; corola estrelada, alva a esverdeada, 1,5 cm diâm., pétalas soldadas até 1/3 da base, lanceoladas, filetes ca. 1 mm compr., anteras ca. 5 mm compr., lanceoladas, deiscência poricida terminal; ovário ovoide, glabro, 1 mm diâm., estigma capitado. **Fruto** baga, globosa, ca. 2 cm diâm., cálice frutífero não acrescentado, ca. 5 mm diâm., puberulento, tricomas glandulares; epicarpo esverdeado com máculas brancas, glabro. **Sementes** ca. 3 mm diâm., suborbiculares, aladas, marrom avermelhada a nigrescente.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mata Atlântica, 14°24'51"S, 40°07'39"W, 2 november 2013, fr, *R.S. Souza et al. 311 (HUESB)*; Fazenda Riachão, 03 december 2019, *G.S. Silva et al. 1054 (HUESB)*.

Comments:— *Solanum acerifolium* difere de *S. palinacanthum* e *S. viarum*, espécies também ocorrentes no PNB, pelo tipo de indumento, *S. acerifolium* e *S.*

palinacanthum apresentam indumento puberulento, com tricomas glandulares e simples (*S. acerifolium*) e tricomas glandulares, unisseriados (em *S. palinacanthum*) em contraste com o indumento piloso em *S. viarum*, com tricomas simples, glandulares, unisseriados). *Solanum acerifolium* e *S. palinacanthum* apresentam nervuras bem pronunciadas nas folhas (vs. nervuras menos evidentes em *S. viarum*). As nervuras e acúleos dos ramos e folhas de *S. acerifolium* são arroxeadas, já em e *S. viarum* são brancas (vs. acúleos esbranquiçados nas folhas *S. palinacanthum*), as três espécies possuem acúleos aciculares. Outra característica importante para diferenciar essas espécies é a corola alva presente em *S. acerifolium* e *S. viarum*) (vs. corola roxa em *S. palinacanthum*). *Solanum acerifolium* ocorre no Norte, Nordeste, Centro Oeste e

Sudeste, é comum em área antrópica, Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Ombrófila (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, a espécie foi encontrada em fitofisionomia de Floresta Ombrófila Densa Submontana.

8.2 *Solanum agrarium* Sendtn., Fl. Bras. (Martius) 10: 69 (1846).

Subarbusto a arbusto, ereto a levemente escandente, aculeado; caule e ramos cilíndricos, tricomas simples glandulares e eglandulares, acúleos ca. 3 mm, aciculares, amarelados. **Folhas** concolores, acúleos da folha ca. 2 mm compr., aciculares; lâmina 1,5-2,5 x 0,5-1 cm, membranácea, ambas as faces pubescentes com tricomas glandulares, eglandulares e porrecto estrelados, ápice agudo ou obtuso, base assimétrica a arredondada, margem lobada; pecíolo 0,4-2,5 cm compr., cilíndrico, levemente piloso. **Inflorescência** solitária, extra-axilar, 1-3-flora, pubescente, pedúnculo ca. 4 mm compr., pedicelo ca 8 mm compr., deflexo. Flores com cálice campanulado, 3 mm diâm., sépalas soldadas $\frac{1}{3}$ da base, tubo 1,0 mm compr., lobos ca. 3 mm compr., triangulares, corola estrelada, amarelo esverdeada, 1 cm diâm., pétalas soldadas $\frac{1}{4}$ da base, lobos da corola oblongo-lanceolados, estames 5, filetes 1 mm, anteras ca. 3 mm compr., esverdeadas, lanceoladas, deiscência poricida terminal, ovário globoso, pubérulo, tricomas glandulares, estilete ca. 3 mm compr., reduzido nas flores estaminadas, estigma truncado. **Fruto** baga, globoso ca. 2,5 cm diâm., cálice frutífero não acrescente, 8 mm diâm., aculeado, puberulento, tricomas glandulares e porrecto estrelados, epicarpo verde, variegado, glabro. **Sementes** ca. 2 mm diâm., subreniformes a reniformes, marrom-avermelhadas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Lajedo 2º ponto, 14°19'56"S, 40°13'18"W, 26 october 2017, fl and fr, *G. Costa et al. 2865 (HURB)*; Lajedo da Porangaba, 30 september 2016, fr, *A.M.M. França et al 27 (HVC)*; Lajedo da Fazenda Alvorada, 04 october 2019, fr, *M. Carmo, 478 (HVC)*; Fazenda Alvorada, 23 september 2017, fl, *L.S. Pereira et al. 8 (HVC)*.

Comments:— *Solanum agrarium* é uma espécie facilmente reconhecida por sua inflorescência simples com corola verde e anteras esverdeadas. Outra característica relevante na sua delimitação é o hábito subarbusitivo e aculeado em toda a planta. Esta espécie ocorre em variadas fitofisionomias do território brasileiro, geralmente em área antrópica, Área Antrópica, Caatinga, Campo Rupestre, Cerrado, Floresta Estacional Decidual (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *S. agrarium* foi encontrado em Vegetação Sobre Afloramento Rochoso.

8.3 *Solanum asterophorum* Mart., Flora 21(2, Beibl.): 79 (1838).

Figura 9, a-f.

Arbusto, ereto, aculeado, caule e ramos cilíndricos, tricomas unificados, estrelados, acúleos 4-7 mm compr., recurvos, amarronzados. **Folhas** discolors, acúleos da folha ca. 4-6 mm, cônicos; lâmina 8-17 x 4-11 cm, membranácea, faces adaxial e abaxial pilosa, ápice agudo, base assimétrica a cuneada, margem lobada; pecíolo 1-2,5 cm, cilíndrico, piloso. **Inflorescência** em monocásio, axilar, 3-7 flora, pedúnculo ca. 2 mm compr., pedicelo 0,8-1,2 cm compr., pedicelo deflexo (recurvo). Flores com cálice cônico, 3,5 mm diâm., sépalas soldadas até metade da base, tubo ca. 3 mm, lobos 1-3 mm, aculeados, corola estrelada, alva, ca. 3,5 cm diâm., pétalas soldadas na base, tecido interpetalar, lobos da corola oblongo-lanceoladas, estames 5, filetes ca. 2 mm compr., anteras 8 mm compr., lanceoladas, amarelas, deiscência poricida apical; ovário levemente cilíndrico, tricomas glandulares, estilete 7 mm compr., estigma cônico (bilobado). **Fruto** baga, subglobosa, ca. 2 cm diâm., cálice frutífero acrescente, cálice frutífero aculeado, ca. 2 cm diâm., puberulentos, tricomas hialinos, acúleos do cálice 2 mm, epicarpo branco jovem e verde na maturação, glabro. **Sementes** ca. 4 mm diâm., reniformes, palha a marrom.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, 19 abril 2014, fl and fr, *G.S. Silva & G.S. Brandão 208 (HUESB)*; Distrito de Valentim, a leste de Boa Nova 14°26'03"S, 40°04'58"W, 12 abril 2022, fl and fr *L.Y.S. Aona et al. 6316 (HURB)*; Estrada após entrada da trilha do Charme, 14°21'6"S, 40°14'27"W, 01 abril 2023, fl and fr, *R.J.A. Jesus et al. 134 (HURB)*; Trilha após o distrito de Valentino, 14°26'7"S, 40°04'49"W, 02 abril 2023 fl and fr, *R.J.A. Jesus et al. 138 (HURB)*; 02 november 2013, fl, *R.S. Souza et al. 288 (JPB)*.

Comments:— *Solanum asterophorum* pode ser reconhecida por seu tecido interpetalar na sua corola, pedicelos recurvos e cálice cônico, acrescente até metade do fruto.

Apresenta epicarpo branco jovem e verde na maturação. A espécie ocorre nas regiões Nordeste e Sudeste, no domínio Mata Atlântica (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *S. asterophorum* foi encontrada em Floresta Ombrófila Densa Submontana, na região de borda da mata ou em áreas perturbadas, ambas com bastante luz durante o dia.

8.4 *Solanum bahianum* S.Knapp, Bull. Brit. Mus. (Nat. Hist.), Bot. 19: 109 (-110), fig. 8 (1989).

Arbusto, ereto, inerme, caule e ramos cilíndricos, ramos e folhas jovens com tricomas avermelhados. **Folhas** discolors, lâmina 4,8-16 x 1,5-6,0, elíptico-lanceolada, ambas as faces glabras, ápice acuminado, base cuneada, margem inteira; pecíolo 0,4-2,5 cm, cilíndrico. **Inflorescência** em monocásio (cimeira), extra-axilar, 10-15 flora, pedúnculo ca. 1,5 cm compr., pedicelo ca 4 mm compr., deflexo, flores com cálice cônico, ca. 4 mm diâm. sépalas completamente soldadas, tubo 2 mm, lobos 1 mm; corola rotácea, alva a creme, ca. 6 mm diâm., pétalas soldadas na base da corola, lobos elíptico-lanceolados, 5 estames, filetes ca 1 mm compr., anteras 2 mm compr., lanceoladas, deiscência poricida apical. Ovário globoso, glabro, estilete ca. 2 mm compr., estigma capitado. **Fruto** baga, globoso, 5 mm diâm., cálice frutífero não acrescente, glabro, 3 mm diâm., epicarpo verde quando jovem, glabro. **Sementes** 4 mm diâm., ovoide-reniformes, marrom-escuras.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Fazenda São José a 8,8 km de Boa Nova na Entrada para Dário Meira, 14°24'14"S, 40°9'16"W, 07 march 2013, fr, *S.C. Santana et al. 1066* (HURB); Fazenda São José entrance 8.8 km from Boa Nova, 25 october 2001, fl, *W.W. Thomas 12602* (NYBG, CEPEC), Fazenda São José, a 8.8 km de Boa Nova, na estrada para Dario Meira, a 1.4 km do ramal a esq., 07 march 2003, fl, *S.C. Sant'Ana1066* (NHML).

Comments:— *Solanum bahianum* pode ser reconhecida por seus ramos e folhas jovens com tricomas avermelhados, além das sementes, de coloração marrom-escuro. Esta espécie ocorre somente na Bahia e em Minas Gerais, no domínio Mata Atlântica. Dados de conservação indicam que a espécie está criticamente ameaçada de extinção (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). No PNB, a espécie foi encontrada em Floresta Ombrófila Densa Submontana, no interior da mata, com pouca luminosidade.

8.5 *Solanum confertiflorum* Stehmann & Tabosa, Syst. Bot. 45(4): 932 (2020).

Figura 9, g-h.

Árvore, ereta, inerme, caule e ramos cilíndricos. **Folhas** concolores, lâmina 1,5-8,5 x 1,0-2,5, linear-lanceolada, em formato de barco, ápice agudo, base atenuada, margem lâmina levemente crenada; pecíolo 0,2 a 2 cm compr., cilíndrico, glabro.

Inflorescência ramificada, extra-axilar, ca. 6-10 flora, congestionadas no ápice,

glabrescente, tricomas glandulares apenas na face adaxial das pétalas; pedúnculo 1 cm compr., pedicelo 4 mm compr., deflexo, flores com cálice inchado, ca. 4 cm diâm., sépalas soldadas na base, tubo ca 1 mm compr., lobos ca. 4 mm compr., corola estrelada, lilás a roxa, 6 cm diâm., pétalas soldadas na base da corola, lobos lanceolados, estames 5, filetes adnatos, anteras ca. 3 mm compr., anteras oblongas, coniventes, lilases, deiscência poricida, ovário ca. 1 mm diâm., cônico, glabro; estilete 2,6 mm compr.; estigma truncado. **Fruto** baga, ca 8 mm diâm., globoso, cálice frutífero não acrescente, glabrescente, tricomas simples, 4 mm diâm., epicarpo verde quando imaturo, glabro. **Sementes** ca. 4 mm diâm., discóide-reniformes, marrom-escuras.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mata de Cipó, 03 June 2015 fl and fr, *A.S. Souza 358* (HUESB);

Adicional Selected material:— Brasil, Boa Nova, Santa Terezinha, Comunidade Grande Vale do Rio Doce 12°39'47"S, 39°32'08,4"W, 26 September 2013, fl, *L.Y.S. Aona et al. 320* (HURB).

Comments:— *Solanum confertiflorum* apresenta ramos de cor bege-acinzentado e folhas em formato de barco (navicular) curvados para baixo (Stehmann *et al.* 2020). Outra característica diagnóstica da espécie é a presença de anteras lilases, cálice inchado, persistente e filetes adnatos. A espécie apresenta ocorrência registrada somente para o estado da Bahia, encontrada no domínio Caatinga (Stehmann *et al.* 2020). Na área de estudo, *S. confertiflorum* ocorre em Floresta Estacional Semidecidual com Lianas (Mata de Cipó).

8.6 *Solanum depauperatum* Dunal, Prodr. [A. P. de Candolle] 13(1): 227 (1852).

Arbusto, escandente, aculeado, caule e ramos cilíndricos, lenhosos, tricomas estrelados multiglandulados acúleos 1-3 mm compr., recurvos, ferrugíneos. **Folhas** discolores, lâmina 0,3-4,5 x 1-2,5 cm, cartácea, faces adaxial e abaxial pilosa, com acúleos na nervura central, ápice atenuado, base subcordada, margem inteira; pecíolo 0,5-1 cm compr., cilíndrico, piloso. **Inflorescência** em monocásio terminal, 1-3 flora, pedicelo 1,5-3 cm compr., pedicelo ereto. Flores com cálice campanulado, tubo ca. 2 mm., sépalas completamente soldadas, tubo ca. 5 mm, lacínias ca. 1 mm compr., corola rotácea-estrelada, branca, ca. 3 cm diâm., pétalas soldadas na base, lobos da corola linear-lanceolados, estames 5, filetes ca. 2 mm compr., anteras ca. 6 mm compr., linear, amarelas, deiscência poricida apical; ovário pubescente, estilete 4-7 mm, estigma

capitado. **Fruto** baga, globoso, ca. 4 cm diâm., cálice frutífero não acrescentado, ampliado, ca. 1,2 cm diâm., hisurto, epicarpo negro a esverdeado quando jovem e laranja na maturação, velutino, tricomas estrelados. **Sementes** 4 mm diâm., reniformes, beges.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Trilha da Porangaba. Ponto 2. Mata de Cipó, 14°20'21"S, 40°14'44"W, 27 october 2017, fr, *G. Costa et al.* 2891 (HURB).

Comments:— *Solanum depauperatum* pode ser reconhecida por sua inflorescência em monocásio terminal e epicarpo alaranjado na maturação, superfície com indumento velutino, apresentado tricomas estrelados. Esta espécie ocorre nos estados da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, ocorre em Mata Atlântica com formações de Área Antrópica, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *S. depauperatum* ocorre em Floresta Estacional Semidecidual Com Lianas (Mata de Cipó).

8.7 *Solanum didymum* Dunal, Hist. Nat. Solanum 236. (1813).

Figura 9, i-m.

Subarbusto a arbusto, inerme, caule e ramos cilíndricos, tricomas estrelados. **Folhas** concolores; lâmina 2-11 x 1-4,5 cm, membranácea, faces adaxial e abaxial tomentosa, tricomas estrelados, ápice acuminado, base subcordada, margem inteira; pecíolo 3-5 mm compr., cilíndrico, piloso. **Inflorescência** em monocásio, axilar e terminal, 1-6 flora, pedúnculo ca. 1 mm compr., pedicelo 1,3-2 cm compr., pedicelo deflexo. Flores com cálice inflado, 6 mm diâm., sépalas soldadas até 1/3 da base, tubo ca. 2 mm compr., lobos 2 mm compr.; corola rotácea, alva, com nervura central lilás, ca. 2,0 cm diâm., pétalas soldadas na metade da base, com nervuras ramificadas, nervura central lilás, lobos da corola elíptico-lanceoladas, estames 5, filetes 1 mm compr., anteras 3 mm, oblongo-lanceoladas, deiscência poricida apical; ovário levemente cilíndrico, tricomas glandulares, estilete 7 mm compr., estigma capitado. **Fruto** baga, globoso, ca. 1 cm diâm., cálice frutífero acrescentado, ampliado, 1,5 cm diâm., puberulentos, epicarpo verde jovem e branco na maturação, glabro. **Sementes** 5 mm diâm., reniformes, marrons.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mata Atlântica. 14°19'20"S, 40°13'24"W, 30 october 2017, fr, *G. Costa et al.* 3100 (HURB); Cachoeira da Roseira, 14°26'30"S, 40°04'4"W, 01 april 2023, fl and fr, *R.J.A. Jesus* 141 (HURB).

Comments:— *Solanum didymun* pode ser facilmente identificada por suas pétalas com nervuras ramificadas e nervura central lilás. Outra característica importante é seu cálice inflado e pedicelos relativamente longos, quando comparado às demais espécies do gênero em estudo. Está presente nos domínios Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, ocorre em ambientes secundários com moderada pressão antrópica e pouco frequente, cresce em locais semi-umbrófilos e unidos em bordas de floresta (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022; LAFETA, 2002). Na área de estudo, a espécie ocorre em Floresta Ombrófila Densa Submontana, foi encontrada em um substrato rochoso e sombreado próximo à cachoeira.

8.8 *Solanum megalonyx* Sendtn., Fl. Bras. (Martius) 10: 92 (1846).

Figura 10, a-f.

Arbusto a arvoreta, ereto, aculeado, caule e ramos cilíndricos, tomentosos, hirsutos, com tricomas porrectoestrelados glandulares, sésseis e pedicelados, acúleos 0,3–1 cm compr., recurvos, ferrugíneos. **Folhas** discolors, acúleos 2–5 mm compr., aciculares, lâmina 4–7 × 2–4,5 cm, cartácea, face adaxial tomentosa, com tricomas glandulares, simples unisseriados e porrectoestrelados; face abaxial tomentosa, com tricomas porrecto-estrelados e multiangulados, ápice agudo, base assimétrica, margem lobada, pecíolo 1,5-2 cm compr., pubescente. **Inflorescência** não ramificada, monocasial, extra-axilar e terminal, 5-10 flora, pedúnculo ca. 1 cm compr., pedicelo ca. 6 mm compr., deflexo. Flores com cálice campanulado, ca. 1 cm diâm., sépalas soldadas próximas ao tubo, lobos ca. 7 mm compr., corola estrelada, lilás, ca. 3,5 cm diâm., pétalas soldadas até 1/4 da base, lobos 2,5 cm compr.; estames 5, filetes ca. 1 mm compr., anteras ca. 1,5 cm compr., lanceoladas, amarelas, deiscência poricida; ovário globoso, hirsuto, estigma capitado, estilete 1,2 cm compr. **Fruto** baga, ca. 2 cm diâm., globoso, cálice frutífero levemente acrescente, ca. 2 cm diâm., epicarpo variegado em dois tons de verde, pubescente, com tricomas glandulares. **Sementes** ca. 3 mm diâm., reniformes, beges.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Trilha após o distrito de Valentino, 14°26'7"S, 40°04'49"W, 03 april 2023, fl, *R.J.A. Jesus et al. 139 (HURB)*; Lajedo da Porangaba, Caatinga. 14°19'20,1"S, 40°15'81"W, (Fl), *A.M.M. França et al. 07 (HURB)*; Fazenda Alvorada, vegetação de afloramento rochoso, rodeado por mata de cipó. 14°33'16,7"S, 40°21'0"W, 23 september 2017, fl, *D.C. Pereira et al. 9 (HUEFS)*; Lajedo da Porangaba, Vegetação encontrada em Caatinga

14°19'20,1"S, 40°18'15"8"W, R.A. Leoni et al. 07 (HUEFS) Fazenda Alvorada, 23 september 2017, fl and fr, D.C. Pereira et al. 9 (HVC); Faz. Cotermaia, entroncamento, 18 may 2001, fl, W.W. Thomas 12492 (CEPEC); Estrada não pavimentada passando por lixão, january 2022, fl and fr, Y.F. Gouvêa et al. 472 (BHCB).

Comments:— *Solanum megalonyx* pode ser reconhecida por suas folhas com aspecto ferrugíneo, com tricomas glandulares simples, unisseriados, porrecto-estrelados e multiglandulados. Outra característica observada na espécie foi a presença de epicarpo variegado em dois tons de verde, com indumento pubescente e cálice frutífero acrescente. Esta espécie ocorre no Nordeste e em Minas Gerais, está presente em áreas de Caatinga, Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Ombrófila (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *S. megalonyx* ocorre nas fitofisionomias de Floresta Estacional Semidecidual Com Lianas, Vegetação Sobre Afloramento Rochoso, Floresta Estacional Decidual e Floresta Ombrófila Densa Submontana.

8.9 *Solanum melissarum* Bohs, Taxon 44(4): 584 (1995), nom. nov.: (1995).

Arvoreta, ereto, inerme, caule e ramos cilíndricos, tricomas simples. **Folhas** concolores; lâmina 4,5-17 x 2-4,5 cm, membranácea, ambas as faces papilosas, tricomas simples, ápice acuminado, base assimétrica, margem inteira; pecíolo 0,4-1,8 cm, cilíndrico, pubescente. **Inflorescência** em monocásio, axilar ou extra-axilar, ca. 20-flora, pedúnculo 4-12 cm compr., pedicelo 2 mm compr., pedicelo deflexo. Flores com cálice campanulado, 4 mm diâm., sépalas soldadas na base, tubo ca. 2 mm compr., lobos 2 mm compr., corola rotáceo-estrelada, esverdeada, ca. 2,5 cm diâm., pétalas soldadas na base, lobos da corola lanceolados, estames 5, filetes ca. 1 mm compr., anteras 9 mm compr., lanceoladas, arroxeadas, deiscência poricida; ovário oblongo, pubescente, estilete 8 mm, estigma capitado. **Fruto** baga, oblongo, ca. 3 cm diâm., cálice frutífero não acrescente, ca. 2 cm diâm., epicarpo verde claro variegado jovem e mais amarelado na maturação, glabrescente. **Semente** ca. 4 mm diâm., reniformes, acastanhadas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mata Atlântica, 28 august 2012, fl, G.S. Silva 7 (HURB); Mata Atlântica, trilha depois da trilha do charme, 14°25'17"S, 40°7'27"W 29 october 2017, fl, G. Costa 3060 (HURB); Setor Sul,

ramal para a Fazenda Liberdade, Setor da Farofa. 14°24'45"S, 40°07'11"W 07 January 2013, fr, *L.Y.S Aona 1960 (HURB)*.

Comments:— Espécie pode ser reconhecida por sua inflorescência em monocásio, corola esverdeada, com anteras arroxeadas e fruto oblongo. *Solanum melissarum* ocorre no Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, no domínio Mata Atlântica (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, a espécie foi encontrada em fitofisionomia de Floresta Ombrófila Densa Submontana.

8.10 *Solanum palinacanthum* Dunal, Prodr. 13(1): 245. 1852.

Figura 10, g-i.

Arbusto ereto, fortemente aculeados, caule e ramos cilíndricos, tricomas simples, acúleos 0,3–1,8 cm compr., aciculares. **Folhas** concolores, acúleos 0,5–1,5 cm compr., aciculares, lâmina 5,5–10,5 × 4–7,5 cm, cartácea, face adaxial pubescente, tricomas glandulares, face abaxial esparsamente pubescente, tricomas glandulares e porrecto-estrelados, ápice agudo, base obtusa, margem lobada, pecíolo 1-5 cm compr., piloso. **Inflorescência** não ramificada, extra-axilar, 1-6 flora, pedúnculo 0,3 mm compr., pedicelo 5 mm compr., deflexo. **Flores** com cálice campanulado, ca. 1 cm diâm., sépalas soldadas próximas ao tubo, ca. 5 mm compr., lobos ca. 2 mm compr., corola estrelada, purpúrea a violeta, ca. 2,5 cm diâm., pétalas soldadas até 1/4 da base, lobos 1 cm compr.; estames 5, filetes ca. 1,5 cm compr., anteras ca. 1 cm compr., lanceolada, amarelas, deiscência poricida; ovário globoso, puberulento, tricomas simples, estigma capitado, estilete ca. 1 cm compr. **Fruto** baga, ca. 2,5 cm diâm., globoso, cálice frutífero não acrescente, ca. 2 cm diâm., aculeado, epicarpo verde variegado quando jovem e amarelo na maturação, glabro. **Sementes** ca. 3 mm diâm., reniformes, marrons.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, caminho para a cachoeira 7 de setembro, 14°27'39"S, 40°06'29"W, 02 april 2023, fl and fr, *R.J.A. Jesus et al. 154 (HURB)*.

Comments:— *Solanum palinacanthum* pode ser reconhecida por seu hábito armado e pela sua corola roxa. Espécie semelhante a *S. acerifolium* (ver comentários em *Solanum acerifolium*). *Solanum palinacanthum* possui ampla distribuição no Brasil, ocorrendo em todas as regiões e domínios fitogeográficos do país (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, a espécie foi encontrada em Floresta Ombrófila Densa Submontana, em área de borda, aberta, com grande e constante luminosidade (planta heliófila).

8.11 *Solanum paniculatum* L., Sp. Pl., ed. 2. 1: 267 (1762).

Figura 10, j-o.

Arbusto ereto, aculeado; caule e ramos cilíndricos, tomentosos, tricomas estrelados, acúleos 2-3 mm compr., cônicos, marrons. Folhas discolors, acúleos 2 mm compr., cônicos; lâmina 4,7-11,5 × 4,2-8,1 cm, subcoriácea, face adaxial verde-escura, glabrescente, tricomas multiangulados, face abaxial tomentosa, tricomas estrelados multiangulados, ápice agudo, base oblíqua, obtusa ou cordada, margem, lobada, pecíolo 1-2,5 cm compr., cilíndrico, piloso. **Inflorescência** ramificada, dicasial, extra-axilar, ca. 30-flora, pedúnculo ca. 2 cm compr., pedicelo ca. 1 cm compr., deflexo. Flores com cálice campanulado, 4 mm diâm., sépalas soldadas até mais da metade da base, tubo 3 mm, lobos 1mm, corola rotáceo-estrelada, lilás ou alva, ca. 3 cm diâm., tubo ca. 6 mm compr., pétalas soldadas na base, lobos ca. 0,7 × 1 cm; estames 5, filetes ca. 1 mm compr., anteras basifixas, ca. 5 mm, lanceoladas, deiscência poricida terminal, amarelas; ovário ca. 1 mm diâm., subgloboso, piloso, tricomas estrelados, estigma bilobado, ca. 5 mm compr., estilete ca. 2 mm compr. **Fruto** baga 1,5 cm diâm., ca. 25 frutos por inflorescência, globoso, epicarpo verde lustroso, glabro, cálice frutífero não acrescente. **Sementes** subreniformes, ca. 3 mm diâm., marrons.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, setor Sul, caminho da Fazenda 3 Cachoeiras. Margem da estrada, 14°26'33"S, 40°07'34"W, 01 abril 2023, fl, *R.J.A. Jesus et al. 136 (HURB)*.

Comments:— *Solanum paniculatum* pode ser facilmente identificada por suas folhas lobadas com acúleos ausentes, com face adaxial lustrosa, além dos ramos e face abaxial pulverulentos e inflorescência ramificada, dicasial. A espécie é comumente conhecida como Jurubeba e utilizada como PANC em bebidas. *Solanum paniculatum* ocorre de Norte a Sul do Brasil em todos os domínios fitogeográficos, apresentando certa plasticidade morfológica, como suas folhas, que podem ser lobadas ou não (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *S. paniculatum* foi encontrada em fitofisionomia de Floresta Ombrófila Densa Submontana, em área aberta, perturbada, próximo à borda da mata.

8.12 *Solanum polytrichum* Moric., Pl. Nouv. Amer. 32.

Figura 11, a-e.

Subarbusto ereto, fortemente aculeado; caule e ramos cilíndricos, hirsutos, tricomas simples e estrelados glandulares, acúleos 2-6 mm compr., cônicos a levemente recurvos, ferrugíneos. **Folhas** discolores, acúleos 2-4 mm compr., lâmina 7-17,5 × 4-9 cm., cartácea, oblongo-elíptica, ambas as faces hirsutas, tricomas estrelados, ápice agudo, base oblíqua, margem levemente lobada, pecíolo 1-5 cm compr., cilíndrico, hirsuto.

Inflorescência em cimeira simples, extra-axilar, 2-5-flora, aculeada, acúleos 1-3 mm compr., aciculares, tomentosa, tricomas tectores, pedúnculo ca. 1 cm compr., pedicelo 3-6 cm compr., ereto. Flores com cálice campanulado, ca. 2 cm diâm., sépalas soldadas parcialmente à base, tubo ca. 2 mm compr. lobos 5 mm compr., aculeados, corola estrelada, alva a esverdeada, ca. 3 cm diâm., pétalas soldadas parcialmente à base, lobos lanceolados; estames 5, filetes ca. 2 mm, anteras 5 mm, lanceoladas, deiscência poricida terminal; ovário subgloboso, puberulentos, tricomas glandulares, estilete ca. 2 cm compr., estigma capitado. **Fruto** baga, globoso, ca. 2,5 cm diâm., cálice frutífero acrescente, ca. 5 cm diâm., hirsuto, tricomas estrelados, aculeado, epicarpo verde a amarelo, glabro. **Sementes** ca. 0,3 cm diâm., subreniformes, acastanhadas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, 20 february 2015, fl and fr, *A.S. Souza et al. 21 (HUESB)*; Mata do Charme - Estrada da Farofa, Floresta Ombrófila, 14°24'17"S, 40°07'33"W, 31 march 2023, fl, *R.J.A. Jesus et al. 132 (HURB)*; Fazenda Sao José entrance 8.8 km E of Boa Nova on road to Dario Meira, fl, *W. W. Thomas 12613 (NYBG)*.

Adittional material:— BRASIL, São Felipe, Serra da Copioba, alt. 46 m, 15 november 2011, fl and fr, *D.M. Moreira et al. 28 (HURB)*.

Comments:— *Solanum polytrichum* pode ser reconhecido pelo indumento hirsuto por toda a planta, além do cálice frutífero acrescente, também hirsuto. *Solanum polytrichum* é semelhante a *S. reflexiflorum* (8.13) pelo formato das folhas e pilosidade dos tricomas, mas podem ser distinguidas pelo cálice frutífero totalmente acrescente de *S. polytrichum* (vs. parcialmente acrescente de *S. reflexiflorum*) e pela cor do epicarpo, verde a amarelo em *S. polytrichum* (vs. verde lustroso em *S. reflexiflorum*). Espécie ocorre no Nordeste e Sudeste do Brasil, comum aos domínios Caatiga e Mata Atlântica (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *S. polytrichum* é encontrada em Floresta Ombrófila Densa Submontana, mais encontrada no interior da mata, com pouca incidência de luz solar.

8.13 *Solanum reflexiflorum* Moric. ex Dunal, Prodr. [A. P. de Candolle] 13(1): 213 (1852).

Figura 11, f-g.

Arbusto, ereto, aculeado, caule e ramos cilíndricos, lenhosos, tomentosos, tricomas glandulares, unisseriados, estrelados glandulares, acúleos 3-8 mm compr., cônicos, ferrugíneos no ápice. **Folhas** discolores, acúleos da folha ca. 4-6 mm, aciculares; lâmina 8-17 x 4-11 cm, membranácea a cartácea, face adaxial escabra e face abaxial tomentosa, ápice agudo a atenuado, base cuneada, margem lobada; pecíolo 1-3 cm compr., cilíndrico, piloso. **Inflorescência** em monocásio, escorpioide, tomentosa, tricomas glandulares, axilar, 5-7 flora, pedúnculo 5 cm compr., pedicelo 7 mm compr., pedicelo deflexo. Flores com cálice campanulado, 4 cm diâm., sépalas soldadas até 1/3 da base, tubo ca. 2 mm compr., lobos 5 mm compr., corola estrelada, alva a esverdeada, ca. 2 cm diâm., pétalas soldadas na base, lobos da corola triangular-lanceoladas, estames 5, filetes ca. 1 mm compr., anteras 5 mm compr., lanceoladas, deiscência poricida terminal; ovário subgloboso, glabro, ca. 5 mm compr., estigma bilobado. **Fruto** baga, ovoide, ca. 1,5 cm diâm., cálice frutífero não acrescentado, cálice frutífero ca. 2 cm diâm., tomentoso, tricomas glandulares, epicarpo verde lustroso, glabro. **Sementes** ca. 4 mm diâm., ovoide-reniformes, acastanhadas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mata do Charme - Estrada da Farofa, 14°24'17"S, 40°07'33"W, 1 april 2023, fl and fr, *R.J.A. Jesus et al.* 133 (*HURB*).

Comments:— Comentários morfológicos ver sob *Solanum polytrichum*. A espécie ocorre nos estados de Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Sergipe, Paraíba, Piauí e Rio de Janeiro (AGRA *et al.* 2009), no domínio Mata Atlântica, em vegetações de Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial) (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *Solanum reflexiflorum* foi encontrada em Floresta Ombrófila Densa Submontana, próximo ca. 40 metros do curso d'água, em uma área parcialmente iluminada, com vegetações arbustivas ao redor.

8.14 *Solanum restingae* S.Knapp, Bull. Brit. Mus. (Nat. Hist.), Bot. 19: 109, fig. 7 (1989).

Arbusto, ereto, inerme, caule e ramos tortuosos. **Folhas** concolores; lâmina 5,7-20 x 2,5-8,5 cm, membranácea, faces adaxial e abaxial levemente papilosas quando jovens, ápice agudo, base atenuada, margem inteira, nas folhas maduras face adaxial glabra e brilhante, superfície abaxial glabra; pecíolo 0,8-0,7 cm compr., cilíndrico.

Inflorescência solitária, axilar, 3-5 flora, pedúnculo ca. 2 mm compr., pedicelo 0,8-1 cm compr., pedicelo eretos ou ligeiramente deflexos. Flores com cálice campanulado, ca. 4 mm diâm., sépalas soldadas em mais da metade da base, tubo ca. 2 mm compr., lobos ca. 2 mm compr.; corola estrelada, branca, ca. 3,5 cm diâm., pétalas soldadas na base, lobos da corola elíptico-lanceoladas, estames 5, filetes ca. 2 mm compr., anteras ca. 5 mm compr., lanceoladas, deiscência poricida apical; ovário globoso, glabro, estilete ca 5 mm, estigma claviforme. **Fruto** baga, globoso, ca. 2 cm diâm., cálice frutífero não acrescentado, ca. 2 mm diâm., glabrescentes, epicarpo verde jovem, glabro.

Sementes ca. 3 mm diâm., reniformes, acastanhadas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, setor Sul, Faz. Liberdade, trilha do charme chegando ao Platô das Orquídeas, 14°24'26"S, 40°07'15"W, 06 January 2013, fr, *L.Y.S. Aona et al. 1899 (HURB)*.

Comments:— *Solanum restingae* pode ser facilmente reconhecida por suas folhas jovens papilosas e folhas maduras com superfície adaxial glabra e brilhante. Esta espécie é restrita à Bahia e Rio de Janeiro e encontra-se criticamente ameaçada de extinção (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Ocorre no domínio Mata Atlântica, em ambiente de Restinga. Na área de estudo, *S. restingae* foi encontrada em Floresta Ombrófila Densa Submontana, na margem de trilha.

8. 15 *Solanum stipulaceum* Willd., Syst. Veg., ed. 15 bis [Roemer & Schultes] 4: 662 (1819).

Figura 11, h-k.

Arbusto, ereto, inerme, caule e ramos cilíndricos, tomentosos, tricomas multiglandulados, porrecto-estrelados. **Folhas** discolores, geralmente com pseudoestípulas; lâmina 4-12,5 x 1-3,5 cm, membranácea, ambas as faces tomentosas, ápice agudo a cuneado, base atenuada, margem inteira; pecíolo 0,4-2,5 cm compr., anguloso, piloso. **Inflorescência** em dicásio, terminal, ca. 45-flora, pedúnculo 3-7 cm compr., pedicelo ca. 1 cm compr., pedicelo deflexo. Flores com cálice campanulado, 1 cm diâm., sépalas soldadas até metade da base, tubo 3-5 mm compr., lobos 2-3 mm compr.; corola estrelada, lilás a azulada, ca. 2 cm diâm., pétalas soldadas em ¼ da base,

lobos da corola ovoides, agudos, com tricomas estrelados; estames 5, filetes ca. 1 mm compr., anteras 3 mm compr., amarelas, lanceoladas, deiscência poricida lateral; ovário subgloboso, tricomas simples e estrelados, estilete 5 mm, estigma bifido. **Fruto** baga, subglobosa, ca. 1,5 cm diâm., cálice frutífero não acrescentado, ca. 1 cm diâm., pubescente, epicarpo verde, pubescente. **Sementes** ca. 2 mm diâm., subreniformes, pardas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Lajedo dos Beija-flores, 14°20'29"S, 40°13'18"W, 03 abril 2023, fr, *R.J.A. Jesus 145 (HURB)*; Lajedo dos beija-flores, ponto 3, 14°18'18"S, 40°15'9"W, 27 october 2017, fr, *G. Costa et al. 2934 (HURB)*; Próximo ao portão da Fazenda 3 Cachoeiras, margem da estrada, 14°26'19"S, 40°07'27"W, 01 abril 2023, fl and fr, *R.J.A. Jesus et al. 137 (HURB)*; Estrada após a Fazenda Alvorada, 14°20'4"S, 40°13'10"W, 03 abril 2023, fl, *R.J.A. Jesus et al. 146 (HURB)*.

Comments:— *Solanum stipulaceum* é caracterizado por presença de pseudoestípulas, além do caule e ramos tomentosos apresentarem tricomas multiglandulados e porrecto-estrelados. Outra característica relevante é a presença de inflorescência em dicásio terminal. Espécie ocorre no Nordeste, Centro Oeste e Sudeste do Brasil, nos domínios Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *S. stipulaceum* ocorre em todas as fitofisionomias, comumente encontrada nas áreas de borda.

8.16 *Solanum sycocarpum* Mart. & Sendtn., Flora 24(2): 85 (1841).

Árvore, ereta, inerte, caule e ramos cilíndricos, lenhosos, glabros. **Folhas** concolores; lâmina 8-20 x 3-9 cm, coriácea, ambas as faces glabras, ápice obtuso, base cuneada, margem inteira; pecíolo 3,5 cm, cilíndrico, glabro. **Inflorescência** ramificada em dicásio, terminal, pedúnculo ca. 1 cm comp., pedicelo 1 cm comp., deflexo, cicatrizes evidentes. Flores com cálice campanulado, 5 mm diâm., sépalas soldadas até metade, tubo ca. 4 mm, lobos ca. 2 mm, glabros, corola estrelada, verde a acastanhada, ca. 1 cm diâm., pétalas soldadas na metade do tubo, lobos da corola triangulares, estames 5, filetes 1 mm, anteras 3 mm, elípticas, deiscência poricida lateral; ovário sub-cônico, glabro, estilete 6 mm, estigma truncado. **Fruto** baga, elipsóide, ca. 2 cm diâm., cálice

frutífero não acrescentado, ca. 3 cm diâm., glabro; epicarpo amarelo ou laranja na maturação, glabro. **Sementes** 3 mm diâm., assimétricas, achatadas, pardas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mata Atlântica, 17 december 2012, fr, *G.S Silva & G.S. Brandão 161 (HUESB)*; Trilha depois da trilha do Charme, 14°25'17"S, 40°7'27"W, 29 october 2017, fl, *G. Costa 3062 (HURB)*; 02 november 2013, fl, *R.S. Silva et al. 315 (JPB)*; Fazenda São José, na estrada para Dário Meira, 07 march 2003, *S.C. Sant'Ana 1074 (NYBG)*; Fazenda São José, A 8,8 Km de Boa Nova, na estrada para Dario Meira, 07 march 2003, fr, *S.C Santana et al. 1074 (JPB)*.

Comments:— *Solanum sycocarpum* é caracterizada por ser uma espécie arbórea, apresentando caule e ramos lenhosos, glabros. Suas folhas possuem aspecto coriáceo a membranáceo e inflorescência terminal ramificada (dicasial). Espécie ocorrente no domínio Mata Atlântica das regiões Nordeste e Sudeste, comum em ambientes de Restinga (FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *S. sycocarpum* é encontrada em Floresta Ombrófila Sumbontana, no interior da mata.

8.17 *Solanum swartzianum* Roem. & Schult., Syst. Veg., ed. 15 bis [Roemer & Schultes] 4: 602 (1819).

Árvore, ereta, inerme, caule e ramos cilíndricos, lenhosos, esbranquiçados, lepidoto, tricomas peltados, sésseis e pediculados. **Folhas** concolores; lâmina 6-24,5 x 2,5-10,5 cm, coriácea a membranácea, face adaxial glabra, lustrosa, face abaxial tomentosa, lustrosa, lepidota, tricomas peltados, hialinos e ferrugíneos. ápice agudo, base assimétrica a cuneada, margem inteira; pecíolo 1-2 cm compr., cilíndrico, glabro.

Inflorescência ramificada, terminal, ca. 10 flora, pedúnculo 3 mm compr., pedicelo 8 mm compr., pedicelo deflexo. Flores com cálice campanulado, 5 mm diâm., sépalas soldadas até metade da base, tubo ca. 4 mm compr., lobos ca. 2 mm compr., glabros, corola estrelada, verde a acastanhado, ca. 1 cm diâm., pétalas soldadas na metade do tubo, lobos da corola triangulares, estames 5, filetes 1 mm compr., anteras 3 mm compr., elípticas, deiscência poricida lateral; ovário sub-cônico, glabro, estilete 6 mm, estigma truncado. **Fruto** baga, globoso, ca. 2 cm diâm., cálice frutífero acrescentado, cálice frutífero ca. 5 cm diâm., glabro; epicarpo amarelo ou laranja na maturação, glabro. **Sementes** 3 mm diâm., assimétricas, pardas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mata Atlântica 14°24'0"S, 40°7'0"W, 22 february 2013, fl and fr, *L.C. Marinho et al. 409 (HUEFS)*.

Comments:— *Solanum swartzianum* é caracterizado pelo indumento lepidoto em toda a planta. Apresenta também folhas com face abaxial argentea, tomentosa, com tricomas peltados e inflorescência terminal. Ocorre nas regiões Sul e Sudeste, com registro para os da Bahia e Paraíba (SAMPAIO *et al.* 2019). Na área de estudo, a espécie está presente na fitofisionomia de Floresta Ombrófila Sumbontana.

8.18 *Solanum viarum* Dunal, Prodr. [A. P. de Candolle] 13(1): 240 (1852).

Figura 11, l-n.

Arbusto, ereto ou escandente, fortemente aculeado, caule e ramos cilíndricos, tricomas unicados, estrelados, acúleos 1-3 cm compr., aciculares, ferrugíneos no ápice. **Folhas** concolores, acúleos da folha ca. 0,3-1,2 cm compr., aciculares; lâmina 3-6 x 2,5-5,5 cm, cartácea, face adaxial pubescente, tricomas simples, face abaxial tomentosa, tricomas porrecto estrelados, ápice agudo, base cordada, margem lobada; pecíolo 0,4-2 cm compr., cilíndrico, pubescente. **Inflorescência** solitária, extra-axilar, pedicelo 8 mm compr., deflexo. Flores com cálice campanulado, 1 cm diâm., sépalas soldadas até metade da base, tubo ca. 2 mm compr., lobos ca. 1 mm compr., aculeados, corola estrelada, alva, ca. 3 cm diâm., pétalas soldadas na base, lobos da corola triangular-lanceoladas, estames 5, filetes ca. 1,5 mm compr., anteras 6 mm, brancas, lanceoladas, deiscência poricida terminal; ovário globoso, tricomas glandulares, estilete ca. 8 mm compr., estigma capitado. **Fruto** baga, globoso, ca. 4 cm diâm., cálice frutífero não acrescente, cálice frutífero ca. 1 cm diâm., pubescente, tricomas hialinos, acúleos do cálice 2 mm compr., epicarpo variegado jovem e amarelo na maturação, glabro.

Sementes ca. 2 mm diâm., subreniformes, amarronzadas.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, caminho para a cachoeira 7 de setembro 14°27'39"S, 40°06'29"W, 02 april 2023, fl and fr, *R.J.A. Jesus et al. 142 (HURB)*; Lajedo dos Beija-flores 14°20'29"S, 40°13'18"W, 03 april 2023, fl and fr, *R.J.A. Jesus et al. 144 (HURB)*.

Comments:— *Solanum viarum* é uma planta armada que pode ser facilmente identificada por suas anteras brancas e acúleos aciculares no cálice. Entretanto, assemelha-se a *Solanum palinacanthum* (ver comentários morfológicos sob *Solanum acerifolium*). *Solanum viarum* ocorre nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul e nos estados do Acre,

Alagoas Bahia, Paraíba e Rondônia, está presente em todos os domínios, sendo comum em áreas antropizadas (SAMPAIO, 2013; FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022). Na área de estudo, *S. viarum* ocorre nas fitofisionomias da Floresta Ombrófila Densa Submontana (encontrada em área parcialmente aberta, com vegetação perturbada) e Vegetação Sobre Afloramento Rochoso.

8.19 *Solanum* sp. 1

Liana, ramificada, inerme, caule e ramos cilíndricos, piloso, tricomas simples. **Folhas** concolores, lâmina 9-19 x 5,5-7, ovada a oval-lanceolada, pubescente em ambas as faces, ápice agudo, base atenuada, margem inteira; pecíolo 0,5-2,0 cm, cilíndrico, pubescentes. **Inflorescência** em monocásio escorpióide, axilar, 3-flora, não aculeada, pubescentes, tricomas simples, glandulares, pedúnculo 20 cm, pedicelo ca. 4 cm compr., deflexo. Flores com cálice campanulado, ca. 5 cm diâm., sépalas soldadas em 1/3 da base, tubo 2 mm compr., lobos 3 mm compr., aculeada, corola rotácea, lilás, 5 cm diâm., pétalas na base, lobos lanceolados, estames 5, filetes fundidos na base, 1 mm, compr. anteras 7 mm compr., lanceoladas, deiscência poricida, ovário ovoide, ca. 1 mm compr., pubescente tricomas simples, glandulares, estilete 8 mm compr., estigma subclavado. **Fruto** não visto.

Selected material:— Brasil, Boa Nova, Parque Nacional de Boa Nova, Mata Atlântica, 12°24'05"S, 40°07'39"W, 02 January 2013, fl, *R.S. Souza et al.* 296 (*HUESB*).

Comments:— Esta espécie apresenta como características distintas às demais espécies em estudo pela presença de inflorescência em monocásio escorpióide, pedúnculo longo (ca. 20 cm compr.) e estigma subclavado. Seu hábito do tipo liana também a diferencia das demais. Na área de estudo, a espécie ocorre no domínio Mata Atlântica, em fitofisionomia de Floresta Ombrófila Densa Submontana. Espécie ainda em estudo, necessitando de mais coletas, sendo uma possível espécie nova pelas características descritas acima, mas ressalta-se que necessita de mais estudos.

Conclusions

Em todas as fitofisionomias do Parque Nacional de Boa Nova foi possível registrar a ocorrência de 35 espécies de Solanaceae. É importante destacar que a Floresta

Ombrófila Densa Submontana apresentou maior riqueza, com 30 espécies, seguido Vegetação Sobre Afloramento Rochoso e da Floresta estacional Semidecidual com Lianas, ambas com seis espécies, além das 2 espécies registradas para a Floresta Estacional Decidual. As espécies encontradas no PNB representam aproximadamente 26% da diversidade de Solanaceae para o estado da Bahia e ca. de 19% para a região Nordeste.

Após o estudo taxonômico, foi possível identificar uma nova espécie para a ciência de *Dyssochroma* que está sendo descrita e uma possível espécie nova de *Solanum* que necessita de mais material e estudos. Esses achados destacam a importância da Unidade de Conservação (UC) e reforçam a necessidade de criar novas áreas protegidas para preservar essa riqueza e diversidade biológica

Foi observado que as espécies de Solanaceae ocorrem quase que exclusivamente em cada fitofisionomia, com apenas *Solanum megalonyx* e *S. stipulaceum* ocorrendo em todos os tipos de fitofisionomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M.N. 2003. **Alocação de alcalóides tropânicos em *Brugmansia suaveolens* (Solanaceae)**. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Biologia Vegetal. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP.
- BOHS, L.; OLMSTEAD, R. G. Phylogenetic relationships in *Solanum* (Solanaceae) based on ndhF sequences. **Systematic Botany**, St. Louis. v.22, n.1p.5-17. 1997.
- BOHS, Lynn. Ethnobotany of the genus *Cyphomandra* (Solanaceae). **Economic Botany**, v. 43, n. 2, p. 143-163, 1989.
- BRASIL. Decreto de 11 de junho de 2010. Dispõe sobre a ampliação do Parque Nacional do Pau Brasil, no Estado da Bahia, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2010.
- BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Parque Nacional de Boa Nova. **ICMBio**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt>
- FELICIANO, E. A.; SALIMENA, F. R. G. Solanaceae na Serra Negra, Rio Preto, Minas Gerais. **Rodriguésia**, v. 62, p. 55-76, 2011.
- Flora e Funga do Brasil. **Solanaceae in Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB225>>. Acesso em: 14 jan. 2024
- IUCN. The IUCN Red List of Threatened Species. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org/species/51247699/58913403> Acesso em 17/02/2024

- KEW ROYAL BOTANIC GARDENS. Solanaceae: *Athenaea pogogena*. Disponível em: <https://powo.science.kew.org/taxon/urn:lsid:ipni.org:names:814337-1> Acesso em 17/02/2024
- KNAPP, S. On ‘various contrivances’: pollination, phylogeny and flower form in the Solanaceae. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, London, v. 365, n. 1539, p. 449-460, 2010.
- KNAPP, S., L. BOHS, M. N.; SPOONER, D. M. Solanaceae a model for linking genomics with biodiversity. **Comparative and Functional Genomics**, London, v.5, n. 3, p. 285-291, 2004.
- MORAES, A. O. MELO, E., AGRA, M.F. & FRANÇA, F. A família Solanaceae nos “Inselbergues” do semi-árido da Bahia, Brasil. **Iheringia, Série Botânica**, v. 64, n. 2, p. 109-122, 2009.
- Mori, S.A., Mattos-Silva, L.A., Lisboa, G. & Coradin, L. 1985. Manual de manejo de Herbário Fanerogâmico. Ilhéus: Centro de Pesquisa do Cacau. 97 pp.
- MORSELLO, C. Diagnóstico e Plano de Conservação para as Florestas de Boa Nova, Bahia: Concepção e Viabilidade. *In*: CAMPIOLO, S. (Coord.). **Biota das Florestas do Planalto de Conquista, Sudoeste da Bahia**. Pro Bio Relatório Final, 2005. p.217-257.
- MOURA, J. N.; CAIRES, C. S. A família Solanaceae Juss. no município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Paubrasilia**, Eunápolis, v. 4, p. e0049, 2021.
- PALCHETTI, M. V.; CANTERO, J. J.; BARBOZA, G. E. Solanaceae diversity in South America and its distribution in Argentina. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 92, 2020.
- PLOWMAN, Timothy; KNAPP, Sandra; PRESS, J. Robert. A revision of the South American species of *Brunfelsia* (Solanaceae). Lake Shore: **Field Museum of Natural History**, 1998.
- RÊGO, H. T. do; AZEVEDO, C. O. de. Sinopse das Orchidaceae do Parque Nacional de Boa Nova, BA, Brasil. **Hoehnea**, São Paulo, v. 44, p. 70-89, 2017.
- RODRIGUES, I. M. C.; KNAPP, S.; STEHMANN, J. R. Two new species of *Athenaea* Sendtn. (Solanaceae) from the Atlantic forests of south-eastern Brazil. **PhytoKeys**, v. 178, p. 1, 2021.
- SAMPAIO, V. S. O gênero *Solanum* L. (Solanaceae) na Floresta Atlântica ao Norte do Rio São Francisco. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2013.
- SAMPAIO, V. D. S., VIEIRA, I. M. F., LIMA JÚNIOR, E. A., & LOIOLA, M. I. B. Flora do Ceará, Brasil: *Solanum* (Solanaceae). **Rodriguésia**, v. 70, p. e02512017, 2019.
- SAMPAIO, M. R. Lista de espécies de plantas vasculares do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas. 2023.
- SÄRKINEN, T.; BOHS, L.; OLMSTEAD, R. G.; KNAPP, S. A phylogenetic framework for evolutionary study of the nightshades (Solanaceae): a dated 1000-tip tree. **BMC Evolutionary Biology**, London, v.13, n.1, p.214, 2013.

- SCHMID, R.; HUNZIKER, A. T. Genera Solanacearum, the genera of Solanaceae illustrated, arranged according to a new system. **Taxon**, Zurich, v.50, p.1294, 2001.
- SIMÕES, S. S.; ZAPPI, D. C.; AONA, L. Y. S. A família Cactaceae no Parque Nacional de Boa Nova, Estado da Bahia, Brasil. **Hoehnea**, v. 47, p. e1102019, 2020.
- SOARES, E.L.C., VENDRUSCOLO, G.S., VIGNOLI-SILVA, M., THODE, V.A., SILVA, J.G., MENTZ, L.A. O gênero *Physalis* L. (Solanaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Pesquisas, Botânica**, v. 60, p. 323-340, 2009.
- SOUZA, V. C.; LORENZI H. **Botânica Sistemática. Guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III**. 3 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, p.616-622, 2012.
- SILVA, G. B. Flora da Bahia - Solanaceae: As tribos Capsiceae, Lycieae, Physaleae e Solandreae. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. 2024.
- SILVA, M. V. O gênero *Cestrum* L. (Solanaceae) no Brasil extra-amazônico. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.
- SILVA, R. C. Sistemática de *Licanthes* (Dunal) Hassl. (Solanaceae) no Brasil. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pernambuco, Recife. 2018.
- STEHMANN, J. R.; OLIVEIRA, D. M. G.; TABOSA, F. R. *Solanum confertiflorum* (Solanaceae), a New Species from Brazil for the Cyphomandra Clade. **Systematic Botany**, v. 45, n. 4, p. 931-936, 2020.
- THIERS, B.M. (2024 [Continuously updated]) Index Herbariorum. New York Botanical Garden's Virtual Herbarium. Available from: <http://sweetgum.nybg.org/science/ih> (accessed 02 February 2024)
- ULLOA, C. U.; ACEVEDO-RODRÍGUEZ, P.; BECK, S.; BELGRANO, M. J.; BERNAL, R.; BERRY, P. E.; BRAKO, L.; CELIS, M.; DAVIDSE, G.; FORZZA, R. C.; GRADSTEIN, S. R.; HOKCHE, O.; LEÓN, B.; LEÓN-YÁNEZ, S.; MAGILL, R. E.; NEILL, D. A.; NEE, M.; RAVEN, P. H.; STIMMEL, H.; FORTE, M. T.; VILLASEÑOR, J. L.; ZARUCCHI, J. L.; ZULOAGA, F. O.; JØRGENSEN, P. M. An integrated assessment of the vascular plant species of the Americas. **Science**, Washington, D.C. v. 358, n. 6370, p. 1614-1617, 2017.

LISTA DE EXSICATAS EXAMINADAS

A.M.M. França et al. 27 (8.2). *A.S. Souza et al.* 11 (6.1); 21 (8.12); 296 (8.19); 3204 (8.5); 1960 (8.9). *F.M. Ferreira et al.* 1675 (1.1). *G. Costa et al.* 2865 (8.2); 2891 (8.6); 2934 (8.15); 2990 (4.2); 3005 (3.1); 3019 (1.1); 3060 (8.9); 3062 (8.16); 3100 (8.7); 3101 (3.2); 3611 (1.1). *G.S Silva et al.* 226 (6.1); 152 (2.1). *G.S Silva* 7 (8.9); *G.S. Silva et al.* 145 (1.1); 1054 (8.1). *G.S Silva & G.S. Brandão* 161 (8.16); 206 (6.1); 208(8.3); 241 (1.1). *J.G. Santos et al.* 1 (4.1). *L.C. Marinho et al.* 409 (8.17). *L.Y.S. Aona et al.* 1623 (4.2); 1887 (4.5); 1899 (8.14); 1953 (1.3); 1986 (4.4); 2048 (4.5); 6305 (4.3); 6316 (8.3); 6320 (6.1). *R.A. Leoni et al.* 07 (8.8). *R.J.A. Jesus et al.* 132 (8.12); 133 (8.13); 134 (8.3);

135 (4.1); 136 (8.11); 137 (8.15); 138 (8.3); 139 (8.8); 141 (8.7); 142 (8.18); 143 (7.2); 144 (8.18); 145 (8.15); 146 (8.15); 154 (8.10). R.S. Silva et al. 315 (8.16). R.S. Souza et al. 288 (8.3); 311 (8.1); 296 (8.19). S.C. Sant'Ana et al. 1066 (8.4); 1074 (8.16). W.W. Thomas 12496 (1.1); 12218 (4.5); 12492 (8.8); 12602 (8.4); 12605 (3.2). Y.F. Gouvêa et al. 476 (4.5); 472 (8.8).

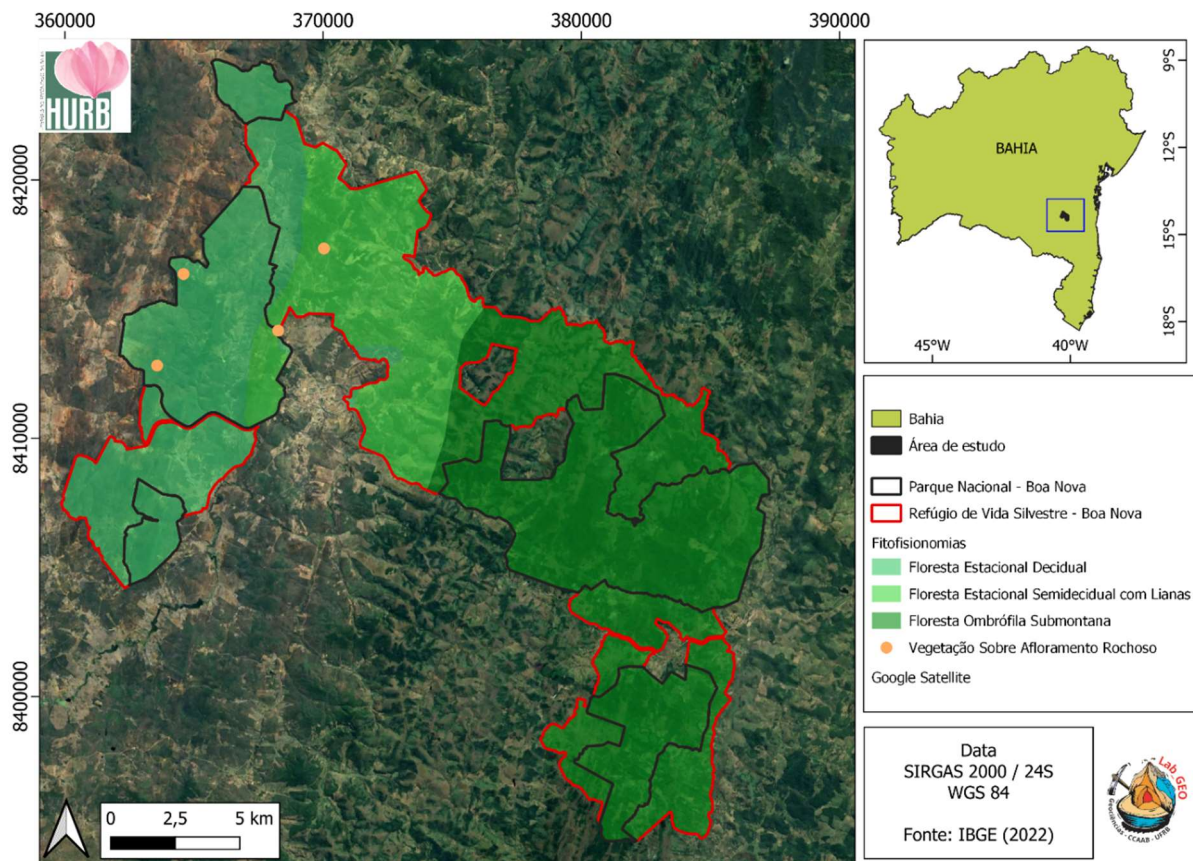


FIGURA 1. Mapa do Parque Nacional de Boa Nova indicando os diferentes tipos de fitofisionomias ocorrentes.



FIGURA 2. Fitofisionomias do Parque Nacional de Boa Nova. a-b: Floresta Estacional Decidual. a: caminho após as torres de transmissão; b: área após a antiga mineradora. c-e: Floresta Estacional Semidecidual com lianas. c-d: Área ao lado do Lajedo dos Beijaflores. e: Fazenda Alvorada.



FIGURA 3. Fitofisionomias do Parque Nacional de Boa Nova. a-c: Floresta Ombrófila Densa Submontana. a: estrada após trilha da farofa; b: início da trilha da farofa; c: mata

do charme. d-f: Vegetação Sobre Afloramento Rochoso. d: área após as torres. e-f: entorno do lajedo dos Beija-flores.

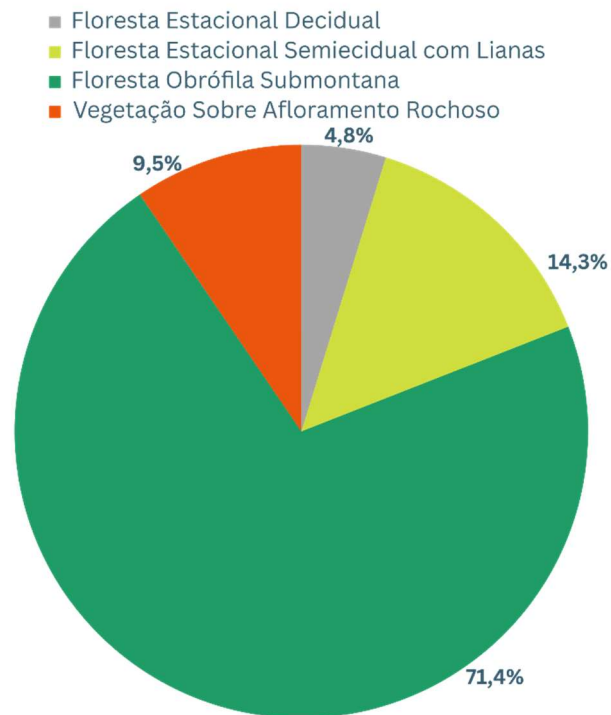


FIGURA 4. Proporção de espécies ocorrentes por fitofisionomia do Parque Nacional de Boa Nova.

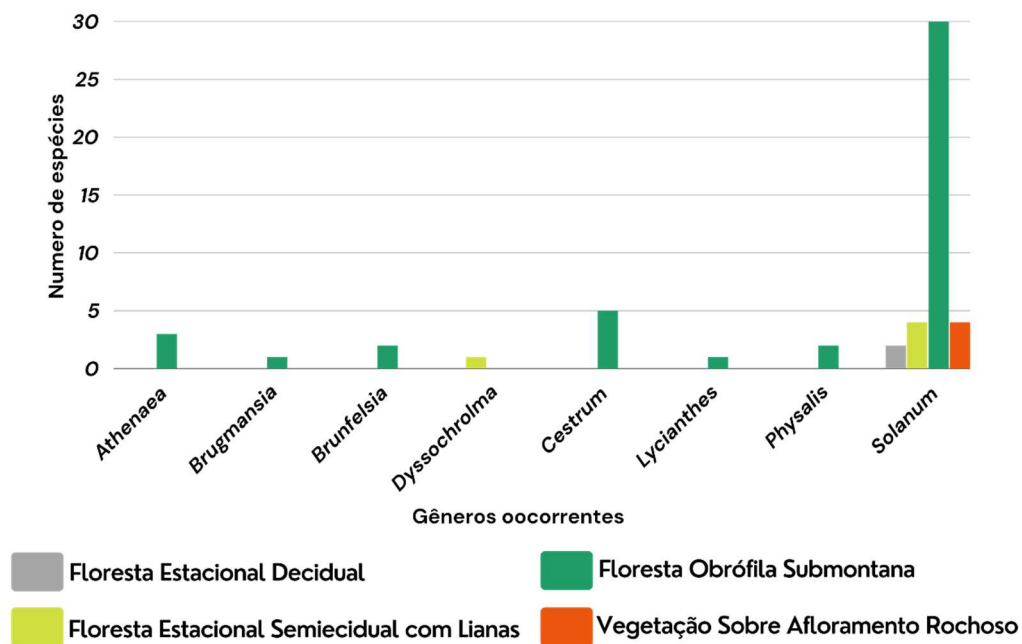


FIGURA 5. Ocorrência de gênero por fitofisionomia. Observa-se que somente o gênero *Solanum* ocorre nos quatro tipos de fitofisionomia, demonstrando maior número de espécies nas diversas fitofisionomia.



FIGURA 6. A-B: *Athenaea fasciculata*: ramo com flores e frutos; C-E: *Athenaea pogogena*: ramo pubescente com inflorescência, detalhe da folha; F: *Brugmansia suaveolens*: flores e folhas; G-I: *Brunfelsia hydrangeiformis*: inflorescência e botões florais, detalhe do tubo

interior da corola; J-K *Brunfelsia uniflora*: ramo com flor simples, detalhe do tubo interior da corola.

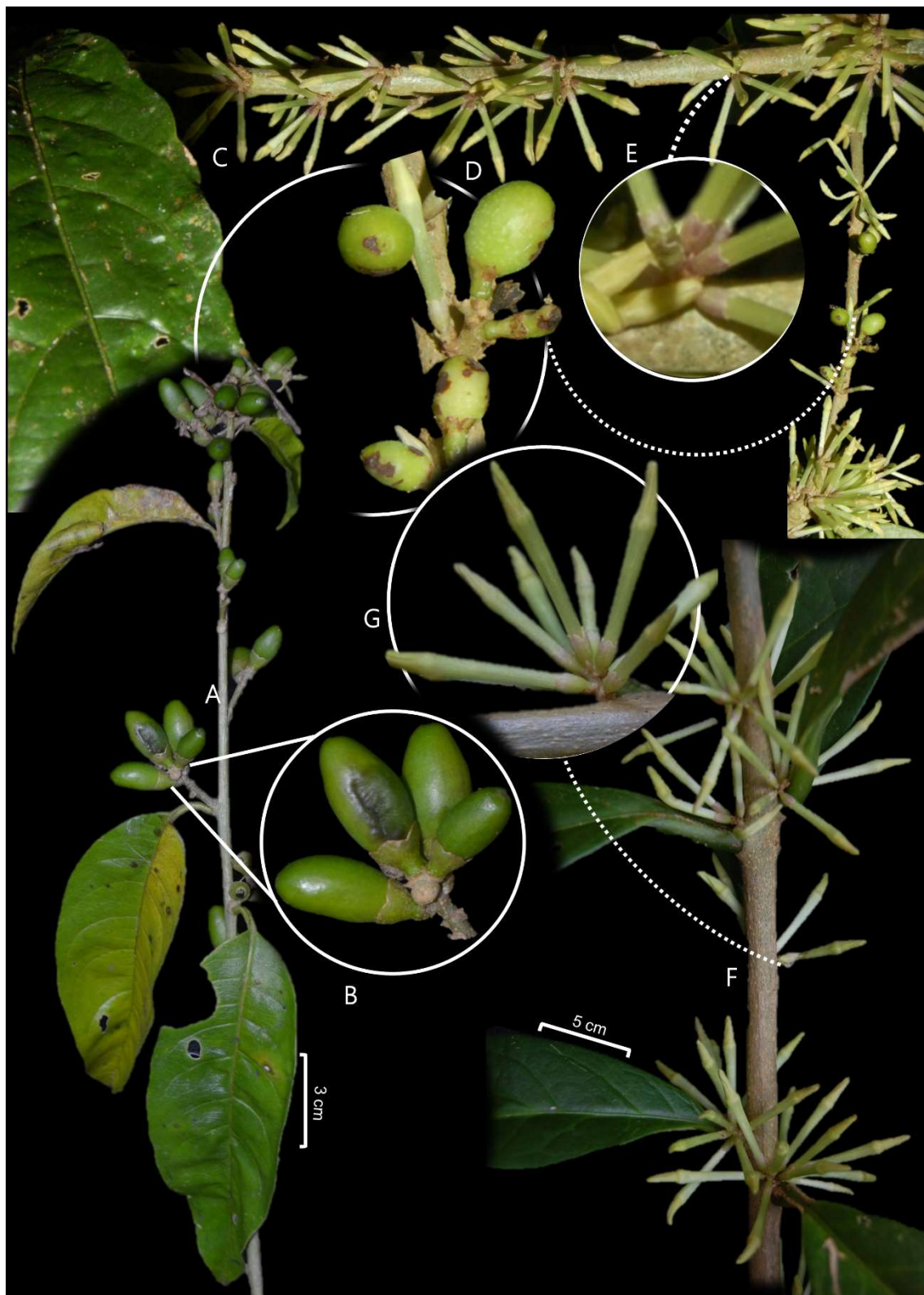


FIGURA 7. A-B: *Cestrum intermedium*: hábito da planta, formato do fruto e do cálice; C-E: *Cestrum salzmanii*: ramo com inflorescência, evidência do cálice e do formato do fruto; F-G: *Cestrum schlechtendalii*: ramo com inflorescência, detalhe da folha.



FIGURA 8. A-C: *Dysochroma jardimii*: ramo com folhas e flores; D-E: *Lycianthes pauciflora*: ramos com frutos, apêndices do cálice em evidência; *Physalis pubescens*: ramos com flores e frutos, pubescência da flor, cálice frutífero. Foto A-C: Gabriel B. Silva.

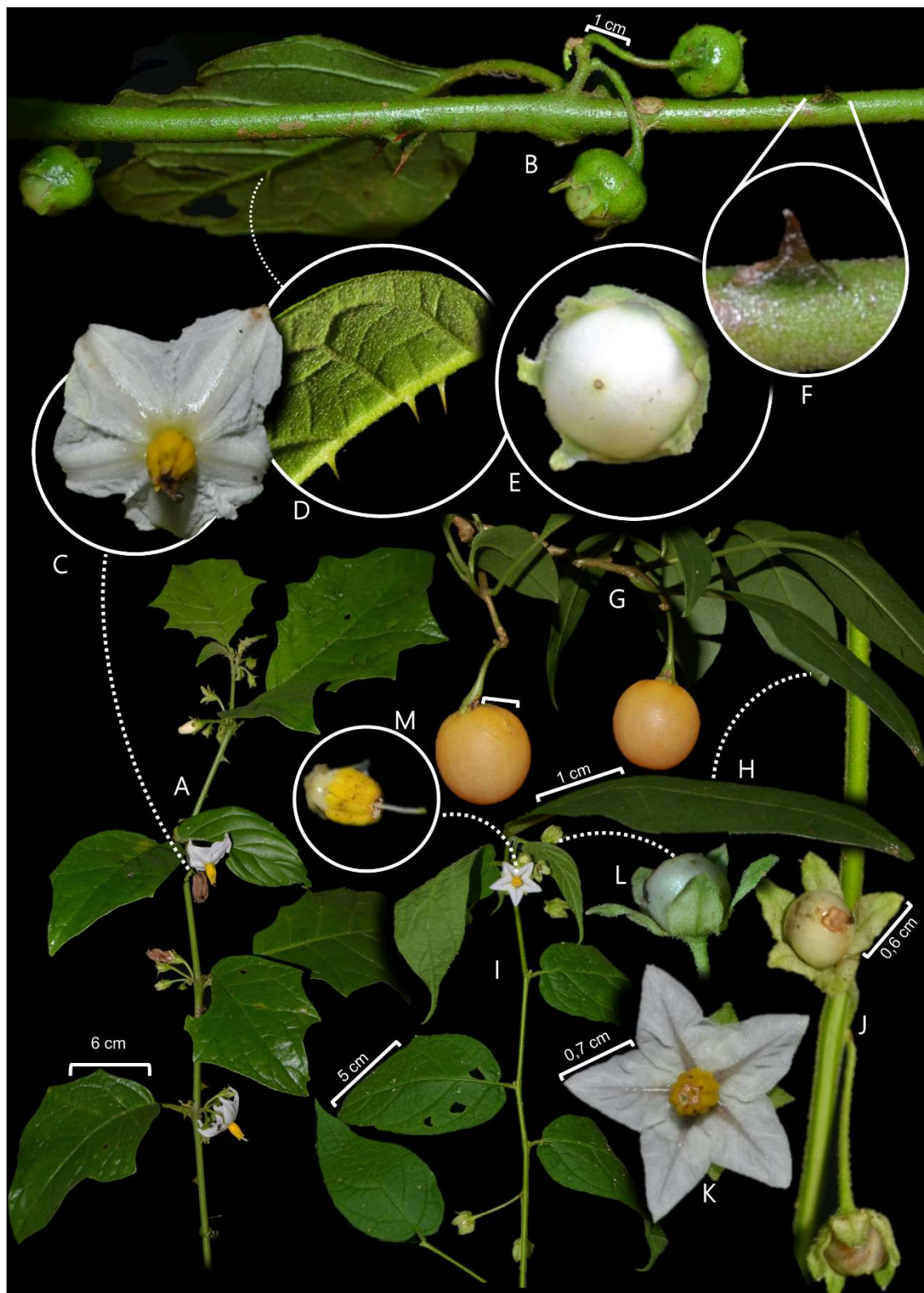


FIGURA 9. A-F: *Solanum asterophorum*: hábito, ramo com frutos, flor, indumento e acúleo; G-H: *Solanum confertiflorum*: ramo com frutos, formato da folha; I-M: *Solanum didymum*: ramos com flor e fruto, flor e anteras em destaque, evidenciando nervuras da flor ramo, formato do cálice.

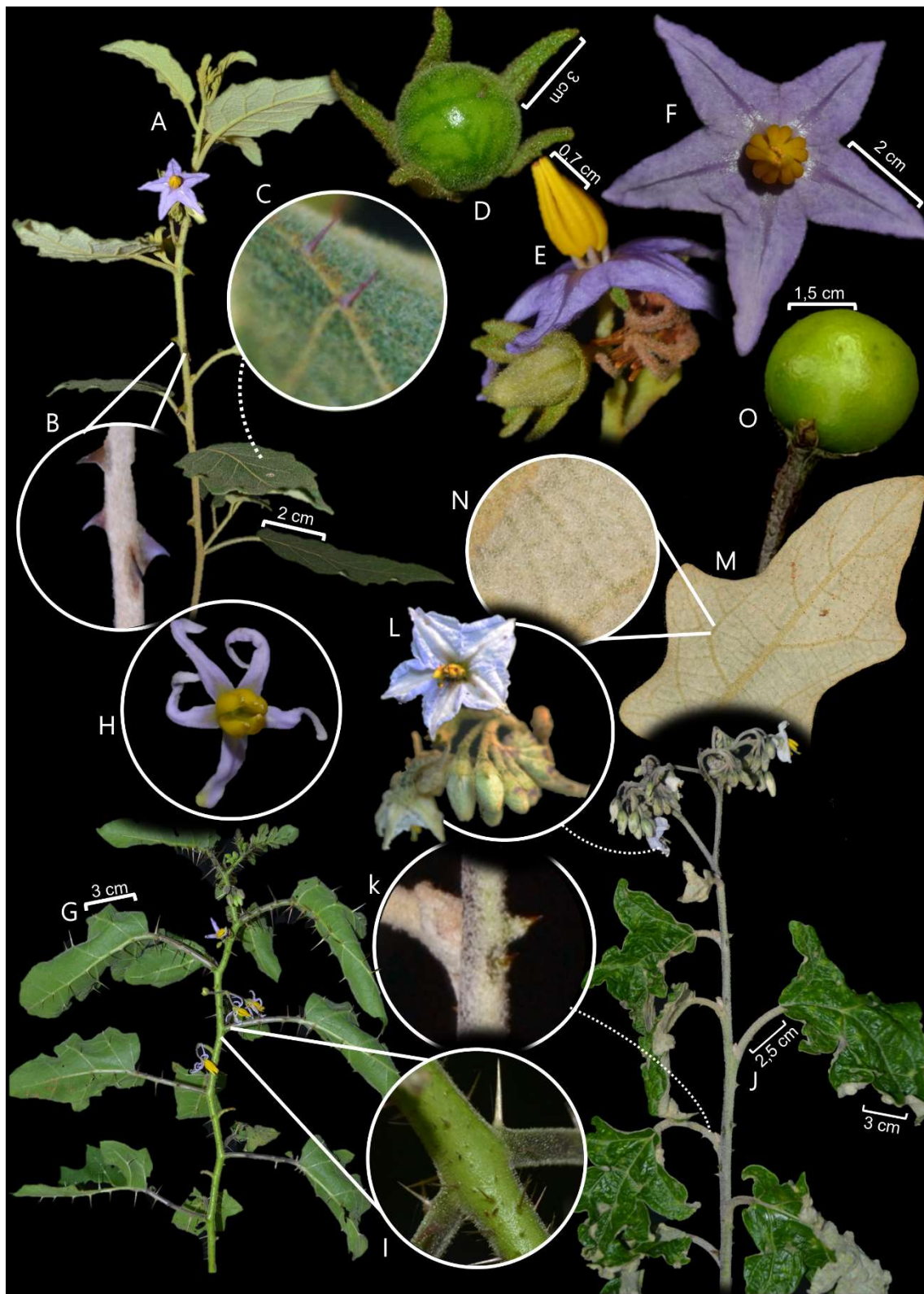


FIGURA 10. A-F: *Solanum megalonyx*: hábito, acúleo do ramo e da folha, flores e fruto em evidência; G-I: *Solanum palinacanthum*: hábito, ramo com acúleos, flor em evidência; J-O: *Solanum paniculatum*: hábito, pubescência do ramo e das folhas, flor em evidência.

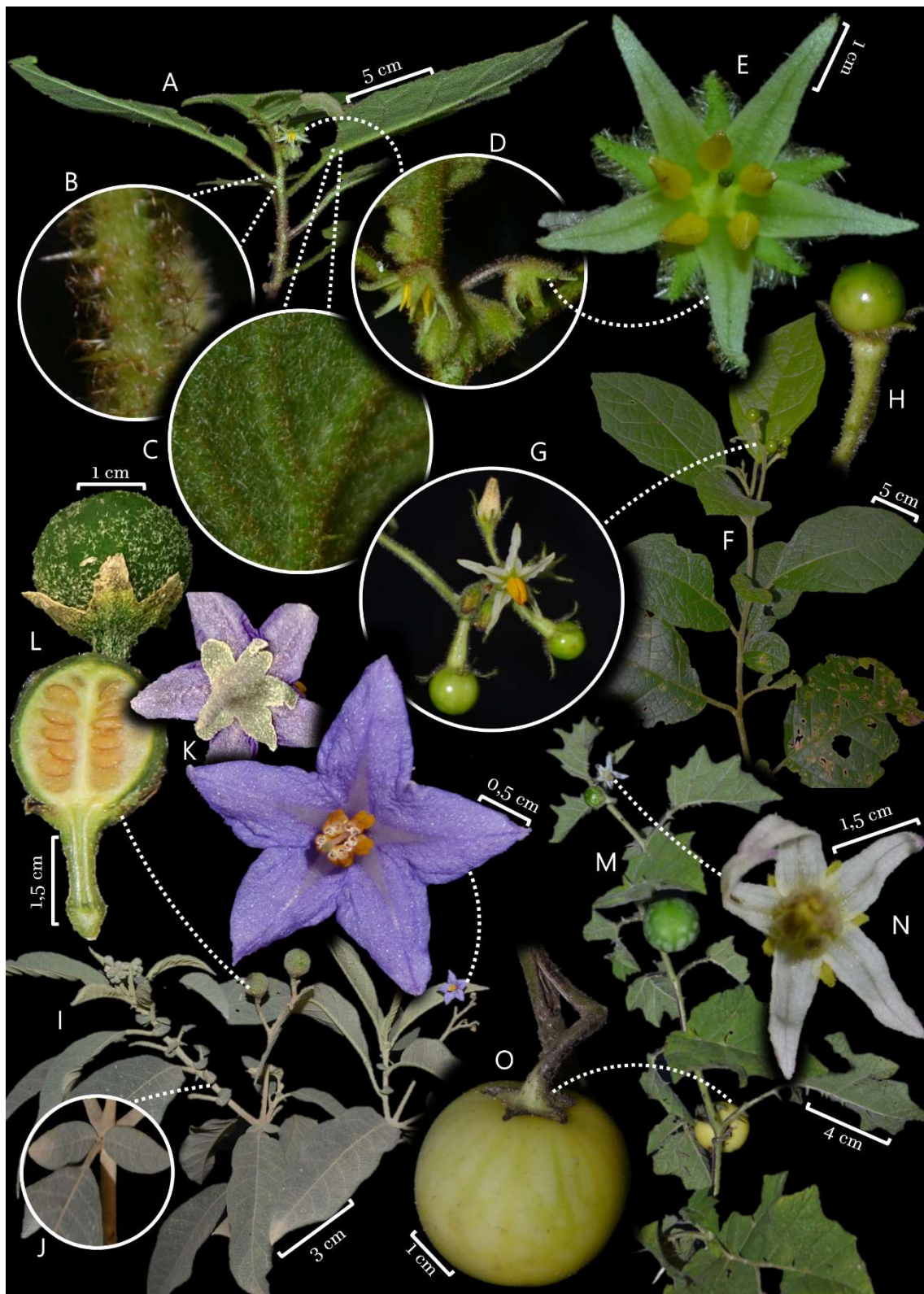


FIGURA 11. A-E: *Solanum polytrichum*: hábito, pubescência dos ramos, acúleo dos ramos flor em evidência; F-H: *Solanum reflexiflorum*: hábito, flores e fruto em evidência;

I-L: *Solanum stipulaceum*: hábito, pseudoestípulas, flores e fruto em evidência; M-O: *Solanum viarum*: hábito, flor e fruto em evidência.

Anexo I Normas de submissão para a revista Phytotaxa

Author Guidelines

Aim and scope

Phytotaxa is a peer-reviewed, international journal for rapid publication of high quality papers on any aspect of systematic and taxonomic botany, with a preference for large taxonomic works such as monographs, floras, revisions and evolutionary studies and descriptions of new taxa. *Phytotaxa* covers all groups covered by the International Code of Nomenclature for algae, fungi, and plants ICNafp (fungi, lichens, algae, diatoms, mosses, liverworts, hornworts, and vascular plants), both living and fossil. *Phytotaxa* was founded in 2009 as botanical sister journal to *Zootaxa*. It has a large editorial board, who are running this journal on a voluntary basis, and it is published by Magnolia Press (Auckland, New Zealand). It is also indexed by SCIE, JCR and Biosis.

All types of taxonomic, floristic and phytogeographic papers are considered, including theoretical papers and methodology, systematics and phylogeny, monographs, revisions and reviews, catalogues, biographies and bibliographies, history of botanical explorations, identification guides, floras, analyses of characters, phylogenetic studies and phytogeography, descriptions of taxa, typification and nomenclatural papers. Monographs and other long manuscripts (of 60 printed pages or more) can be published as books, which will receive an ISBN number as well as being part of the *Phytotaxa* series.

Checklists and vegetation surveys are only included when the data provided in the checklist or survey are analysed and discussed. Data in checklists should be interpreted to make the study relevant for the international botanical community. Range extensions of single species are generally not considered for publication, although exceptions may be possible (e.g. for invasive species of economic importance). We strongly discourage salami publication; small manuscripts with single nomenclatural act outside the context of a revisional study are outside the scope and focus of *Phytotaxa*. When in doubt, please contact the chief editor before submitting such articles.

Open Access publishing is strongly encouraged for authors who have funding to do so. For those without grants/funds, accepted manuscripts will be published, but access will be secured for subscribers only. All manuscripts will be subjected to peer review by two or more anonymous reviewers before acceptance. *Phytotaxa* aims to publish each paper within two months after the acceptance by the editors. To make this possible, authors are advised to follow the following guidelines carefully and to consult the most recent

issues of *Phytotaxa*. Therefore, when preparing your manuscript, please follow this guide carefully. During our first years, its format has varied somewhat, but we are now aiming for more uniformity.

All open access papers are licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0).

The most recent version of the *International Code of Nomenclature for algae, fungi and plants* should be applied ([Shenzhen Code 2018](#)). Author(s) of taxon names (from the rank of genus or below) must be provided when the scientific name of any plant species is first mentioned with the year of publication. These are cited as a full reference and should be included in the reference list.

Type of Manuscripts

Based on their length, three categories of papers are considered:

1) Research article

Research articles are significant papers of four or more printed pages reporting original research. Papers between 4 and 59 printed pages are published in multi-paper issues of ca. 60 pages. Monographs (60 or more pages) are individually issued and bound and will receive ISBN numbers as well as being part of the *Phytotaxa* series.

Phytotaxa encourages large comprehensive taxonomic works. There is no upper limit on the length of manuscripts, although authors are advised to break monographs of over 1000 pages into multi-volume contributions simply because books over 1000 pages are difficult to bind and too heavy to carry.

Short papers on species of economic, environmental or phylogenetic importance may be accepted at the discretion of editors, who will generally encourage and advise authors to add value to the paper by providing more information (e.g. key to species of the genus, biological information, ecology, etc.). Papers of 4 or 5 pages accepted for publication may be shortened for publication in the Correspondence section.

2) Correspondence

Manuscripts of one to four pages are welcome. We can publish these fairly rapidly because they are useful to fill blank pages in multi-paper issues. *Phytotaxa* publishes the following six types of correspondence:

- 1. Opinions and views on current issues of interests to systematic botanists.
- 2. Commentaries on or additions/corrections to papers previously published in *Phytotaxa* or elsewhere.
- 3. Obituaries of botanists.
- 4. Taxonomic/nomenclatural notes of importance.

- 5. Book reviews meant to introduce readers to new or noteworthy taxonomic works (interested authors/publishers are advised to contact the editor before submitting books for review; editors then prepare the book review or invite colleagues to write the review; unsolicited reviews are not usually published).
- 6. Short papers converted from manuscripts submitted as research articles but too short to qualify as such.

These short contributions should generally have no more than 20 references (exceptions may be considered), and the total length should not exceed four printed pages. Neither an abstract nor a list of key words is needed; major headings (Introduction, Material and Methods, etc.) should not be used, except for new taxon headings and References. A typical correspondence should consist of (1) a short and concise title, (2) author name, affiliation, address and e-mail address, (3) a series of paragraphs being the main text, and (4) a list of references (if any). The first or last paragraph may be a short summary.

Commentaries on published papers are intended for scholarly exchange of different views or interpretations of published data and should not contain personal attack; note that authors of the papers concerned may be invited to reply to comments on their papers.

3) Monographs, floras and other articles of more than 60 printed pages

Appear in book-form with their own ISBN number. They may be different from the standard formatting when the author provides reasonable arguments for doing so. Please consult the editor in such cases.

Special issues

Special issues with collected papers on a selected topic in the scope of the journal are also published. Potential guest editors should send a proposal to the chief editor for approval and instructions. Although guest editors for special issues are responsible for organizing the peer review of papers in these issues, they must follow the style of *Phytotaxa* (as laid out in this author guide) and peer review procedures. If any papers by the guest editors are to be included in the special issue, these papers must be handled by editors/colleagues other than the editor(s) involved. Special issues must be 60 or more pages. Funding may be required to offset part of the production costs. Author payment for Open Access is strongly encouraged. Reprints can be ordered for the entire issue or for individual papers.

Preparation of manuscripts

General

Please read the guidelines below and additionally consult a recent article published in *Phytotaxa* and follow the style therein.

Language. The article has to be written in British or American English throughout the manuscript. Authors whose native language is not English are encouraged to ask

colleagues familiar with the field of research and fluent in English (preferably a native speaker) to correct the language in the manuscript before submission (We also offer an in-house proofreading and editing service here: <https://store.mapress.com/author-service/93-copy-editing.html>). An article may be returned to the author without review if the language is not of an acceptable standard.

The author is also responsible for the correct usage of other languages, be it a Latin diagnosis or an abstract in a foreign language. The grammar of texts in foreign languages needs to be checked by the author before submission, and again after review if the English from which it is translated (e.g. an abstract) has changed. Latin scholars who are consulted for the correcting of diagnoses should be acknowledged.

Copy-editing. We offer a proofreading and editing service that corrects for grammar, punctuation, and spelling errors, and improves flow, clarity, and readability in a natural English tone. Your paper will also be checked for in-text citations consistent with the reference list. Whether you are a native English speaker or not, an alternate pair of eyes always helps!

Order our copy-editing service here: <https://store.mapress.com/author-service/93-copy-editing.html>

Metric measures should be used. Please use the common font Times New Roman, 12 pt and as little formatting as possible (apply only **bold** and *italics* where necessary and indent paragraphs except the first). Special symbols can be used but need to be carefully checked by the author at proof stage, because they may be altered due to incompatibility of files.

Hyphens ‘-’ are used to link words such as personal names, topographical names, some prefixes and compound adjectives that could otherwise be confused (examples: well-established, 5-sided, Kingston-upon-Thames, Kingdon-Ward, co-operation, etc.).

En-dash or en-rule ‘–’ (a dash the length of the letter ‘n’) should be used for ranges or spans. In the context of *Phytotaxa* it is mainly used for ranges of numbers, most frequently size ranges, elevational ranges, dates and page numbers (e.g. 500–1000 m, 1–3 May, 1976–1977, figs 5–7). Remember also to apply them in the reference section for ranges of volumes, years and pages. The en-dash is also used in name associations (e.g. a Federal–State agreement) and in phenology (e.g. flowering May–September).

Em-dash or em-rule ‘—’ (the length of the letter ‘m’) is used infrequently; they are used for breaks in the text or subject. In contrast to parentheses an em-dash can be used alone; e.g. “What could these results mean—that John discovered the meaning of life?” Em-dashes are also used after a subheading, for instance:

“Type:—BRAZIL . Paraná: Ponta Grossa, Furnas Gêmeas, remnant *Araucaria* forest below large sandstone cliff, 25.145°S, 049.958°W, 950–1000 m, 16 February 2008, *Christenhusz et al.* 4790 (holotype SP!, isotypes K!, MBM, NY!, P!, TI, TUR!, UC!, UPCB).”

Exclamation mark ‘!’ is used to indicate after the herbarium acronym to indicate that this voucher specimen has been seen by the author (see above).

Multiplication or times sign ‘×’. The multiplication sign × is not to be confused with the letter x. It should always be used in hybrid taxa (e.g. *Equisetum* × *schaffneri*) and in measurements of length and width (of leaves or petals, for example), for example: “leaves 1.0–4.2 × 0.4–0.8 cm”.

Dashes and hyphens should not be spaced. Please feel free to copy these symbols from this author guide and paste them into your manuscript. Using the correct symbols will speed up the editing process. Editors may return the manuscript to the author if dashes, hyphens and multiplication signs are not correctly used.

Italicisation. Generic names and all ranks below are italicised. Book and journal titles are also in italics, as well as diagnoses in Latin and Latin abbreviations (such as *sp. nov.*, *comb. nov.*, *nom. illeg.*, *et al.*). “subsp.”, “ser.”, “var.”, “cv.” and “f.” (for forma or filius) are not italicised, nor are names above the rank of genus. The abbreviation “ssp.” should be avoided and replaced by “subsp.” (for subspecies) to prevent confusion with the abbreviation spp. (= species in plural). As a general rule abbreviations are discouraged.

Abbreviations of certain words are standardised: ca. = circa, m = meter, cm = centimeter, dbh = diameter at breast height, elev. = elevation (altitude is not used for heights of land surfaces above sea level; altitude is used for heights above the earth surface, e.g. of an airplane), *sp. nov.* = new species, *comb. nov.* = new combination, *gen. nov.* = new genus, subsp. = subspecies, sect. = section, pers. comm. = personal communication, etc. Herbarium acronyms follow *Index Herbariorum* <http://sweetgum.nybg.org/ih/>

Citation of author names

Author abbreviations are seldom used (generally only for basionym authors and new taxa proposed in the manuscript); they are generally cited fully in the references. This means that the name is not abbreviated but the surname is written in full, followed in brackets by the year of publication, a colon, and the page number of the page where the name was published. This is treated as a normal citation, and thus the full article in which the species was published has to be cited in the references. (Include full title of the article, full journal title and full page range.) This is obligatory for all taxonomic articles and articles in which fewer than 30 taxa are mentioned. In articles that deal with a larger number of species (such as ecological or phylogenetic studies or checklists) this is not encouraged because it is impractical. If uncertain, please contact an editor about this matter.

Author abbreviations (strictly following IPNI) are only used in larger monographs and checklists, but even in these articles names in introductions and running text are properly cited in the references. Taxon author names should be cited only once, when the taxon/species first appears in the text. *Phytotaxa* aims to have all taxonomic sources cited included in the reference section. Citation of species authors is as follows:

- *Hymenophyllopsis asplenioides* A.C.Sm. in Gleason (1931: 302). Smith is abbreviated here because it is published in Gleason, which is the proper article to cite.

- *Cyathea asplenioides* (A.C.Sm.) Christenhusz (2009: 39). Smith is abbreviated here because the basionym is already given above.
- *Cyathea gibbosa* (Klotzsch 1844: 542) Domin (1929: 262). Both the basionym and new combination are cited because the basionym is not given above.

In the references:

Christenhusz, M.J.M. (2009) New combinations and an overview of *Cyathea* subg. *Hymenophyllopsis* (Cyatheaceae). *Phytotaxa* 1: 37–42.

Domin, C. (1929) *Pteridophyta*. České Akademie, Prague. 276 pp.

Gleason, H.A. (1931) Botanical results of the Tyler-Duida expedition. *Bulletin of the Torrey Botanical Club* 58: 227–344.

Klotzsch, J.F. (1844) Beiträge zu einer Flora der Äquinoctial-Gegenden der neuen Welt, Filices. *Linnaea* 18: 525–556.

Deposition of voucher specimens and GenBank numbers

Authors of new taxa are required to deposit type specimens in national or international public museums or collections, preferably ones listed in the *Index Herbariorum* that are provided with a corresponding acronym.

Authors are also advised to request registration numbers of deposited sequences in GenBank in advance of the submission of papers to avoid unnecessary delay of publication. Descriptions of species can also be linked to other sources such as the *Encyclopedia of Life*. For fungi MycoBank numbers need to be provided.

Some countries (e.g. Australia, Brazil, Peru) require that primary type specimens (holotypes) be deposited in collections in the country of origin; authors are advised to take this into consideration.

Geography and elevation

Please apply the word ‘elevation’ when dealing with geological features. ‘Altitude’ is here defined as the distance above the surface of the Earth, whereas ‘elevation’ applies to the height of an earth surface above sea level.

For country names (always capitalised in specimen citations) and provinces (followed by a colon), the standard spellings in English followed by the UN apply (e.g. Kyrgyzstan not Kirghizia, Madagascar not Malagasy Republic etc.). For a standard list of countries and areas see: <http://unstats.un.org/unsd/methods/m49/m49alpha.htm>. Exceptions may be discussed with the editor.

Title

The title should be concise and informative and should cover the content of the article. No author names of taxa are given in the title. Family names should always be included. The higher taxa containing the taxa dealt with in the paper (when appropriate) should be indicated in parentheses, example: **A taxonomic revision of the genus *Aa* (Cranichidae, Orchidoideae, Orchidaceae).**

Names and affiliations of article author(s)

Names of all authors must be given below the title and should be typed in upper case (e.g. ADAM J. SMITH, BRIAN SMITH & CAROL SMITH). Inclusion of all major contributors to the work should be considered.

Below the names, the address(es) of professional affiliation for each author should be given in *italics* each starting on a separate line. E-mail address(es) should be provided if available. Affiliation addresses are linked to the author names by numbers in superscript and are provided in corresponding order.

Abstract

The abstract should cover concisely contents of the paper and should be phrased such that additional key words are not necessary. Any new names or new nomenclatural acts proposed in the article should be mentioned. No taxon author names are to be included in the abstract. Introductory information should not be included in the abstract, neither should be the citation of references.

Abstracts in other languages using the Latin alphabet may also be included in addition to English and should be a direct translation of the English abstract. The spelling and grammar of these abstracts in other languages is the responsibility of the author. An abstract in another language should be corrected if there are any changes in the English abstract during the editorial process.

Key words

Key words may be given when the abstract does not already cover these. The key words may not include words that are already in the title, and they should be given in alphabetical sequence.

Abstracts and key words are not included in short Communications.

Introduction

The introduction should place the study in context, and it should provide recent or historical background relevant to the study. This information should not be included in the abstract. Author names of a taxon should be cited only once, when the taxon/species first appears in the text.

Material & Methods

Materials and methodology used in empirical studies should be concisely provided. Herbaria consulted can be listed here, if not done so in the Acknowledgements. Field work should be highlighted. Floras and other taxonomic works consulted to identify the plant material involved in a study should be cited.

Results

The results section should only present the results of the study. Do not mix results and discussion. Combined Results/Discussion sections are discouraged. Citations of other literature are not normally permitted in the Results section.

Discussion

Discuss your results and place these in the context of the introduction.

Conclusion

The conclusion should state what the scientific contribution of your study is (ask yourself the question: ‘What can we learn from this study and how do the results help us to understand the questions asked in the introduction and discussion?’). It is helpful for other researchers to point out further studies that may be needed in the future.

Taxonomy

A taxonomy section should start with each taxon in bold italics. Abbreviations of authors of new species should be given (following IPNI, not bold), and these should be followed by the correct designation (in italics, not bold, e.g. *comb. nov.*, *nom. nov.*, *spec. nov.*, *stat. nov.*, etc.). When species are not newly described, the author names should be followed by the year and page of publication (and the full article should be included in the references).

All new taxa need to be accompanied by short diagnoses in English or Latin that describe the new taxa. If you prefer Latin, please make sure the language is used correctly. The editors will generally not correct your Latin diagnoses. A specimen needs to be designated as its type (following the ICNafp), and the holotype must have been studied by the author of the species. It is encouraged that, when possible, the holotype is deposited in the country of origin, and that two isotypes are deposited in major herbaria where the specimens will be available for public study.

Taxonomic descriptions should be organised describing the plants from below to above and from outside towards the inner parts. Of course, this is different for each taxon and can thus follow a variable. Subsections of descriptions can be highlighted using italics. Additional data (e.g. distribution, ecology, etymology, etc.) may follow. Often these are subheaded by ‘:—’ (m-dash).

Specimens are cited as follows:

COUNTRY. Province: Locality, elevation, coordinates, date (day month (in full) year), *Collector number* (herbarium acronym in upper case). All specimens studied should be cited. Lectotypes, neotypes and epitypes should always be followed by the reference where they are designated, for example:

Lectotype (designated by Smith 2000/designated here):—FINLAND .
Uusimaa: Helsinki, Kaisaniemi Park, 27 April 1976, *Virtanen* 22 (H!).

Keys

Identification keys should be dichotomous, and the leads should (preferably) be opposite to each other in meaning so that the species can be easily distinguished. Please do not format the key; provide it in the following simple layout:

1. Bracts longer than pedicels; filaments with 1 acute lobe at apex on either side of anther ... *Ornithogalum nutans*

- Bracts shorter than pedicels; filaments without apical lobes on anther ... 2.
- 2. Inflorescence corymbose; tepals longer than 14 mm ... *Ornithogalum angustifolium*
- Inflorescence racemose; tepals shorter than 14 mm ... *Ornithogalum pyrenaicum*

Acknowledgements

The format for the Acknowledgements is variable, and anyone can be thanked for their contribution. Please consider co-authorship for people that contributed to the study in a major way, especially contributors of specimens or laboratory work.

References

All literature cited in the text (including full articles of taxon authors) should be included. Please check this carefully before submission because errors are common. References should be cited in the text as Smith (1999), Smith & Jones (2000) or Smith *et al.* (2001), the latter when there are three or more authors, or alternatively in a parenthesis (Adams 2000, Smith & Jones 2000, Jones 2001, Smith *et al.* 2001). The citation of floras, revisions and monographs used to identify the collections on which the study is based is strongly encouraged.

Please include DOI for papers that have these. This facilitates linking to papers that have online versions.

Journal article: Author, A. & Author, B.C. (YEAR) Title of the paper. *Title of the journal in full in italics* volume: x–y. For example:

Christenhusz, M.J.M., Zhang, X.-C. & Schneider, H. (2011) Linear sequence of extant families and genera of lycophytes and ferns. *Phytotaxa* 19: 7–54.

Book chapter: Author, A. & Author, B.C. (YEAR) Title of the chapter. *In:* Author, A., Author, B.C. & Author, D. (Eds.) *Title of book in italics*. Publisher name, City, pp. x–y. For example:

Schneider, H., Kreier, H.-P., Janssen, T., Otto, E., Muth, H. & Heinrichs, J. (2010) Key innovations versus key opportunities: identifying causes of rapid radiations in derived ferns. *In:* Glaubrecht, M. (Ed.) *Evolution in action*. Springer, Berlin, pp. 61–76.

Book: Author, A. & Author, B.C. (YEAR) *Title of book in italics*. Publisher name, location, xyz pp. For example:

Copeland, E.B. (1947) *Genera filicum*. Chronica Botanica, Waltham, Massachusetts, 247 pp.

Internet source: Author, A. (YEAR) *Title of website, database or other resources*, Publisher name and location (if indicated), number of pages (if known). Available from: <http://xxx.xxx.xxx/> (Date of access). For example:

IUCN (2010) *The IUCN red list of threatened species*, version 2010.4. IUCN Red List Unit, Cambridge U.K. Available from: <http://www.iucnredlist.org/> (accessed: 19 May 2011).

Dissertations resulting from graduate studies and non-serial proceedings of conferences/symposia are to be treated as books and cited as such. Articles not cited in the manuscript should not be included in the References section.

Figures and Tables

Legends of figures and tables should be listed after the list of references within the same file of the manuscript. Legends for tables and figures should start with **TABLE** or **FIGURE** followed by its number and a full stop. Illustrators and photographers should be mentioned in the figure legend, and if the illustrator is not one of the authors he/she should also be acknowledged. All figures and tables need to be referred to in the text.

Example:

FIGURE 1. Distribution map of *Psilotum nudum* in the Caribbean region.

When preparing illustrations, authors should bear in mind that the journal has a matter size of 25 cm by 17 cm and is printed on A4 paper. For species illustrations, line drawings are preferred, although good quality black and white or colour photographs are also acceptable. See a guide [here](#) for detailed information on preparing plates for publication; this guide was prepared by Dr Daniel Geiger for *Zootaxa*, but it applies equally to *Phytotaxa*.

Line drawings must be scanned at 600 to 1200 dpi as line art (bitmap, =1 bit); they must NOT be scanned as 8 bit or full colour images. Pictures and line drawings should be saved as TIFF files. In some cases PDF or DOC files are acceptable. JPG is not an accepted format. Do not scan line drawings as JPG files because this creates blurry or pixellated images. Sufficient resolution should be provided, but it is up to the author to do so. Low resolution figures can only be printed at a small size.

Tables, if any, should be provided at the end of the manuscript. Please use the table function in your word processor to build tables such that the cells, rows and columns remain aligned when font size and width of the table are changed. Please do not use the tab key or space bar to type tables.

Submission

All manuscripts should be sent by [online submission facility](#)* Older versions of IE (Internet Explorer 9.0 or earlier) may not be compatible with the new online submission system. A latest version of IE or similar browser (ie. Chrome, Mozilla Firefox and etc.) is more preferable.

More author information for submission system, please click [here](#).

Please follow the above guidelines in detail and check if your manuscript has been prepared according to the style and format of the journal. When you submit your manuscript, it will be more expedient for the review process if you provide the names of three or more potential reviewers with their email addresses.

For legal purposes it should be noted that upon submitting an article the authors agree to the following:

- 1) All authors agree to its submission and the corresponding author has been authorised by co-authors
- 2) This article has not been published before and is not concurrently being considered for publication elsewhere (including another editor of *Phytotaxa*)
- 3) This article does not violate any copyright or other personal proprietary right of any person or entity, and it contains no abusive, defamatory, obscene or fraudulent or any other statements that are unlawful in any way.

If the manuscript submitted does not follow this guideline, it will not be processed.

For manuscripts with numerous illustrations, which might be saved as separate TIFF or JPG files, it will be easier and more efficient for the purpose of review and for the subject editors and reviewers to have the figures converted into one larger [PDF](#) (Portable Document Format) file, instead of requiring the subject editor to save many files, cutting and copying these into a string of messages/files to the reviewers. You should retain the original figures in a higher resolution format for the final production of the accepted paper. For the text, PDF file along with original DOC files are preferred. The advantage of submitting an RTF file for the text part of the manuscript is that the reviewers can amend the manuscript electronically. If you cannot prepare PDF files, then submit text in RTF and the figures in TIF (line drawing scanned at 600 dpi and half tone at 300 dpi; please use LZW compression, if you can, to reduce the size of e-files for easy transmission); if halftone TIFF files are too big (exceeding 2 MB), then submit them in jpeg. See [here](#) for detailed information on preparing plates for publication.

Authors of accepted papers will be asked to submit an electronic version of the manuscript so that the publisher does not need to re-key or scan the manuscript. At this stage, the text part of the manuscript must be submitted as DOC (MS Word) files and figures as TIF files.

In submitting the final version of revised manuscript to editors, authors are asked to provide the following information to aid typesetting and indexing of the manuscript:

- 1) All the authors' names, emails and orcid. (<https://orcid.org/>)
- 2) Author last name and running title (<60 characters; to be used in footer)
- 3) Higher level taxon (i.e. taxon section in *Phytotaxa* website in which the article should be filed) and number of new taxa described in the paper

Authors need to complete and return an [Assignment of Copyright](#) form when a paper is accepted for publication. Authors from institutions that do not allow transfer of copyrights to publishers (e.g. government institutions such as USDA, CSIRO) should attach a copyright waiver or similar document.

Review process

When a manuscript is received by the [Editor](#), he/she will have it reviewed by at least two peers qualified to evaluate the manuscript. The editor normally asks the reviewers to complete the review within one month. However, the reviewing process may take longer, depending on the length of the manuscript and reviewers' responses. Revised manuscripts must be submitted within three months of editor decision. For long manuscripts requiring more time, the authors should explain to the subject editor and apply for an extension.

Journal Production and Publication

Once the manuscript is accepted by your subject editor, final files, produced according to the requirements above, will be forwarded by your subject editor to the managing editor, who will liaise with the copy editor, author and printer to ensure that the article is published without unnecessary delay. Normally the proof will be sent to the author for checking one to three weeks after the final files are accepted. The paper will usually be published within two weeks (for larger papers it may take longer) once the corrections to the proof are received.

Page charge and colour plates. There is no mandatory page charge for publishing in *Phytotaxa*. Publication of colour figures/photographs in online editions are also free of charge (print version in black and white). If colour plates in the print edition are desired, authors will be asked to contribute the full cost. Current rates: 300 USD for the first colour page and 200 USD for each additional colour page.

Open access. *Phytotaxa* endorses open access publication of taxonomic information. Authors who have funds to publish are strongly encouraged to pay a fee of 20 US\$ per printed page to give free online access of their papers to all readers at the *Phytotaxa* site or their own site. Open access papers are read by many more people and can be expected to have higher citation rates.

Reprints. Each author will be given a free e-reprint (PDF) for personal use (printing a copy for own use or exchange with other researchers, but not for deposition in a library or on a website/ftp-site for public access).

Printed copies of each paper/monograph in the form of the regular reprint can also be produced by the Publisher for purchase by authors, with a discount based on the number of copies ordered; quotes for price will be provided when proofs are returned.

Order reprints here: <https://store.mapress.com/author-service/66-reprints.html>

Order hard copies here: <https://store.mapress.com/hard-copies/67-hard-copy.html>

A designated cover image will appear as the online issue cover image or printed volume cover image when published. If you would like your image to be put there please visit:

Order Designate cover image here: <https://store.mapress.com/author-service/68-244-designated-cover.html>

References

Angiosperm Phylogeny Group [APG III] (2009) An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161: 105–121. DOI: 10.1111/j.1095-8339.2009.00996.x (see also <http://mapress.com/phytotaxa/content/2011/f/pt00019p134.pdf>)

Christenhusz, M.J.M., Zhang, X.-C. & Schneider, H. (2011a) Linear sequence of extant families and genera of lycophytes and ferns. *Phytotaxa* 19: 7–54. <http://mapress.com/phytotaxa/content/2011/f/pt00019p054.pdf>

Christenhusz, M.J.M., Reveal, J.L., Farjon, A., Gardner, M.F., Mill, R.R. & Chase, M.W. (2011b) A new classification and linear sequence of extant gymnosperms. *Phytotaxa* 19: 55–70. <http://mapress.com/phytotaxa/content/2011/f/pt00019p070.pdf>

Important links

- Botanicus: <http://www.botanicus.org/>
- Gallica: <http://www.gallica.fr/>
- Biodiversity heritage library: <http://biodiversitylibrary.org>
- Genbank: www.ncbi.nlm.nih.gov/genbank/
- Index fungorum: <http://www.indexfungorum.org/Names/Names.asp>
- MycoBank: <http://www.mycobank.org/>
- Index herbariorum: <http://sweetgum.nybg.org/ih/>
- International code of Nomenclature for algae, fungi, and plants (Shenzhen code): <http://www.iapt-taxon.org/nomen/main.php>
- International plant name index: <http://www.ipni.org/>
- Tropicos: <http://www.tropicos.org/>
- World checklist of selected plant families: <http://apps.kew.org/wcsp>
- Jstor Plants science: <http://plants.jstor.org>
- The Plant List, <http://www.theplantlist.org>

Copyright Notice

Authors need to complete and return an [Assignment of Copyright](#) form when a paper is accepted for publication. Authors from institutions that do not allow transfer of copyrights to publishers (e.g. government institutions such as USDA, CSIRO) should attach a copyright waiver or similar document.

Privacy Statement

The names and email addresses entered in this journal site will be used exclusively for the stated purposes of this journal and will not be made available for any other purpose or to any other party.